

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
Centro de Educação Física e Desportos – CEFD
Campus de Vitória – ES

VALDIONE DOS SANTOS RIBEIRO

**(DES)VENTURAS DE UM PROFESSOR COM OS JOGOS
ESPORTIVOS COLETIVOS COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA PARA
O ENSINO DO FUTEBOL NA ESCOLA**

VITÓRIA – ES
2022



VALDIONE DOS SANTOS RIBEIRO

**(DES)VENTURAS DE UM PROFESSOR COM OS JOGOS ESPORTIVOS
COLETIVOS COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA PARA O ENSINO DO FUTEBOL
NA ESCOLA**

Dissertação apresentado junto ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF, junto à Universidade UFES e ao Núcleo de Educação a Distância da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – NEAD/UNESP, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação Física.

Área de Concentração: Educação Física Escolar.

Orientador: Prof. Dr. Ubirajara de Oliveira

VITÓRIA – ES
2022



Ficha Catalográfica:

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Setorial de Educação Física e Desportos da Universidade
Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

R484d Ribeiro, Valdione dos Santos, 1989-
(Des)venturas de um professor com os jogos esportivos
coletivos como prática pedagógica para o ensino do futebol na
escola / Valdione dos Santos Ribeiro. – 2023.
134 f. : il.

Orientador: Ubirajara de Oliveira.

Acompanha Produto Técnico: (Des)venturas dos jogos
esportivos coletivos como prática pedagógica para o ensino do
futebol na escola. Modo de acesso:

https://drive.google.com/file/d/19cjJbbIhXrBmrs9fvZhhI4nj-L8QAAYA/view?usp=share_link

Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em
Rede Nacional-PROEF) – Universidade Federal do Espírito
Santo, Centro de Educação Física e Desportos ; [coordenação]
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

1. Futebol. 2. Jogos. 3. Escolas – Exercícios e jogos. 4.
Professores de educação física. I. Oliveira, Ubirajara de. II.
Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Educação
Física e Desportos. III. Universidade Estadual Paulista Júlio de
Mesquita Filho. IV. Título.

CDU: 796

Elaborado por Bruno Pacheco Coelho Leite – CRB-6 ES-765

Ribeiro, Valdione dos Santos

(Des)Venturas de um professor com os jogos esportivos coletivos como prática pedagógica para o ensino do futebol na escola/ **Valdione dos Santos Ribeiro. – Linhares**

134f : il. ;

Orientador(a): Ubirajara de Oliveira

Dissertação (Mestrado) – Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2022.

1 Futebol. 2. Jogo. 3. Jogos Esportivos Coletivos. 4. Escola. I. Valdione dos Santos Ribeiro II. Título. (DES)Venturas de um professor com os jogos esportivos coletivos como prática pedagógica para o ensino do futebol na escola

VALDIONE DOS SANTOS RIBEIRO

**(DES)VENTURAS DE UM PROFESSOR COM OS JOGOS
ESPORTIVOS COLETIVOS COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA PARA
O ENSINO DO FUTEBOL NA ESCOLA**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF da [Nome da IES Associada], como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Educação Física.
Área de Concentração: Educação Física Escolar.

Orientador: Prof. Dr. Ubirajara Oliveira

Data da defesa: 27/01/2023

Membros componentes da Banca Examinadora:

Presidente e Orientador: Prof. Dr. Ubirajara Oliveira
Universidade Federal do Espírito Santo

Membro Titular: Prof. Dr(a). Mariana Zuaneti Martins
Universidade Federal do Espírito Santo

Membro Titular: Otávio Guimarães Tavares da Silva
Universidade Federal do Espírito Santo

**Vitória -ES
Universidade Federal do Espírito Santo
Centro de Educação Física e Desportos – CEFD
UFES – campus Goiabeiras**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO
SANTO CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E
DESPORTOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA EM REDE
NACIONAL

**ATA DO 14º (DÉCIMO QUARTO) PROCESSO DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO
DEMESTRADO DO COLEGIADO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO FÍSICA EM REDE NACIONAL – NÚCLEO CEFD/UFES**

Aos vinte e sete dias do mês de janeiro do ano de dois mil e vinte e três, realizou-se uma reunião para o processo de defesa pública da dissertação "**(Des)venturas dos Jogos Esportivos Coletivo como prática pedagógica para o ensino do futebol na escola**", do mestrando **Valdione dos Santos Ribeiro**, na linha de pesquisa Educação Física Escolar. A banca examinadora foi composta pelos seguintes professoresdoutores: **Prof. Dr. Ubirajara Oliveira** (Orientador – UFES), Mariana Zuaneti Martins(UFES) e Otávio Guimarães Tavares da Silva (UFES). Os trabalhos iniciaram-se às 15:00 horas com a apresentação da síntese da dissertação e do produto educacional“e-book” feitos pelo mestrando. Em seguida, os membros da banca examinadora realizaram a arguição.

Em reunião para a avaliação da dissertação, a banca examinadora tomou a seguinte decisão:

Que a dissertação foi (X) APROVADA

() NÃO APROVADA

Observações: _____

Prof. Dr. Ubirajara Oliveira (Orientador – UFES)



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por
UBIRAJARA DE OLIVEIRA - SIAPE 2340851
Departamento de Desportos -
DD/CEFDEm 27/01/2023 às 18:09

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link: <https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/639879?tipoArquivo=O>

Profa. Dra. Mariana Zuaneti Martins (UFES)

O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo



Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por MARIANA ZUANETI MARTINS - SIAPE 1132352

Departamento de Desportos - DD/CEFDEm 31/01/2023 às 14:00

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link: <https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/641764?tipoArquivo=O>

Prof. Dr. Otávio Guimarães Tavares da Silva



Documento assinado digitalmente

OTAVIO GUIMARAES TAVARES DA SILVA

Data: 30/01/2023 10:22:36-0300

Verifique em <https://verificador.iti.br>



AGRADECIMENTOS

Meu primeiro agradecimento vai para o meu marido Magno, a quem chamo de Bi, que mesmo sem ter a mínima noção do que representa fazer um mestrado,, fez o que pôde para deixar meu fardo mais leve, simplesmente porque ele entendi que era importante para mim.

Agradeço a Dona Mãezinha que me deu aquele cafuné e emprestou o seu colo para eu descansar. A meu falecido pai, Meu Velho, por ter me dito a coisa certa no momento em que eu pretendia fazer a coisa errada.

A meu filhote Sunny, um *York Shire* que me atazanava nos momentos em que eu estava mais ocupado, no entanto parecia saber que eu estava precisando parar para descansar.

Quero agradecer ao meu orientador, professor Ubirajara, o Bira, que caminhou comigo durante todo o processo e me ajudou a carregar esse fardo, principalmente quando dei minha primeira “topada” durante o percurso.

Tenho que agradecer aos meus alunos que embarcaram nessa barca cheia de buracos que no início parecia que naufragaria: vocês me ajudaram a consertar todos os buracos.

Uma menção honrosa ao Emicida e ao Mano Brown que no momento de desespero me deram aquele famoso tapa na cara para eu me recompor. Espero ter a oportunidade de um dia pedir a vocês para autografarem essa dissertação e dizer o quanto suas letras ajudam pessoas como eu por aí.

Outra menção honrosa a Simone Simons, Mark Jensen e a toda a banda Epica por terem me embalado nas horas em que escrevia essa dissertação.

“Eu sempre falo pros cara...

O negócio é a luta! E estudar o que você está fazendo.

Pô, cê vai vestir a roupa do Bruce Lee você não vai ser um faixa preta.

Só porque cê tá com a roupa dele,

Ou o corte de cabelo dele...

Você tem que estudar 30 anos de karatê ali. Morô?

Então você vende sonho pro moleque, mas você não vende o que tem que ser feito.”

Mano Brown (2020)

RIBEIRO, Valdione dos Santos. (Des)venturas de um professor com os jogos esportivos coletivos como prática pedagógica para o ensino do futebol na escola. Orientador: Prof. Dr. Ubirajara de Oliveira. 2022. 133 fls. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF) – Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), campus Goiabeiras, Vitória, 2022.

RESUMO

O futebol é o esporte que ganha maior destaque na sociedade brasileira e por consequência, nas aulas de Educação Física escolar. Pensar no ensino do futebol como conteúdo escolar é refletir sobre sua presença nas aulas para além do simplesmente jogar bola e para isso, novas propostas metodológicas devam ser utilizadas. Pensando nisso, esse trabalho objetivava a exploração de uma prática pedagógica baseada em jogos que permita ampliar o desenvolvimento da cultura do futebol no contexto escolar, problematizando e refletindo o ensino de modo que se oponha a modelos tradicionais de ensino. Lançando mão da abordagem da pesquisa-ação, onde todos os atores envolvidos no processo buscam alternativas para a solução dos problemas encontrados, a proposta pedagógica explorada foi a dos Jogos Esportivos Coletivos (JEC), que utiliza jogos que envolvem os alunos em situações problema que são encontrados durante a partida de futebol, problemas esses que devem ser compreendidos e pensados coletivamente a fim de se obter a solução sem que, no entanto, haja prejuízo da individualidade, isto é, o individual ajudando o coletivo. Os resultados encontrados no universo da pesquisa foram satisfatórios, uma vez que o desenvolvimento das habilidades táticas/técnicas foram perceptíveis nos alunos; já no que diz respeito as questões sociais os debates realizados se não provocaram mudanças imediatas, foram capazes de proporcionar reflexões sobre assuntos que antes nem eram notados pelos alunos. Como conclusão, foi identificado que a proposta metodológica de ensino do futebol através dos JEC mostrou-se eficaz no universo da pesquisa e que pode ser uma alternativa para todo professor que tenha a pretensão de ministrar o conteúdo esportivo nas aulas para além dos métodos tradicionais.

Palavras-chave: Futebol. Jogo. Jogos Esportivos Coletivos. Escola.

RIBEIRO, Valdione dos Santos. (Des)venturas de um professor com os jogos esportivos coletivos como prática pedagógica para o ensino do futebol na escola. Orientador: Prof. Dr. Ubirajara de Oliveira. 2022. 133 fls. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF) – Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), campus Goiabeiras, Vitória, 2022.

ABSTRACT

Football is the sport that gains greater prominence in Brazilian society and, consequently, in school Physical Education. Thinking about teaching football as a school content is to reflect on its presence in classes beyond simply playing ball and for that, new methodological proposals should be used. With that in mind, this work aims to explore a pedagogical practice based on games that allows expanding the development of football culture in the school context, problematizing and reflecting on teaching in a way that opposes traditional models of sports education. Using the action research approach, where all the actors involved in the process seek alternatives to solve the problems encountered, the pedagogical proposal explored is the Collective Sports Games (JEC), which uses games that involve students in problem situations that are encountered during a football match, problems that must be understood and thought about collectively in order to obtain a solution without, however, harming individuality, that is, the individual helping the collective. The results found in the research universe were satisfactory, since the development of tactical/technical skills was noticeable in the students; with regard to social issues, the debates held, if not causing immediate changes, were able to provide reflections on issues that were not even noticed by students before. In conclusion, it was identified that the methodological proposal for teaching football through the JEC proved to be effective in the universe of research and that it can be an alternative for any teacher who intends to teach sports content in classes beyond traditional methods.

Keywords: Football. Games. Collective Sports Games. School.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	19
2 OBJETIVOS	24
2.1 OBJETIVO GERAL	24
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	24
3 O FUTEBOL COMO MANIFESTAÇÃO CULTURAL	25
3.1 ENQUANTO ISSO NA ESCOLA.....	38
4 O JOGO COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA DE ENSINO ESPORTIVO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	42
5 JOGOS ESPORTIVOS COLETIVOS (JEC)	54
6 METODOLOGIA	65
7 RESULTADOS E DISCUSSÕES	70
7.1 <i>PARABELLUM</i>	70
7.2 QUE OS JOGOS COMECEM	71
7.3 “JOGARIA SE EU SOUBESSE”	73
7.4 O SOL É PARA TODOS	80
7.5 GLADIADORES EM CAMPO.....	87
7.6 FUTEBOL É COISA DE “MACHO”, DE “FÊMEA” E DE “FRESCO”	97
7.6.1 “Respeite as minas”	97
7.6.2 “Respeite as monas”	105
7.7 A DIFERENÇA INVISÍVEL.....	113
7.8 O CICLO SE FECHA	116
CONSIDERAÇÕES FINAIS	121
REFERÊNCIAS	124

APRESENTAÇÃO

Como o título já sugere, esse texto vai tratar do futebol, contudo, espero trazer um olhar diferenciado sobre ele. Começo esse texto (e me desculpe o trocadilho caricato) bem do começo. Não escolhi tratar desse tema por eu ter sido um ex-jogador, longe disso, talvez tenha sido melhor para todo mundo eu não ter nem tentado ser um jogador, pois, fui durante toda a minha adolescência e ainda sou um grande “perna-de-pau”, também não posso dizer que sou um grande amante de assistir a partidas de futebol. Embora eu tenha uma inclinação a torcer pelo Grêmio, não me entrego tanto a essa paixão.

Espero que não tenha decepcionado a você que esteja lendo esse texto, pois pode parecer, para qualquer apaixonado pelo futebol, que não encontrará nessas linhas nada apaixonante sobre esse esporte em questão, ou pior, pode achar que será só mais um texto crítico a respeito do futebol, mas garanto que não será. Então, dada essa rápida explicação, o próximo passo é explicar o porquê de um homem que não é um amante fissurado tratar logo do futebol numa dissertação de mestrado.

Minha história com o futebol é antiga, mais do que eu gostaria de admitir. Quando eu era moleque, perto dos 11 anos de idade, adorava jogar bola, não nas aulas de Educação Física escolar, pois eu não tinha aulas de Educação Física que significasse muita coisa (apenas uma aula por mês), as partidas eram num campinho na roça onde meus pais moravam e assim como meus alunos, eu era bem fominha, pois pedalava quase 6 km para poder jogar bola e voltava no escuro por estradas de chão, em meio a pastos cheio de gado e não foram poucas as vezes que os bois correram atrás de mim.

A canção de Samuel Rosa e Nando Reis diz “quem não sonhou em ser um jogador de futebol”, devo admitir que nunca foi o meu. Futebol era para mim à época, apenas a minha maior diversão, e não somente para mim, pois como tão sabiamente Freire (2011, p. 2) descreve “jogar bola tem sido a maior diversão na infância brasileira, principalmente da infância mais pobre e masculina, dos meninos de pés descalços, das periferias, dos lugares onde sobra algum lugar para brincar” e

espaço nós tínhamos de sobra, mesmo que fosse dividido com algumas cabeças de gado.

O jogo de futebol era para mim a melhor parte do dia e os motivos são muitos que hoje tento compreender e teorizar nessa dissertação. Claro que à época nada disso me importava e queria mesmo era jogar e olha que eu nem era lá grande coisa na habilidade, como eu já disse. Pode parecer que não há nenhuma relação entre minhas vivências e o estudo que estou desenvolvendo, mas acredito que até o final do texto, essa relação ficará mais clara.

Meus amigos e eu tínhamos a liberdade do jogo e aprendemos com a Pedagogia da Rua. É claro que nós não conhecíamos esse termo, nem tampouco sabíamos o que era pedagogia, mas ao ler Freire (2011), o termo me pareceu muito apropriado: para esse autor o futebol aprendido nas ruas, a que ele chama de Pedagogia da Rua é um excelente método de ensino do futebol, mesmo que ela seja suscetível tanto às coisas boas e coisas ruins.

Eu, como a grande maioria dos meninos que jogavam bola comigo, não tínhamos preocupações além de tirar boas notas na escola para poder passar de ano, evitando assim tomar uma bela sova dos pais. Aliás, o futebol no fim de semana era também o nosso prêmio por bom comportamento, então, nos comportávamos da melhor maneira possível durante a semana na escola e em casa, para que no fim de semana pudéssemos fazer sucesso no campo.” No futebol nos expressávamos da maneira mais livre possível ou nas palavras de Galeano (2004) éramos o que gostaríamos de ser e “qualquer sacanagem é boa, embora convenha executá-la dissimuladamente” (GALEANO, 2004, p. 173).

Eu não tinha nenhuma preocupação sobre qualquer aspecto ligado ao futebol além de jogar bola. Para mim não importava se a teoria mais bem aceita (e ainda assim controversa) sobre o surgimento do futebol é de que Charles Miller após viagem à Inglaterra trouxe algumas bolas e tentou “converter” expatriados britânicos de São Paulo jogadores de críquete para jogadores de futebol.

Em meu grupo de amigos não havia essa ilusão de que chegaríamos ao topo através do esporte, não até aparecer um homem que prometeu que seria nosso treinador e me lembro bem de algumas de suas falas, principalmente a que ele nos

dizia para “trabalhar duro e respeitar as regras de jogo e a ele como treinador que venceríamos”.

Acho digno mencionar que mesmo sendo um dos piores de meu grupo, houve um momento em que eu experimentei certa ascensão: acredite quando digo que nunca fui o de melhor condição financeira entre meus amigos, pelo contrário, estava entre os últimos da cadeia alimentar, se assim posso dizer.

Outrossim, em determinado momento eu era o único que possuía uma boa decete. Aí vem uma pergunta inquietante: como eu tinha uma bola de futebol novinha oficial? A história é bem peculiar, devo admitir, mas talvez não seja o momento para contar, basta saber que “ganhei” essa bola de alguém após um confronto entre essa pessoa e minha opiniosa mãe.

Mesmo à época, as palavras do treinador me pareceram vazias e que não passavam de uma mera ilusão, talvez seja pelo fato de que eu não tinha um pingão de interesse em futebol profissional e quanto a isso nada mudou.

Digo com pesar que nenhum do meu grupo conseguiu chegar muito longe, talvez o fato de nosso treinador ter sofrido um acidente e ficar hospitalizado por meses tenha contribuído para esse desfecho, e não me levem a mal, mas eu gostei disso, não dele ter se acidentado, mas dele não poder mais nos treinar, pois foi só aí que consegui ter meus jogos de volta.

Ganhei meus jogos de volta, mas não durou muito tempo. Meus pais se mudaram de onde morávamos e fui forçado a abandonar o futebol, só o reencontrando anos depois, no Ensino Médio num campeonato interclasse em comemoração ao dia das crianças.

Resumidamente gostaria de dizer que eu fui promovido a técnico de minha turma (agora que me lembro disso, dei boas risadas e garanto que meu time estava numa desvantagem gigantesca, se eu não era bom jogador, imagine então técnico?!) e que meu time, por mérito próprio chegou à final, perdendo por 2x1.

Em defesa de meu time, nosso adversário tinha como técnico o professor de Educação Física da escola, bem, em minha concepção não foi nada justo, isto é,

não bastava apenas o nosso esforço, além de contar com a sorte, tínhamos que batalhar contra um time que de fato foi treinado enquanto o meu time só tinha a mim.

Contra todas as chances, eu me formei no ano de 2017 em licenciatura em Educação Física. Aqui devo deixar registrado que ninguém nunca imaginou que me tornaria um professor justamente dessa disciplina, primeiro eu sempre fui bem nerd na escola; segundo por que eu sempre odiei participar das poucas aulas de Educação Física na escola, na verdade eu sempre gostei muito de filmes, e livros, principalmente livros de fantasia, eu devo ter sido um dos poucos de minha época no Ensino Fundamental que leu a coleção de Tolkien e J. K. Rowling.

Minha primeira experiência como professor foi em 2019 na prefeitura de Colatina. Chegando lá, no dia de escolha da escola para atuação, só tinha eu da área para tomar posse. No momento da escolha eu tinha algumas coisas em mente, a principal delas era não pegar aulas na Educação Infantil, não que eu tenha alguma coisa contra, mas só não me identificava muito com esse nível.

No momento da escolha da escola, eu todo nervoso, aceitei de bom grado a ajuda do pessoal da Secretaria de Educação que estava coordenando tudo, sendo muito prestativas comigo. Consegui o que poucos professores iniciantes conseguem: fechar minha carga horária em uma única escola e para melhorar ainda mais minha situação, a escola ficava no Centro da cidade! Então saí da escolha todo feliz com minha incrível sorte.

Quando eu cheguei à escola, percebi que havia sido enganado, como os troianos e seu belíssimo cavalo: a escola era pequena, não tinha espaço para dar aula além de uma área de mais ou menos 3m x 8m entre as mesas onde era servido a comida para os alunos, e para completar meu infortúnio, era uma pré-escola! Eu iria trabalhar com crianças de 4 e 5 anos. Hoje quando lembro que fui tapeado dou boas risadas, mas naquele dia, quando eu perguntei à diretora onde era a quadra, lembro do olhar de pena que ela lançou a mim.

Foi uma boa experiência, devo admitir e para compensar a falta de espaço para minhas atividades, eu tive muito apoio da diretora e da supervisora, sobretudo da diretora. Comecei do mais básico com meus alunos e mais para o final a diretora

já embarcava em minhas maluquices e ideias mirabolantes para tentar proporcionar o melhor nas minhas aulas.

Foi ali que eu constatei uma verdade que incomodava muito: a Educação Física era vista pelos demais professores apenas como um momento de lazer para os alunos, e ficava evidente quando as professoras diziam aos alunos que “deveriam se comportar na sala de aula ou então não iria brincar na aula de Educação Física”.

Minhas aulas não eram e não são apenas brincadeiras, ainda que, verdade seja dita, passo muito tempo fazendo isso com meus alunos, mas não é um brincar por brincar. O jogo sempre me interessou bastante, não consigo me ver em pé ao lado de uma quadra ditando ordens de repetição de movimentos aos meus alunos.

Finalmente a duras penas, eu consegui uma vaga no mestrado, afinal eu tinha como meta me tornar doutor em Educação Física até os meus 40 anos e aqui estou escrevendo uma dissertação de mestrado. Contudo, antes de estar escrevendo esse texto eu enfrentei uma infeliz complicação: o que seria meu objeto de estudo? Ainda bem que eu tive um empurrãozinho de alguns professores do curso.

Minha razão de ter escolhido o futebol como objeto começa na aula inaugural do curso, onde todos os discentes e docentes se apresentaram. Lá ouvi de um dos professores, dizer que diferente do mestrado acadêmico que os discentes entram no programa já conhecendo as linhas de pesquisa e adaptam um projeto a essa linha, no mestrado profissional o caminho é o inverso: os discentes trazem suas práticas pedagógicas e transformam num objeto de estudo.

As palavras do professor ficaram gravadas na minha cabeça, martelando insistentemente, ora, o que de minha prática eu levaria para um programa de mestrado? Como no filme *Inception* (2010) de Christopher Nolan, essa ideia começou a crescer dentro da minha cabeça, mas foi somente na semana seguinte que consegui me organizar melhor e fazê-la tomar forma.

No segundo encontro, agora apenas com outros dois professores, um deles fez uma colocação bem oportuna: na ocasião, ela disse que na dificuldade de definir um objeto de estudo, um bom caminho seria pensar sobre o que nos incomodava

em nossa prática pedagógica, então foi como uma “pedrada” (e me desculpe o linguajar).

O futebol era de longe o que mais me incomodava em minhas aulas. Não que eu não gostasse de trabalhar com ele, pelo contrário, realmente gosto muito do futebol e seu rico acervo de possibilidades como conteúdo a ser trabalhado nas aulas de Educação Física, mas de que maneira trabalhar e o que se esperar com o seu ensino na escola?

Como professor, sempre trabalho com a ideia de que todos os conteúdos têm a mesma importância e que o futebol pode, deve e será trabalhado nas aulas, mas com um propósito pedagógico e é aqui que entra a minha discussão com esse trabalho: não é demonizar o ensino do futebol nas aulas, mas sim tratá-lo e pensá-lo de maneira pedagógica; não é tecer uma crítica a um conteúdo, mas sim ampliar as discussões acerca das metodologias pelas quais esse conteúdo pode ser trabalhado e os objetivos que se pretende alcançar com ele.

Então, como fazer os alunos enxergarem o futebol como algo muito além do “jogar bola”? Como fazer notar que ele, o futebol, como elemento da cultura brasileira influencia e é influenciado pela sociedade? Como fazê-los entender que além de elementos técnicos, é preciso que eles enxerguem diversos fatores culturais como a diversidade no futebol? Como garantir o acesso de todos mesmo com aspectos econômicos e de desigualdade social interferindo no acesso ao esporte? De que maneira fatores midiáticos podem interferir na visão da sociedade acerca do futebol?

É sobre isso que pretendo versar nas próximas páginas dessa dissertação. Como eu disse lá no início: vou tentar dar uma abordagem diferenciada acerca do futebol escolar, ou seja, um futebol para além do saber gestos técnicos.

1 INTRODUÇÃO

A Educação Física foi consolidada na escola somente com a promulgação da primeira Lei de Diretrizes de Base da Educação Nacional definido pela Lei 4024/1961. Em seu artigo 22, traz a prática de Educação Física (prática apenas, não pensada de maneira pedagógica) como obrigatória nos cursos primários e médios, até a idade de 18 anos. Pode-se julgar que a ginástica já não gozava do mesmo *status* de outrora, sendo aos poucos subjugada pelos esportes. Essa realidade ficou ainda mais evidente após o início da Ditadura Militar em 1964, que adotou uma política de incentivo aos esportes a fim de dar notoriedade à nação a nível internacional e como uma proposta de desenvolver o patriotismo e o nacionalismo nos jovens conforme aponta Araújo e Ramos (2018); e Ferreira (2018).

A Educação Física nesse período segundo Araújo e Ramos (2018) era facilmente confundida com a atividade esportiva, uma vez que nos parâmetros curriculares da década de 1970 havia uma estreita relação entre os conceitos de esporte e educação. É aí que a Educação Física escolar ganha caráter tecnicista, isto é, as aulas passam a ser pautadas na construção de uma sociedade estabelecida por portes físicos atléticos. Além disso, Araújo e Ramos (2018); e Ferreira (2018) discorrem que o ensino do esporte na escola estava condicionado a uma necessidade intrínseca do governo: formar atletas.

Contudo, a partir da década de 1980, os efeitos desse modelo começaram a ser contestados, uma vez que o Brasil não se tornou uma nação olímpica e a competição esportiva não aumentou o número de praticantes de atividades físicas. Surgem então, os movimentos renovadores da Educação Física e a partir daí, a esportivização das aulas passou a ser um assunto discutido por diversos autores da área, diversos trabalhos foram desenvolvidos a fim de dar novos rumos ao trato do esporte na escola.

Abordagens como da Psicomotricidade que leva em consideração no processo de ensino-aprendizado os aspectos cognitivos, afetivos e psicomotores; da Construtivista-Interacionista desenvolvida por João Batista Freire tendo como principal característica o jogo simbólico e as brincadeiras populares; Desenvolvimentista apresentada por Go Tani que propõe uma classificação hierárquica dos movimentos; entre outras. Todas essas abordagens, segundo Darido

(2003), possuem algumas divergências, contudo, possuem um ponto em comum que é a oposição à esportivização das aulas de Educação Física Escolar.

Não houve alterações significativas nos anos seguintes, não até pelo menos a Lei 9.394/96, a Lei de Diretrizes de Base (LDB). Em seu artigo 26, o parágrafo 3º discorre que a “Educação Física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatório da Educação Básica, ajustando-se às faixas etárias e às condições da população escolar” (BRASIL, 1996). De maneira bem simplista, essa nova colocação dada à Educação Física representou ao menos em teoria, avanço para a área: se antes da LDB era tido como uma atividade, ou seja, não era nada além de uma forma de exercitar o corpo, como quem faz uma caminhada diária ou frequenta academia, ou pratica uma atividade física qualquer; passou a partir daí a ser componente curricular, que ao menos em teoria se equipara às demais disciplinas que compõem o currículo escolar.

A LDB de 1996 teve seu texto alterado através da Lei 10.793/2003 com o intuito de deixar mais claro o parágrafo 3º que tratava da facultatividade nas aulas de Educação Física na escola. Em seu texto, a lei dava o direito à facultatividade nas aulas para aqueles que cumpria jornada de trabalho igual ou superior a 6 horas/dia, maior de 30 anos, que estiver prestando serviço militar e aqueles que estivessem amparados pelo Decreto-Lei 1044/1969 (que dispensa da frequência nas aulas todos que estivessem com doenças infecciosas, o que abrange todas as aulas e não somente as de EF). Essa é a atual lei que rege a EF no âmbito escolar.

Com a promulgação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) em 2017, a Educação Física é o “componente curricular que tematiza as práticas corporais em suas diversas formas de codificação e significação social, entendidas como manifestações das possibilidades expressivas dos sujeitos” (BNCC, 2017, p. 213). Assim, o ensino dos esportes é uma das formas de manifestações da cultura corporal de movimento que precisam ser abordados como sendo parte da cultura dos alunos.

Já no Espírito Santo, em 2019 foi apresentado o Novo Currículo Capixaba (NCC), que trouxe a Educação Física como componente da área de linguagens, junto com Arte, Língua Portuguesa e Língua Inglesa. O documento expedido pela

Secretaria de Estado de Educação (SEDU) afirma que a Educação Física “deve ser compreendida como um fenômeno da cultura corporal, entendendo-a como um acumulado de saberes produzido pela humanidade, que precisa superar a ideia da Educação Física que visa, exclusivamente, à aptidão física e ao desempenho” (SEDU, 2017, p. 178).

De volta às aulas de Educação Física, não raro que ao questionar um professor qual conteúdo mais solicitado em suas aulas a resposta vai ser futebol conforme apontam os estudos de Costa (2015); Silva Ilha e Hypolito (2016); e Ferreira e Moreira (2019). Comigo aconteceu a mesma coisa e ainda acontece. Isso se repetiu desde meus alunos da Educação Infantil até os dos Anos Finais do Fundamental.

Por isso, não é incomum que os professores de Educação Física estabeleçam um “acordo” com os alunos: para terem direito a “bater uma bolinha” no final das aulas, os alunos precisam colaborar e participar dos conteúdos selecionados pelo professor. Devo dizer que isso não acontece comigo, pois em minha visão, esse tipo de acordo menospreza os demais conteúdos, além de dar margem ao velho paradigma de que as aulas de Educação Física nada mais são do que um momento de lazer na escola.

Como o texto orientador coloca, concordo que a Educação Física não deve ser atrelada à aptidão física e desempenho, do mesmo modo que concordo que os esportes como conteúdo da Educação Física precisam ter um trato diferenciado, de modo que as aulas não se tornem um espelho da década de 1970. Defendo, assim como Ferreira (2018), que no que concerne ao ensino do esporte na escola, devemos reconhecer as diferenças e entender que todos devem aprender, deste modo, precisamos mobilizar novos modos de pensar e agir sobre o ensino.

Conforme pontua Ferreira e Ramos (2018), ao longo da história, a problematização do esporte na Educação Física vem desenvolvendo-se de forma peculiar: ora defendendo veemente, ora criticando-o. Contudo, vale ressaltar que nos últimos anos o esporte vem sendo reconhecido como um fenômeno social. Acredito, assim como Carlan (2012), que as críticas a respeito do esporte na escola se deva à falta de compreensão/interpretação do fenômeno esportivo e seu trato na

Educação Física escolar. Além disso, o trato do esporte na escola atualmente deve ser colocado como um fenômeno social, plural e multifacetado.

A BNCC (2017) trouxe uma mudança no que diz respeito aos esportes, alocando-os conforme suas lógicas internas, com isso, o ensino pode ser direcionado não para o ensino repetitivo de determinados movimentos deste ou daquele esporte, mas sim para esportes dentro desta mesma família. Concordo com Martins e colaboradores (2020), que nessa perspectiva, o pique pega utilizando as marcações da quadra de futsal pode ser uma atividade que seja possível o reconhecimento do espaço de jogo.

Autores como Garganta (1995); Scaglia (2017); Galatti et al. (2017); e Aquino e Menezes (2021) trazem uma proposta de ensino dos esportes através de jogos, chamado de Jogos Esportivos Coletivos (JEC). Essa proposta de ensino tem como base o ensino a partir das semelhanças estruturais entre as modalidades, em contraposição ao ensino técnico onde ocorre a separação dos elementos técnicos e táticos ficando a cargo do aluno a unificação desses elementos.

Segundo Garganta (1995) uma das principais características dessa metodologia seria a desmontagem do jogo, não em elementos técnicos, mas em unidades funcionais, possibilitando sua reconstrução ao longo do processo, garantindo, assim, que os princípios do jogo regulem toda a aprendizagem.

Para além do aprendizado do esporte em si, há uma série de problemáticas que giram em torno do futebol como, por exemplo, como fazer os alunos enxergarem o futebol como algo muito além do “jogar bola”? Como se fazer notar que ele, o futebol, como elemento da cultura brasileira influencia e é influenciado pela sociedade? Como fazê-los entender que além de apreender os elementos técnicos, é preciso que eles enxerguem diversos fatores culturais no futebol como machismo, feminismo, LGBTfobia? Como garantir o acesso de todos mesmo com aspectos econômicos e de desigualdade social interferindo no acesso ao esporte? De que maneira fatores midiáticos podem interferir na visão da sociedade acerca do futebol?

Desprezar esses pressupostos nas aulas é o mesmo que negar aos alunos uma série de problemáticas que impactam diretamente em suas formações.

Tomando como exemplo o estudo realizado por Machado et al. (2010), que tinha como objetivo investigar o desinvestimento pedagógico de um professor, uma das três categorias eleitas pelos autores foi a dificuldade de mediar a relação teoria e prática. O estudo apontou que as questões teóricas se resumiam a momentos de ensino das regras em sala de aula. Além disso, o mesmo estudo apontou que o professor justificava a presença esportiva na escola como autossuficiente e apontado como sendo ambos, Educação Física e Esportes, a mesma coisa.

Acerca disso, concordo com Ferreira (2018) que o ensino do futebol sob uma perspectiva cultural na escola precisa ter uma dinâmica que amplie o aprendizado para além da realização do movimento.

Diante disto, a relevância desse trabalho está em propor uma ressignificação do futebol no âmbito escolar como manifestação cultural, apresentando o jogo como possibilidade de ensino desse esporte nos anos finais do Ensino Fundamental. Como resultado dessa análise, exploraremos uma proposta metodológica baseada nos jogos que possa ser utilizada por mais professores que pretendam trabalhar o futebol em suas aulas para além de somente ensinar movimentos e regras.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Explorar uma prática pedagógica baseada em jogos que permita ampliar o desenvolvimento da cultura do futebol no contexto escolar, problematizando e refletindo o ensino de modo que se oponha a modelos tradicionais de ensino esportivo.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Ressignificar o futebol no âmbito escolar como manifestação cultural;
- Discutir os jogos como proposta de ensino para o futebol na escola;
- Explorar uma proposta pedagógica baseada em jogos para o ensino do futebol com os alunos dos Anos Finais do Ensino Fundamental;
- Construir uma unidade didática em formato de *e-book* com o título “(Des)venturas os jogos esportivos coletivos como prática pedagógica para o ensino do futebol na escola” que será apresentado como produto educacional.

3 O FUTEBOL COMO MANIFESTAÇÃO CULTURAL

Já disse que quando cheguei ao curso de mestrado jamais pensaria em ter como objeto de estudo o futebol, pois para mim, ele era tão comum que eu erroneamente pensava que um trabalho acerca do futebol seria apenas “mais um trabalho” e sem relevância. Mas, ainda bem que durante a primeira reunião com os coordenadores do curso (um deles futuramente se tornaria meu orientador) eles perguntaram a cada um de nós mestrandos “o que nos incomodava em nossa atuação?” que o futebol veio logo em minha mente.

Não foram poucas as vezes em que escutei súplicas de meus alunos para que pudéssemos jogar futebol. Confesso que às vezes eu tinha que respirar fundo e contar até 10 para não dar uma má resposta a eles, então com a calma recuperada, respondia que haveria o momento para isso, mas que o momento não era aquele.

Leite (2010) argumenta que o esporte não possui em si nenhuma fórmula mágica, isto é, ele não é socializante nem anti-socializante: ele é o aquilo que se fizer dele, outrossim, o que me incomodava no futebol na escola não era sua presença constante (e às vezes irritante), mas sim a representação que ele tinha para meus alunos uma vez que os objetivos por eles almejados quando pediam para jogar futebol nas aulas de Educação Física, era sempre para jogar bola e pronto, nada mais que isso: dois times, majoritariamente masculinos, correndo atrás de uma bola.

Não que o futebol não seja isso, porque ele também é isso, e autores como Galeano (2004) e Da Matta et al. (1982) corroboram com essa ideia, mas quando eu via o futebol em minhas aulas, não conseguia vê-lo somente dessa forma, defendendo assim como Leite (2010), Carlan (2012) e Ferreira (2018) que o ensino esportivo na escola não é apenas o aprender objetivo, mas também pelo falar sobre as experiências e o entendimento do universo esportivo, é envolver debates sobre os aspectos históricos, sua mudança ao longo do tempo, respeito às diferenças, não participação de determinados alunos e tantos outros assuntos.

Da Matta et al. (1982) e Galeano (2004) apontam o futebol como um fenômeno cultural de grande impacto no Brasil, contudo, evidenciam a distinção que existe entre fazer parte e se resumir a isso, isto é, embora o futebol tenha grande

impacto, a cultura brasileira não se resume a isso, além disso, é relevante ainda que exista uma tensão entre o futebol como fenômeno sociocultural para conteúdo escolar, conforme aponta Ferreira (2018).

Não obstante, a célebre frase de que o Brasil é o país do carnaval, samba e futebol é traduzir de forma bem genérica a grande diversidade cultural no país, ou nas palavras de Da Matta et al. (1982), o futebol é uma maneira pela qual “a sociedade brasileira fala, apresenta-se, revela-se” (1982, p. 21), ainda assim, é relevante questionar esse país do futebol, afinal, que povo é esse?

Não é meu intento discorrer detalhadamente sobre a história do futebol no Brasil, mas é importante nesse momento fazer um breve resumo desde as bolas na mala de Charles Miller (não entrarei em detalhes sobre a controversa história do surgimento do futebol no país) até chegar aos meninos que como eu jogam bola como opção (ou falta) de lazer, para nós era apenas uma brincadeira como nas palavras de Freire (2011. p. 2) “se não há brincadeira, não há futebol”.

Julgo importante falar acerca dos primórdios do futebol para que posteriormente eu possa ao menos em parte tentar explicar o futebol como intenso elemento cultural, como sabiamente Paulo Freire (2021) no documentário “Centenário Paulo Freire” aponta “estamos sempre em busca de um amanhã que por sua vez não está ali à espera da gente, mas que é o resultado do que a gente faça pela transformação do presente que a gente vive, com a iluminação do ontem que a gente viveu”, claro que o contexto de suas palavras era diferente das atuais linhas, mas ainda assim, exemplifica a importância do passado para o presente.

Sadi et al. (2004) e Souza e Júnior (2017) apontam que o futebol em seus primórdios no país era um esporte para a elite da população, contudo, ainda segundo esses autores, já no início do século XX começaram a surgir equipes de futebol como a Ponte Preta em 1900 e o Corinthians em 1910 com jogadores de classes mais pobres e negros.

Baseado nisso, constatar que mesmo nascendo para a elite, o futebol não demorou muito tempo para se popularizar na sociedade brasileira. Nesse ponto concordo com Daolio (2005) que essa popularização é ainda mais impressionante, uma vez que à época, ainda não existia o principal difusor de eventos esportivos no

país: a televisão. Devo acrescentar, então, que o futebol percorreu um longo caminho até que eu, um menino do interior pudesse fazer desse esporte meu momento de lazer.

Alguns estudiosos apontam como algo intrínseco na população brasileira, contudo, nenhuma pesquisa conseguiu identificar um “um gene futebolístico” no DNA dos brasileiros. Essa tese de que há no brasileiro algo intrínseco que tornou possível a popularização desse esporte no país, parece nesse momento ser uma consideração um tanto pobre.

Claro que não descarto completamente fatores genéticos, como poderia? Questões genéticas permeiam muitos estudos e confirmam que certos genes hereditários podem dar certa “vantagem” a determinados indivíduos em determinadas atividades físicas, mas não podemos apenas considerar esse pressuposto como determinante ou estaríamos segregando uma parcela considerável de pessoas a não jogar futebol. Portanto, estou inclinado a concordar com Freire (2011) quando ele aponta que fatores genéticos podem ter relação com o futebol, mas que não pode ser o único fator determinante para o aprendizado, uma vez que, segundo ele a genética

não pode impedir a aprendizagem de quem quer que seja (...) aqueles que já sabem jogar futebol devem ser orientados para aprender a jogar melhor; aqueles que sabem muito pouco ou nada de futebol devem receber toda a atenção até que aprendam, no mínimo, o suficiente” (FREIRE, 2011, p. 9).

Descartando então fatores intrínsecos do futebol no Brasil, nossa atenção deve voltar-se então para os fatores extrínsecos. É genial como Da Matta et al. (1982) discorre sobre os esportes em cada sociedade e corroborando com essa ideia Freire (2011, p. 27) destaca que “cada povo escolhe seu esporte e o transforma em paixão nacional: beisebol nos Estados Unidos, hóquei no Canadá, futebol no Brasil”.

Neste momento, considero importante entrar num assunto inquietante que é sobre essa escolha do povo. A questão que levanto agora é: o povo brasileiro realmente escolheu? Le Breton (2020) em seu livro “Sociologia do corpo” fala sobre o processo de construção do individual através do social, isto é, mesmo as interações individuais no meio social, nada mais é do que uma construção do social

sobre esse eu individual. Então, se partimos desse pressuposto, o futebol poderia não ser uma escolha do povo, não ao menos de todo o povo.

A partir da década de 1940 o Estado passou a controlar o esporte, criando o Conselho Nacional de Desporto (CND) que ficaria responsável por regulamentar o esporte em todo o território nacional, digo isso para adentrar num assunto bem delicado. Mais uma vez reitero que não estou tecendo críticas ao futebol, apenas tento com isso lançar um olhar realista sobre o processo histórico desse importante componente cultural.

Dito isso, chamo à atenção sobre como as mulheres, em determinado momento da história do futebol no Brasil, foram proibidas de participarem de partidas oficiais por força de lei. Silva (2015); Ribeiro (2018) e Martins, Silva e Vasquez (2021) apontam que as mulheres tiveram participação ativa no futebol no Brasil até o início da década de 1940, contudo, a partir de partidas interestaduais em São Paulo e Minas Gerais comentários contrários começaram a surgir, fomentados por argumentos pretensamente científicos sobre como o futebol era maléfico às mulheres.

Assim, em 1941 o CND, sob o disfarce de proteção à natureza feminina e à maternidade, cria no artigo 54 do Decreto-Lei 3.199 que discorre que “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país” (BRASIL, 1941).

Ainda que na lei não proibisse propriamente a prática do futebol por mulheres, conforme discorre Ribeiro (2018) foi suficiente para que o desenvolvimento do futebol de mulheres fosse interrompido em diversas partes do Brasil. Ainda segundo esse mesmo autor, situação ficou ainda pior com a publicação da Deliberação nº 7 do CND “que estabelecia como práticas não permitidas às mulheres lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo aquático, polo, rugby, halterofilismo e baseball” (RIBEIRO, 2018, p. 54). Essa situação permaneceu até nova deliberação do CND em 1983 que estabelecia regras para a modalidade feminina.

Destarte, ainda que o futebol tenha “sido eleito pelo povo brasileiro” como o esporte nacional, não se pode esquecer que durante um bom tempo ele foi controlado pelo poder do Estado e que ditava regras que não incluíam o acesso a todo o povo. Infelizmente, ainda hoje perdura esse fato, e sou obrigado a concordar com Bandeira e Seffner (2013) que o futebol no Brasil ainda é masculino, o que pode ser facilmente visto no futebol profissional, pois “apenas os jogos e campeonatos jogados por homens possuem calendário fixo, apenas o futebol jogado por homens carrega grandes multidões, principalmente de homens, aos estádios” (BANDEIRA e SEFFNER, 2013, p. 247).

Ainda sobre a associação do futebol com o povo brasileiro, Da Matta et al. (1982) faz um comparativo entre os esportes (e o futebol) nas sociedades inglesas e norte-americanas em contraste com a brasileira. Enquanto os ingleses e norte-americanos sempre que falam em algum esporte, como futebol, beisebol ou golfe, eles os chamam como esportes, os brasileiros, referem-se ao futebol de maneira que ele nunca está sozinho, sempre estando associado com o jogo, ou seja, “vai acontecer um **jogo-de- futebol**, o evento foi um jogo bom ou ruim. Não é apenas uma questão de falar de futebol, mas de comentar ou discutir um jogo de futebol” (Da Matta et al., 1982, p. 25, grifo do autor).

Interessante essa associação que o brasileiro faz do futebol com o jogo, mas no momento gostaria de deixar para falar disso um pouco mais adiante, por hora ater-me-ei ao futebol. Da Matta et al. (1982) explica que essa associação brasileira do futebol com o jogo é um reflexo de uma outra associação do brasileiro: do futebol com o jogo de azar. Em outras palavras, o futebol no Brasil está intimamente ligado ao mero acaso, ou para ser mais exato, vencer uma partida esportiva está à mercê de fatores considerados dádivas de deidades como a sorte ou azar.

Daolio (2005) destaca ainda uma outra linha de explicação para essa popularização, que estaria ligado à facilidade de acesso. Ora, se você que está lendo e eu que escrevo chegarmos no meio da rua e chamarmos algumas pessoas para um jogo de futebol (bem, a associação do futebol ao jogo aqui foi involuntário, então estou dentro do padrão de Da Matta), não precisaríamos de muita coisa.

Façamos então esse jogo mentalmente: delimitaríamos um espaço no meio da rua e chamaríamos de campo, para as traves poderíamos usar dois pares de calçado, pensaríamos nas regras mais básicas e para completar, só faltaria a bola que poderíamos improvisar com algumas folhas de papel enroladas sobre si mesmas, ou qualquer objeto grande o suficiente para chutar sem deixar um pedaço do dedo no chão (embora acredito que jogador de rua que nunca tenha deixado o “tampão do dedão” no chão, não viveu direito), então como diria Galeano (2004) o esporte inglês se torna brasileiro deixando de ser privilégio de uns poucos jovens acomodados tomando a rua.

Claro que há sempre o poder de difusão da mídia, mas chamo atenção, assim como Daolio (2005) que a televisão que hoje é a grande difusora de eventos esportivos, há época da chegada do futebol no Brasil, ainda não existia redes de televisão, o que torna ainda mais impressionante o feito que o futebol conseguiu no país.

Dito isso, admito que até o momento nenhuma resposta foi dada. Bom, devo dizer que não pretendo responder o porquê de o futebol ser tão popular no Brasil, até gostaria de dar essa resposta, mas infelizmente nem mesmo grandes estudiosos chegaram a um consenso e quem sou eu para ser tão arrogante a ponto de pensar que poderia. Ao invés disso, defenderei daqui em diante posições de estudiosos da área como Roberto Da Matta, Jocimar Daolio, João Batista Freire, Eduardo Galeano, entre outros.

Para tentar explicar o fenômeno futebol entre os brasileiros, defendo, assim como Daolio (2005); Da Matta et al. (1982); e Da Matta (2006) o futebol com uma visão antropológica. Para esses autores, o futebol ocupa o status de manifestação cultural intensa no país devido a uma combinação de fatores, fatores esses já mencionados: exigências técnicas e características socioculturais do povo brasileiro.

O brasileiro encontrou no futebol uma forma de manifestação de seu próprio eu em sociedade de modo que seja possível expressar-se, além disso, uma partida de futebol pode representar para o torcedor uma autoimagem social. Daolio (2005) argumenta que essa autoimagem pessoal no ambiente social daria, por exemplo, no modo como um jogo encena a vida cotidiana: no jogo da vida, às vezes se ganha, às

vezes se perde, outras fica apenas num empate ante os adversários (o que no Brasil pode ser representado de diversas maneiras como pobreza, desemprego, fome, desigualdade social).

Ainda assim, o brasileiro se vê obrigado, mesmo com as adversidades, a manter “respeito por uma autoridade constituída, jogando dentro de um tempo e de um espaço, marcando e sofrendo gols, fazendo jogadas de categoria e cometendo erros fatais. Após uma derrota, haveria sempre a chance de se recuperar no próximo jogo” (DAOLIO, 2005, p. 4), representações estas que são fartamente discutidas por Da Matta et al. (1982) e Le Breton (2020).

Se tomarmos como exemplo um grupo de garotos jogando bola no meio da rua ou num campo improvisado, poderemos enxergar essa autoimagem social. Freire (2011, p. 8) afirma que “a cultura infantil da rua, tão competente para ensinar futebol, bolinha de gude, garrafão, é, em muitos aspectos, cruel. O altruísmo, a compaixão são poucos presentes na relação dos meninos e meninas nessa cultura” e decerto muitos garotos já experimentaram essa crueldade diversas vezes e de muitas maneiras.

Aqueles que são conhecidamente menos habilidosos sempre serão os últimos a serem escolhidos e como Freire (2011, p. 8) pontua, “o último é denunciado no seu estado de miséria moral dentro do grupo”. Contudo, se caso esse menos habilidoso chegue para jogar segurando uma bola melhor ou mais nova que ele pode experimentar uma rápida ascensão dentro do grupo e mesmo que não se torne o primeiro a ser escolhido, decerto não ficará entre os últimos.

Da Matta et al. (1982) e Galeano (2004) apontam que o futebol é visto por muitos garotos, principalmente os pretos de comunidades carentes como uma forma de ascensão social, garotos que só tem a bola como brinquedo: “a bola é a única varinha mágica em que pode acreditar. Talvez ela lhe dê de comer, talvez ela o transforme num herói, talvez em deus” (GALEANO, 2004, p. 54).

Concordo com esse autor no que diz respeito à simbologia social que o futebol encerra, ora, quando ao vir uma equipe entrar em campo, todos com o mesmo uniforme (com exceção do goleiro), entrando de mãos dadas, ou lado a lado enquanto o hino é tocado, impossível não ver nessas cenas um certo “**nivelamento**,

um **igualitarismo** social e símbolos que apontam para uma vitória do indivíduo e da liberdade nesse sistema democrático” (Da Matta et al., 1982, p. 46, grifo do autor).

A ascensão social idealizada por muitos, por diversas vezes é alçada sobre os esportes, sobretudo o futebol. Em uma rápida pesquisa na internet no buscador Google Acadêmico com os marcadores “futebol”; “ascensão social” traz diversas pesquisas sobre o assunto em que os autores confirmam essa tese de ascensão através do futebol (Balzano et al. (2019); Harboe (2015); Borges (2019); Morin (2018). Pode parecer contraditório as conclusões apresentadas por esses artigos: primeiro falo em nivelamento e igualdade para logo em seguida citar a ascensão de alguns. Essa é uma discussão pertinente.

Da Matta et al. (1982, p. 46) afirma que “ao lado dessas representações de igualdade social, surge o mito do indivíduo e da ascensão social vitoriosa”. A questão da ascensão social, me parece plausível dizer no momento, que seja um indício de popularização do futebol entre a população mais carente, que vê nesse esporte uma oportunidade de mudar de vida e *status quo*¹.

As imagens que cruzam a ascensão através do futebol é exposto por Da Matta et al. (1982) enfatizando essa possibilidade de evolução, desde que o pequeno jogador “obedeça à “dura vida de atleta”, onde surge a imagem do jogador como trabalhador profissionalizado e consciente (obediente às regras estabelecidas por dirigentes e técnicos)” (p. 47). Para mim, essa imposição parece ser um martírio, mas digo que sou meio suspeito para afirmar isso, pois sempre me considerei um proscrito, mas e quantos pequenos jogadores também não o são?

Essa cultura pode acarretar o desvirtuamento do futebol e afastando uma grande parcela da população em geral, concordo com Freire (2011, p. 10) quando ele se questiona “se a pessoa não gosta do que está fazendo, por qual motivo incorporaria essa prática aos seus hábitos de vida?”.

Outro ponto interessante acerca da ascensão social através do futebol apontado por Da Matta et al. (1982) é a imagem de aspectos inatos de alguns jogadores. Para melhor entendimento desse ponto gostaria de citar Pelé na copa de

¹ Expressão derivada do latim que significa o estado atual dos fatos ou realidade

1970. Tão famoso quanto os gols que foram marcados, foram os gols perdidos por esse atleta nessa referida Copa do Mundo da FIFA.

Vou destacar um deles que na minha humilde opinião foi um dos lances mais bonitos que já vi no futebol, mesmo que não tenha resultado em gol: a finta (ou terá sido um drible?) que Pelé deu no goleiro uruguaio Mazurkiewicz, não tenho como descrever em detalhes de como foi, mas vale à pena dar uma conferida na internet o drible em questão, esse lance exemplifica muito bem o que Galeano (1995) quis dizer com jogadas que desenham um labirinto por onde os seus adversários se perdem e de onde jamais conseguem sair acerca do “rei do futebol”.

Uma coisa que ninguém pode negar é que Pelé era dotado de uma genialidade incrível em campo nunca vista em nenhum outro jogador em qualquer tempo no futebol, e para Da Matta et al. (1982) essa é a segunda imagem transmitida: o jogador é alguém inatamente hábil e por isso dispensa demanda de muito treinamento. Isso cria a representação “do jogador como "malandro", mas que "na hora resolve" (DA MATTA et al., 1982, p. 47).

Podemos dizer então que Pelé possuía algo intrínseco nele, algo genético que permitia a ele ser quem era em campo? Sim? Não? Difícil responder! Ao invés disso, farei então um retorno à minha fala lá em cima: aceito o fato de que essa “malandragem” do Pelé é uma combinação de aspectos biológicos e socioculturais. O fato é que poucos conseguirão ascender socialmente como “o rei do futebol” ainda que seja o sonho de muitos.

Gostaria de pegar esse gancho do Pelé para tratar de um ponto deveras inquietante que está muito ligado à ascensão social: democracia racial e social. Da Matta et al. (1982, p. 47) chama à atenção sobre esse processo mítico de que “qualquer um, por qualidades individuais corretamente canalizadas (se possível, com um pouco de sorte) pode atingir a notoriedade e a riqueza, sem restrições de origem social ou "cor".

Voltando ao caso do Pelé, parece que há um tanto de verdade nessa percepção: Edson Arantes, preto, vindo de família humilde, alcançou o posto de melhor jogador de futebol de todos os tempos com seu próprio esforço. Essa é, no entanto, uma visão surrealista acerca do futebol, pois diversos fatores têm

participação e não podemos dizer que somente o esforço individual seja suficiente e qualquer conclusão diferente disso é no mínimo rasa.

Se tomarmos como exemplo dois times num torneio interclasse de uma escola qualquer, se um desses times tiver todo o apoio e o treinamento do professor de Educação Física e o outro ficar sem apoio algum, somente o esforço do segundo pode não ser suficiente para alcançar a vitória.

Vou dar mais um exemplo sobre essa ascensão, mas de antemão digo que não pretendo aqui diminuir nenhum autor e nenhum trabalho, não procuro tecer crítica alguma sobre nenhuma consideração acerca do tema, me limito apenas a mostrar diferenças nas discussões. Em um estudo recente conduzido por Balzano (2019) et al. buscou verificar a possibilidade do uso do futebol como ferramenta de inclusão social e escolar de atletas negros de comunidades carentes através da inserção num projeto numa escola particular de Porto Alegre.

Ao final do estudo, como conclusão, os autores identificaram que o fato dos alunos jogarem futebol facilitou sua aceitação. Esse é um exemplo claro do que eu vinha dizendo até então: o futebol é visto como uma forma de ascensão social e retorna com o mítico processo apresentado por Da Matta (1982) de que o futebol é para qualquer um.

Mais uma vez vou lançar uma intriga: será mesmo que é para qualquer um? Anteriormente já falei sobre a participação das mulheres na história do futebol no Brasil e nesse momento eu gostaria de chamar à atenção para um outro grupo marginalizado no futebol: a comunidade LGBT+². Autores como Silva (2015); Bandeira e Seffner (2013; 2017); Castro e Siqueira (2020) evidenciam que o futebol é um espaço de construção da representação social de masculinidade, ou seja, qualquer um que destoe da concepção do “ser homem, macho” deve ser excluído.

Camargo (2018) narra o caso do jogador Richarlyson Barbosa Felisbino, que no ano de 2005 comemorou um gol marcado com a “dança da bundinha”, considerada preconceituosamente “esquisita” por parte da torcida, que passou a considerá-lo “homossexual”. O caso tomou proporções tão grandes que o jogador

² No texto irei usar a terminologia LGBT+ apenas por conveniência da escrita, não por não querer dar visibilidade aos demais grupos dessa comunidade.

chegou a mover um processo por ter sido alvo de declarações preconceituosas de um comentarista em rede nacional. Mais absurdo ainda foi a decisão proferida pelo juiz do caso que negou o pedido de reparação do jogador, acrescentando na decisão que “futebol é coisa de macho”.

Embora esse caso seja um pouco antigo, essa perspectiva de que futebol é “coisa de macho” ainda perdura até os dias de hoje, ainda que seja menos frequente casos tão explícitos. A diminuição pode estar atrelada à políticas de combate ao preconceito e discriminação impostas pelas confederações (Bandeira e Seffner (2018); Castro e Siqueira (2020)), mas o caminho ainda é muito longo, uma vez que a próxima copa do mundo será realizada esse ano no Catar, um país onde ser homossexual é punível com pena de até 5 anos de prisão.

De volta ao imaginário sobre o futebol, gosto muito das considerações que Da Matta et al. (1982) faz acerca dessa mitigação do futebol e ascensão social e paridade, ora, quem não acha bonito um espetáculo onde todos se unem numa mesma arquibancada, todos as classes juntas, cantando, torcendo, “fazendo ola”. Esta democracia, segundo Da Matta et al. que apaga as diferenças sociais, “é também vista pela integração/dissolução dos mais distantes grupos sociais nas torcidas de equipes de clubes e seleções, e cujas bandeiras... a todos acolhem” (1982, p. 47).

Esse frenesi é, de fato, muito empolgante e contagiante, lembro que quando eu propus aos meus alunos da turma do 8º Ano B que poderíamos trabalhar o futebol no terceiro trimestre de 2021, alguns deles não ficaram muito empolgados com a ideia. Isso foi até eu dizer a eles que no ano de 2022, se a pandemia do coronavírus permitisse, gostaria de levá-los para ver um jogo no Estádio Estadual Kleber José de Andrade na cidade de Cariacica. Claro que o puro pensamento de fazer uma viagem escolar deve os ter animado, mas eles prontamente toparam mergulhar no futebol.

Outrossim, o entendimento proposto pelo texto de Balzano (2019) et al. encaixa perfeitamente nas considerações de Le Breton (2020) sobre o imaginário do corpo. Tão logo se fala em ascensão social em seguida vêm as questões raciais. Aí vêm alguns e dizem “mas Pelé era negro, então o futebol não é racista!” ou algo do

tipo “tem tantos jogadores negros em diversos times...”. Bom, para falar sobre racismo, lanço mão dos conceitos propostos por Le Breton (2020).

Para esse autor, o corpo é tido como um lugar de valor, contudo, a concepção do corpo está no imaginário social, exemplo disso, cada sociedade tem um imaginário do “corpo perfeito” e compreender essas lógicas sociais deve ser muito bem entendido por todos aqueles que desejam falar sobre ele. Essa associação imaginária do corpo perfeito é um pressuposto para o surgimento do racismo, pois para Le Breton (2020, p. 72) “o racismo repousa, entre outras coisas, sobre uma relação imaginária com o corpo (...) a história individual, a cultura, a diferença são neutralizados, apagadas, em prol do imaginado corpo coletivo, submisso sob o nome de raça”.

Interessante imaginar que nos primeiros anos do futebol no Brasil “alguns negros tinham que ser embranquecidos com pó de arroz a fim de não parecerem tão negros quanto eram e, assim, serem aceitos pelos sócios brancos dos clubes” (DAOLIO, 2005, p. 3). Embora essa prática não exista mais, não podemos dizer que o futebol não tem seus momentos de vergonha com relação ao racismo, exemplo disso, cito o caso do goleiro Aranha que em 2014 foi alvo de xingamentos no final da partida entre o Atlético-MG (equipe do goleiro) contra o Grêmio. O atleta foi chamado de “preto fedido”, chamado de “macaco” e saiu de campo ao coro da torcida fazendo sons que imitam o animal.

Ah o futebol! Como diria Eça de Queirós “e o seu orgulho dilatava-se ao calor amoroso que saía delas, como um corpo ressequido que se estira num banho tépido”. Quanto amor, quanta paixão, quanta emoção! Não é raro, ao assistirmos a uma partida na televisão, que vemos machões aos prantos. O futebol faz transbordar sentimentos em pessoas que em outras ocasiões não apareceriam, mas está tudo bem, “ali pode”.

Le Breton (2020) tem um conceito muito interessante acerca dessa expressão de sentimentos, pois para ele os sentimentos expressados pelas pessoas independem da psicologia individual. “Tal como transparecem na extensão do corpo e se colocam em ação nos comportamentos, os sentimentos são emanações sociais que se impõem por seu conteúdo e sua forma aos membros da coletividade” (LE

BRETON, 2020, p. 51). A fidelidade que os torcedores têm pelos seus times é a expressão literal dessa sentimentalidade, onde não há orgulho que resista a uma derrota sem deixar transparecer no choro.

Eu que não sou um bom torcedor do Grêmio, não me esqueço da tristeza de ver meu time cair para a segunda divisão, e claro que não esqueço do fatídico jogo da segunda divisão quando o Grêmio conquistou a vitória que garantiu o seu retorno à primeira divisão do campeonato brasileiro. O jogo, conhecido como “a batalha dos aflitos”, cheio de brigas que resultou na expulsão de quatro jogadores do Grêmio, invasão de torcedores, presença da polícia em campo, um pênalti contra o meu time aos 59 minutos do segundo tempo que o goleiro Rafael Galhardo defendeu (e só para constar, era o segundo pênalti na partida) e por último o gol da vitória aos 60 minutos do segundo tempo! Ufa! O coração quase parou.

Essa expressão de sentimentos que experimentei no futebol e que muitos torcedores brasileiros experimentam e que são expressos fisicamente, estão para Le Breton (2020) enraizados em normas coletivas implícitas, isto é, “não são espontâneos, mas ritualmente organizados e significados visando o outro” (p. 52). Podemos entender então, que seja uma verdadeira expressão de amor e fidelidade pelo seu time do coração. Claro que isso pode ocorrer com outros esportes, mas no futebol é muito evidente.

Analisando essa explosão de sentimentos, podemos pensar então sobre a real utilidade dela, ora, se até mesmo a expressão de sentimentos internos expressa nesse esporte pode ser vista como ritualísticos e não pessoalmente autênticos, então o futebol nada mais seria que uma forma de macro manipulação. Contudo, a esse respeito, estou inclinado a concordar com Da Matta et al. (1982) quando ele afirma que longe disso, o futebol não é um ópio para o povo poder esquecer seus reais problemas.

Entendo assim como Da Matta que o futebol por si só não é ideológico, isto é, não é de nenhuma frente política, não é certo ou errado, bom ou mau, tudo vai depender do contexto social em que for aplicado. Concordo com Da Matta et al. (1982, p. 21, grifo do autor) sobre a materialização do futebol na sociedade brasileira que enfrenta “a ideia de que se pode postular uma relação instrumentalizada e

funcional entre esporte e sociedade, isto é, o esporte **faz** alguma coisa **para, com** ou **contra** a sociedade”. Aceitar a prerrogativa do futebol como ópio do povo é o mesmo que aceitar que o futebol de alguma forma milita contra a sociedade brasileira e seus reais interesses.

Ainda segundo Da Matta et al. (1982) essa visão de futebol como distração do povo é totalmente utilitarista e que desse modo, estaríamos fadando a real importância do futebol somente à classe dominante e os críticos da sociedade. Seria o mesmo que negar toda a sua historicidade ao longo dos anos, ou como o próprio Da Matta et al. (1982, p. 22) “todos os ópios são sempre aquilo que consideramos atividades fáceis, dispensáveis, ilusórias”, como assim o pensam muitos acerca da Educação Física na escola.

3.1 ENQUANTO ISSO NA ESCOLA

Agora chegou ao ponto crucial desse texto: o futebol na escola. Para isso eu gostaria de novamente retornar ao início do meu texto quando eu falei sobre meus pensamentos no mestrado não serem focados no futebol. Lembro muito bem de um de meus professores, que não irei citar o nome dele, pois não sei se ele gostaria disso, ou talvez nem seja permitido, então para facilitar, vou chamá-lo de “A”.

Na aula de A, nós mestrandos fomos instigados a falar sobre nossas propostas de temas e quando finalmente chegou minha vez, expus a coisa que mais me incomodava em minha prática docente: o futebol. Acerca do ensino do ensino do esporte na escola (inclusive o futebol) Galatti et al. (2014, p. 154) escreve que houve uma

popularização no mundo, sendo possível sustentá-lo como fenômeno sociocultural, o qual encontrou na contemporaneidade significados e finalidades plurais, uma vez que se insere em diferentes cenários e alcança personagens dos mais diversos grupos sociais

Logo, pode parecer absurdo eu dizer que o futebol é para mim um transtorno, principalmente depois de tudo que escrevi acerca desse esporte e sua presença na

cultura brasileira, mas garanto que irei me explicar melhor nos próximos parágrafos. Jamais pensei que com a vivência que tive durante minha juventude eu chegaria ao posto de professor de Educação Física e me incomodaria com o futebol em minhas aulas, mas o fato é que realmente me incomoda.

Retornando à aula do professor “A”, quando falei do futebol foi como se eu tivesse dado um tapa na cara de alguns de meus colegas de turma! Como assim eu via o futebol como um problema? Nesse momento o professor “A” apenas questionou se eu não estava somente fazendo uma crítica a um conteúdo. Eu respondi timidamente que não e se você chegou até aqui, espero que tenha ficado claro que eu realmente não estava.

O futebol como conteúdo nas aulas de Educação Física é essencial, para dizer o mínimo, mas acalme-se, eu não me considero um professor esportivista e nem tampouco tecnicista, mas para o ensino do esporte concordo com Oliveira et al. (2017, p. 100) “precisa estar comprometido com a história, cultura, meio social e os legados das práticas”.

Claro que as aulas de Educação Física não são apenas jogar futebol, mas também o é! Concordo com Martins e Colaboradores (2020) que o único jeito de jogar futebol é jogando. O futebol é apontado por Oliveira et al. (2017), Galatti et al. (2014; 2017), Scaglia (2003) como catalisador de um conjunto de conteúdos e experiências positivas aos jogadores, além de estabelecer uma diversidade de experiências, passando pelo reconhecimento de fatores externos ao jogo, bem como pelos aspectos internos. Em outras palavras, não é apenas jogar bola, mas também “tomar o futebol como um objeto de estudo e de reflexão” (MARTINS, BARROS FILHO e PEDROSO, 2020 p. 24), ou então o futebol ensinado cairia na tendência tecnicista.

Dito isso, retorno mais uma vez a Da Matta et al. (1982) quando ele afirma que esporte e sociedade não podem ser separados, ou em outras palavras “esporte e sociedade são como duas faces de uma mesma moeda não como telhado em relação aos alicerces de uma casa” (DA MATTA, 192, p. 23). Essa colocação desse autor é perfeita para embasar minha visão acerca do futebol, pois eu concordo plenamente com ele.

Sendo o futebol, então, tão presente no país, não é possível negligenciá-lo nas aulas de Educação Física, além disso, sendo compreendido como um fenômeno sociocultural, os esportes (e o futebol incluso) “encontra na contemporaneidade um momento de valorização, manifestando-se em diversos cenários, envolvendo diferentes personagens, que lhe designam variados significados” (GALATTI et al., 2018, p. 117).

A questão que levanto agora, que guiar-me-á, é que trato que se dá ao futebol nas aulas de Educação Física escolar? Essa é, pois, a questão que mais me incomoda quando meus alunos chegam até mim e pedem para jogarem bola. Então, em suma, não é o futebol em si, mas o foco que é dado a ele como conteúdo da Educação Física escolar. Concordo plenamente com Galatti et al. (2018) que o principal objetivo deve ser educacional voltado à formação humana e cidadã, mesmo que possua objetivos diversificados, mesmos pressupostos que traz a BNCC.

Não acredito ser possível discorrer sobre o trato do futebol nas aulas de Educação Física sem antes dar uma passadinha em alguns conceitos. Contudo, de antemão adianto que não irei aprofundar muito neles, afinal, esse não é meu objetivo e para todos que desejam se aprofundar, basta dar uma olhada na literatura já publicada que é bastante farta.

Começo então com a instituição escola. Ela, ao longo do tempo, teve várias conotações, isto é, o conceito de sua função vem mudando. Não irei me ater sobre esses conceitos que ela tomou ao longo dos anos, pois julgo que apenas alongaria o texto e esse não é minha pretensão, ao invés disso, apegar-me-ei (mesmo que pareça tendencioso) ao conceito vygotskiano por aproximar-se mais do que quero propor, além de fazer uma aproximação do que apresentei até aqui.

Para Vygotsky (1984) a educação escolar consiste em um processo de promover aos alunos a apropriação da cultura e da ciência desenvolvidas social e historicamente que os ajudem a organizar seu comportamento e suas ações, através do processo de interiorização da cultura. Esse conceito conversa diretamente com os apresentados até aqui acerca do futebol, pois desse modo, acredito eu que embasaria ainda mais a presença dele na escola. Claro que pode parecer um pouco raso essa associação e a justificativa apresentada por mim, mas como eu disse, o

meu intuito com esse texto não é discorrer sobre a presença ou não desse ou aquele conteúdo, ou então seria apenas uma crítica a determinado conteúdo, o que passa bem longe de minhas pretensões.

Ora, se a instituição escola é parte integrante da sociedade; se esporte e sociedade são indissociáveis; se o futebol é um elemento cultural muito presente na sociedade brasileira; e se a função da escola apresentada, é promover apropriação da cultura pelos alunos, acredito que já consegui fazer um bom nexo que garante uma boa discussão acerca da presença do futebol na escola.

Aqui é minha deixa sobre o futebol e que trato eu gostaria de dar em minhas aulas, mas não posso encerrar sem antes dar uma última passada em Freire (2011) sobre a visão dele acerca do ensino do futebol na escola. Para ele (e concordo plenamente), quatro são os pilares ou princípios norteadores do ensino do futebol na escola, a saber: (1) ensinar futebol a todos, que segundo Freire (2011, p. 9) “qualquer pessoa pode aprender a jogar futebol”; (2) ensinar bem o futebol a todos, pois “não basta apenas ensinar, é preciso ensinar bem” (p. 9) para que “ao longo do tempo ele possa expressar habilidades para jogar futebol de boa qualidade” (p. 9); (3) ensinar mais que futebol a todos, “não pensamos só no craque; pensamos, mais que isso, na sua condição humana” (p. 9); (4) ensinar a gostar do esporte, pois “se a pessoa não gosta do que está fazendo, por qual motivo incorporaria essa prática aos seus hábitos de vida?” (FREIRE, 2011, p. 10). Concordo ainda com esse mesmo autor sobre a direção do ensino do futebol que deve ser orientado por brincadeiras, diversão, liberdade, tudo que os jogos podem proporcionar.

4 O JOGO COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA DE ENSINO ESPORTIVO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Começo a falar do jogo citando Freire (2017, p. 15) que afirma que “a procura pelo jogo não é menor que a procura pela comida, portanto ela deve constituir, como esta, uma necessidade básica”, ora, quem não gosta de um bom jogo de futebol? Ou de peteca? Ou de baralho? Ou eletrônico? Ou um joguinho no smartphone? Ao menos meus alunos anseiam muito por jogos. Para eles, quanto maior o desafio, melhor. A minha experiência com os jogos na Educação Infantil foi o catalisador para minha práxis com os demais alunos, inclusive com os dos Anos Finais, afinal, se funcionou com a Educação Infantil, por que não com o Fundamental II?

Não irei debruçar de maneira detalhada sobre os conceitos de jogos, pois muitos autores mais bem qualificados que eu já o fizeram, portanto, irei visitar alguns autores que estudaram sobre o assunto, só então que irei fomentar minha visão sobre o jogo.

Para começar, devo dizer que os jogos estão presentes na educação em diversas disciplinas na escola. O seu conceito mudou ao longo dos anos, assim como o entendimento de sua importância para o aprendizado. Kishimoto (2011, p. 13) discorre sobre a dificuldade de conceituar o jogo:

Tentar definir o jogo não é tarefa fácil. Quando se pronuncia a palavra jogo cada um pode entendê-la de modo diferente. Pode-se estar falando de jogos políticos, de adultos, crianças, animais ou amarelinha, xadrez,... Por exemplo, no faz-de-conta, há forte presença da situação imaginária; no jogo de xadrez, regras padronizadas permitem a movimentação das peças.

Se partirmos do contexto histórico do jogo, já na Grécia Antiga, Aristóteles já citava a importância do jogo e segundo ele, o jogo era autossuficiente, isto é, o jogo é o “o quê” e “o porquê”: a causa final do jogo é o próprio jogo.

Contudo esse conceito apresentado pelo filósofo grego já não é tão utilizado, pois, quando não contextualizado e compreendido, o jogo pode ser reduzido a um simples objeto de estudo desconsiderando assim as várias possibilidades que o jogo pode oferecer, conforme aponta Veloso e Sá (2009).

Caillois (1990) e Brougère (1998) destacam em suas respectivas obras sobre a grande variedade de signos e fenômenos a que o “jogo” pode ser destinado, partindo desse pressuposto o jogo é, para esses autores, objeto de estudo partindo

do significado linguístico da própria palavra e estou inclinado a descartar essa prerrogativa das diferenças e nesse momento focar mais nas semelhanças.

A priori irei concordar com Freire (2017) e alocar os jogos de acordo com suas características a que são comuns, deste modo, por mais que seja diferente um gatinho brincando com um novelo de linha, crianças brincando de pega-pega e adolescentes que se reúnem de forma online para uma partida de *Free Fire*³, é simples ao observador dos fenômenos que se trata de um algum tipo de jogo.

Observando meus alunos nas atividades em que proponho, posso identificar muitas das características que autores como Caillois (1990), Huizinga (1999), Brougère (1998) e Chateau (1987) apontam como características que precisam estar presentes numa atividade para que seja um jogo, mas além de todas as afirmações técnicas que esses autores apresentam, eu, assim como Freire (2017, p. 63) considero que “é jogo porque há alegria; é jogo porque há risco; é jogo porque há regras...” e levando isso em consideração faço um retorno ao capítulo anterior sobre o futebol: afinal, é por isso que os brasileiros, diferente das demais nações do mundo, chamam uma partida de futebol de “jogo de futebol”? Seria a alegria (ou as demais explosões de sentimentos) que faz do futebol ser no Brasil, acima de tudo um “jogo de futebol?”.

Freire (2017) e Kishimoto (2011) apontam que autores como Caillois (1990); Huizinga (1999); Brougère (1998), deram em seus estudos significados e significâncias ao jogo de modo que elencaram características que precisam estar presentes para que o jogo seja considerado de fato, um jogo. Entre essas características, gostaria de citar uma em especial, pois para esses autores uma característica básica do jogo é sua oposição ao caráter sério da vida.

Estou inclinado a discordar desse conceito, assim como Freire (2017), afinal se assim o for, nada de bom poderia advir do jogo a não ser uma mera distração para os infortúnios da realidade e assim como o futebol é considerado por muitos como um ópio do povo, o jogo também o seria. Destarte, considero o jogo como elemento cultural complexo e assim como Da Matta (1982) considera que o futebol

³ Jogo eletrônico de ação e aventura para plataformas de *smartphones*.

por si não é bom ou ruim, acredito que o mesmo acontece com o jogo: tudo depende do propósito que se dê a ele.

Analisando as prerrogativas utilizadas por Caillois (1990); Huizinga (1999); Brougère (1998) para definir o jogo, me abstenho de tecer críticas, na verdade nem tenho gabarito suficiente para fazê-lo. Contento-me em focar num caminho diferente do tomado por eles, pois não quero caracterizar o jogo dividindo-o em partes isoladas de um todo, pois se assim o fizesse, estaria trilhando um caminho que prefiro não percorrer: o do positivismo do jogo. Não considero que o positivismo seja ruim, contudo, acredito assim como Freire (2017) que ele já cumpriu seu papel na história e mesmo que pareça meio piegas, “para que o novo nasça, o que é velho deve deixar de existir⁴”.

Na introdução desse texto, eu disse que gostaria de tratar do futebol de uma maneira diferenciada com foco no jogo. Percorrer o caminho positivista do jogo, isto é, “fragmentar o fenômeno em partes, analisando cada uma delas separadamente, juntando-as ao final, produz não uma compreensão, mas uma ilusão” (FREIRE, 2017, p. 67), o que me levaria a um fim contraditório, pois o resultado seria o que chamamos na Educação Física de jogos pré-desportivos, método duramente criticado por autores como Scaglia (2017), Clemente e Mendes (2011); Garganta (2007); Galatti, Paes e Darido (2010). Mais uma vez me abstenho de tecer críticas a respeito desse método de ensino, só não consigo vê-lo com uma ferramenta de ensino em minhas aulas e retorno às minhas aulas para justificar o meu afastamento desse método.

Quando completei meu primeiro ano na prefeitura de Colatina, decidi que precisava de experiências novas (e claro, sair da Educação Infantil, admito), então me coloquei no processo de localização e assim, fui parar numa escola que ia da Pré Escola até os Anos Finais do Ensino Fundamental: “Cleres Martins Moreira”. Os conhecimentos que desenvolvi durante meu primeiro ano como professor, coloquei em prática com meus novos alunos da pré escola e anos iniciais do fundamental, mas aí me deparei com uma realidade nova: os anos finais do fundamental, principalmente os dos 8º e 9º Anos.

⁴ Autor desconhecido

Percebi que meus alunos maiores estavam um pouco apáticos com relação à Educação Física, acredito que o motivo seja a pouca expectativa que eles tinham com relação às minhas aulas, que eu daria a eles “mais do mesmo”. Foi um pouco frustrante ver adolescentes tão desanimados, mas isso foi até minha primeira aula na quadra, que modéstia parte, foi um sucesso: apresentei a eles um jogo que eles não conheciam.

Foi ali que vivi as palavras de Freire (2017, p. 16):

O tempo de brincar nunca passa, lembrando que o humano é sempre criança, e o futuro é o espaço de crescer, de ir adiante. As marcas da idade na pele do rosto não apagam o jovem que sempre teremos que ser. As tristezas contam suas histórias nas rugas da fronte, mas os risos continuam brincando nos vincos profundos ao redor dos olhos e da boca.

Percebi uma mudança positiva em meus alunos quando os apresentei a um jogo que não conheciam. Pois bem, o jogo foi tão bem recebido por eles que o utilizei em diversas aulas posteriores, sempre acrescentando regras novas para atender ao objetivo proposto na aula, em outras palavras, o mesmo fenômeno sendo tratado de perspectivas diferentes, processo utilizado por Sadi (2008) e Carlan (2012).

Em contramão aos conceitos apresentados por Caillois (1990); Huizinga (1999); Brougère (1998), sobre a oposição ao caráter sério da vida, professores que como eu, lançar mão de jogos em suas aulas, não estaria fazendo nada além de divertir seus alunos. Não que o jogo não divirta, mas o objetivo que dou aos jogos em minhas aulas nunca é apenas diversão dos meus alunos.

Acredito fielmente no que faço em minhas aulas e cada uma delas é carregado de significados e significâncias, então, utilizar o jogo como método é minha forma de atingir os objetivos com todas as minhas turmas e confesso que devo isso a minha curta experiência com meus alunos da Educação Infantil da Pré Escola Municipal “Marcelo Correa”.

Admito então o jogo, assim como Morin (1987) apud Freire (2017), como “um todo” altamente complexo, não como partes de um todo com características específicas. Admito ainda que o jogo, possa adquirir infindáveis características (que podem ser encontradas em outras atividades do cotidiano), mas que seu significado

deva ser buscado no contexto em que ocorre e na interação entre as partes praticantes no mundo e com o mundo que o rodeia.

A partir desse aspecto de interação com o mundo, convém ainda destacar a relação objetiva e subjetiva do jogo. Não mergulhar-me-ei em águas turbulentas de diferentes correntes filosóficas para explicar esse fenômeno, pois alargaria muito a conversa e no final, seria quase certo que sairia recortes de textos consagrados que podem facilmente ser acessados na literatura específica.

Jean-Paul Sartre (2015), conhecido filósofo existencialista, em seu ensaio antológico “O ser e o nada” apresenta bem essa relação do ser humano com o jogo e seu caráter sub/objetivo. Para Sartre o ser humano volta-se mais para si mesmo do que para o mundo quando joga, o que nos permite dizer que o caráter do jogo é predominantemente subjetivo, contudo, é importante levar em consideração o caráter objetivo do/no jogo, uma vez que mesmo que o jogador “entre de cabeça no jogo”, ainda há aspectos de sua vida, de sua realidade para esse mundo subjetivo.

Em outras palavras, quando uma criança imagina-se jogando uma partida de futebol, mas falta-lhe o principal instrumento que é a bola, ele logo improvisa uma bola de folhas de papel amassado fazendo de tudo que essa bola fique o mais redonda possível o que constitui um vínculo com a realidade, com a sua realidade, ora, quantas pessoas já não chutou uma garrafa pet como se fosse uma bola. Esse ponto é levantado por Freire (2017, p. 78), que exemplifica que “como a criança que escolhe, para brincar de cavalinho, um bastão comprido em vez de uma mesa, por exemplo, porque o bastão, mais que a mesa, assemelha-se a um cavalo”.

Como qualquer outra atividade, seja ele, visto como coisa séria (trabalho, guerra), o jogo (ludicidade) é a vida do humano se manifestando, conforme aponta Freire (2017), mas isso só ocorre quando encontra um ambiente apropriado para seu desenvolvimento. O jogo precisa de liberdade, de ser e estar por parte de seu praticante “é preciso estar livre de obrigações objetivas para ter acesso ao jogo. E é ao ver-se livre das obrigações objetivas que nos refugiamos na esfera do mundo subjetivo e podemos decidir, por nossa conta, o que fazer” (FREIRE, 2017, p. 84).

Estar atento ao mundo em que ocorre é de fundamental importância para todos que, assim como eu, desejam utilizar o jogo como ferramenta pedagógica.

Lembro de uma professora que tive durante minha graduação, que me disse uma vez, antes de iniciar o estágio obrigatório, que eu deveria sempre buscar conhecer o ambiente em que iria atuar para que assim eu pudesse respeitar a cultura de meus alunos. Exemplificando, ela disse que de nada adiantaria eu chegar à escola e querer de imediato ensinar o balé para alunos que tinham o funk como principal elemento cultural musical.

Concordo com a visão de diversos autores como Veloso e Sá (2009); Kishimoto (2011); Perfeito (2011); e Pereira (2018) a respeito do jogo como uma possível alternativa para solução de diversos problemas da prática pedagógica, pois quando ele é contextualizado e totalmente compreendido, várias são as possibilidades que ele pode oferecer.

Huizinga (1999) é ainda mais enfático ao defender o jogo, numa perspectiva cultural, dizendo que ele, o jogo, é cultura e produz cultura e por sua função significativa para aqueles que o pratica, chega a produzir conhecimento. Contudo chamo à atenção ao caráter funcionalista que ele pode adquirir se não for cuidadosamente pensado para o ambiente escolar, ou então ele seria somente mais um conteúdo a ser aprendido pelos alunos.

Freire (2017) defende a importância do jogo e seu caráter humanista. Para ele, “entre os humanos, brincar é uma evidência tão gritante que chega mesmo a ser difícil flagrar uma criança deixada livre que não esteja brincando” (FREIRE, 2017, p. 27), estou inclinado a concordar com ele e nada conseguiria acrescentar às suas falas sem parecer repetitivo ou piegas, tamanha simplicidade de compreensão que vejo no jogo como fator cultural de suma importância.

Gostaria de parar um momento o texto para devanear sobre uma coisa: já mencionei a dificuldade de dar um conceito para jogo, assim preferi não tentar basear em características que esta ou aquela atividade precisa ter para ser considerado um jogo. Contudo, posso dizer que para mim, utilizar o jogo para o ensino do futebol na escola é de certo modo um jogo. Tal afirmação fica respaldada em Garganta (1995) que pontua que todo e qualquer jogo é regido pela incerteza e imprevisibilidade de resultados.

Os jogadores, tendo em vista essa regra, jogam alimentados pela esperança de triunfo, correndo os riscos de frustrar-se completamente. Em outras palavras, posso seguir a regra de que o jogo pode ser utilizado como forma de ensino do futebol na escola, mas no final, posso falhar miseravelmente.

Para que utilizar o jogo como proposta de ensino do futebol na escola, parto do princípio de que o jogo é um fator cultural, assim como o futebol no Brasil. Partindo dessa premissa, é viável concordar com Freire (2017) quando ele coloca o ser humano como um ser que habita um ambiente cultural e não um ambiente natural. Para esse autor, a sociedade é para o ser humano como a segunda mãe e a cultura é o segundo ventre dessa gestação que ocorre durante toda a vida, o que evidencia o papel crucial do meio rico culturalmente para um pleno desenvolvimento do ser humano.

Colocando o jogo como um fator cultural na vida e sociedade humana, tentarei discorrer então o processo de inserção dele nas aulas de Educação Física como método de ensino para o futebol.

Começando pela Base Nacional Curricular Comum (BNCC): na Educação Física escolar, o jogo tem um espaço só dele que o coloca como conteúdo de ensino, junto com brincadeiras. Não ater-me-ei ao jogo como conteúdo, conforme descrito na Base, ao invés disso, focar-me-ei apenas como uma prática pedagógica.

Começo com um grande paradigma social: a real “utilidade” do jogo. Acredito, assim como Freire (2017), que o jogo é um “ser temido” na sociedade, inclusive na escola. A escola que preza tanto pela disciplina dos alunos, vê no jogo como um mero soldado do caos, por isso, não devemos esperar “que a escola, em sua estrutura atual, contemple com boa vontade a ideia de acolher o jogo, ou como conteúdo de ensino, ou como recurso pedagógico educacional” (FREIRE, 2017, p. 95) devido ao seu caráter lúdico.

Particularmente vivo isso de segunda a sexta-feira na escola em que atuo, enquanto a gestão escolar prega que os alunos (principalmente dos anos iniciais) precisam sair da sala de aula com disciplina, ordem e organização (em fila indiana), eu já “desvirtuo” os alunos saindo da sala em direção à quadra sempre com um jogo de que chamo de “jogo do átomo” que nada mais é do que um modelo humano do

núcleo atômico com a nuvem de elétrons circulando. A cada aula, um é o núcleo e os demais, inclusive eu, são os elétrons que não podem se distanciar do núcleo. Até o momento tem funcionado e não tenho problemas com alunos que saem de perto do grupo, além disso, tento mostrar que todo mundo tem seus momentos de ser o “centro”.

Há então, se tomarmos como base a atitude da gestão da escola em que atuo, uma discrepância no discurso, pois a literatura prega a formação do aluno de maneira integral, dando a ele condições de se tornarem cidadãos críticos, possibilitando o protagonismo estudantil. Isso também é descrito com clareza no Novo Currículo Capixaba (NCC) apresentado pela Secretaria Estadual de Educação do Espírito Santo (SEDU) em 2019 no que diz respeito ao ensino nas escolas, a saber:

o desenvolvimento humano em sua integralidade, superando uma visão disciplinar e que para isso promovam a interligação dos saberes, o estímulo a sua aplicação na realidade, a importância do contexto para dar sentido ao que se aprende e o protagonismo do estudante em sua aprendizagem” (SEDU, 2019, p. 21).

O jogo pode assumir então o papel de ferramenta de desenvolvimento, cabendo então ao professor, assumir o papel de parceiro na elaboração e aplicação do jogo, não de um mentor. Em outras palavras, é problematizar junto ao aluno o jogo pensado pedagogicamente com o aluno.

Se assim o for, mais uma vez o professor atuará de acordo com as diretrizes propostas pelo NCC no que diz respeito às competências específicas esperadas para a área de Educação Física que seria “experimental, desfrutar, apreciar e criar diferentes brincadeiras, jogos, danças, ginásticas, esportes, lutas e práticas corporais de aventura, valorizando o trabalho coletivo e o protagonismo” (SEDU, 2019, p. 180).

Os jogos são utilizados como método pedagógico de ensino de diversos conteúdos, além de que “se assemelha a vivência social, sendo uma importante ferramenta educadora se bem conduzida e desenvolvida pelo educador” (PERFEITO, 2011, p. 3). Corroborando com esse pensamento, Pereira et al. (2018), Kishimoto (2011) e Freire (2017) chamam ainda à atenção da importância do jogo para o desenvolvimento afetivo, cognitivo, social e motor ao propiciar a

descentralização individual, aquisição de regras, expressão do imaginário e a apropriação do conhecimento, podendo ser ainda, um evento social aglutinador de interações.

A utilização do jogo como método de ensino pode deixar aulas mais atrativas e menos cansativas para os alunos, uma vez que segundo Freire (2017, p. 27) “o que nos cansa não é o esforço físico, é a angústia. Angústia de que estão cheias nossas tarefas cotidianas, mas de que não está cheio nosso jogo”. Corroborando com essa perspectiva, Scaglia (2017, p. 28) aponta que

desejos, vontades, busca por satisfação, são catalisadores de um envolvimento que emana no jogo engendrando o estado de jogo, o engajamento dos jogadores em busca de solucionar a lógica do jogo. É o desejo de superação de alguém que se lança ao desafio, ao inédito.

Ainda que nem todos consigam estar totalmente engajados na prática do jogo, em menor ou maior grau, todos podem participar, mesmo que seja como meros observadores, sendo assim, todos partilham do evento chamado jogo, o que é ainda de qualquer forma interessante no processo de ensino aprendido.

Concordo com Clemente e Mendes (2011) que o currículo apresentado pelos documentos norteadores tem um caráter aberto dando ao professor a oportunidade de aplicar distintos métodos de ensino, cabendo então ao professor, “averiguar as melhores estratégias de ensino para responder às necessidades contextuais” (CLEMENTE E MENDES, 2011, p. 28).

Eu, assim como muitos professores de Educação Física, sofro com o estigma de que minha aula não passa de diversão para os alunos, mas ao menos em meu caso, é uma diversão focada e contextualizada, e somente aqueles mais atentos que conseguem enxergar as nuances dos jogos em minhas aulas, em outras palavras, é uma brincadeira séria, sobre isso, corroboro com Chateau (1987), pois para esse autor, os jogos tem um caráter sério e é por isso que a criança mergulha tão fundo em seu jogo, porque é coisa séria.

Então, se o jogo é uma boa alternativa para a prática pedagógica, por que ele é subestimado nas aulas de Educação Física? Acredito, assim como Franchi (2013) e Martini e Viana (2016) que, muitos educadores não utilizam o jogo devido à falta

de compreensão desse fenômeno aliado com medo de perder o controle de suas aulas, que elas se tornem um caos total.

Acredito, assim como Scaglia (2017, p. 29) que é assim que deva ser, como no jogo que faço com meus alunos dos Anos Iniciais no caminho até a quadra, pois,

as relações que se estabelecem interna e externamente modificam todos os jogadores, não se pode esquecer que o jogo é um sistema caótico que exige constantes organizações, buscando estabelecer ordem ao sistema. Assim no jogo, por sua tendência ao caos, sempre que se estabelece uma ordem, por exemplo, solucionando-se um problema, concomitantemente é desencadeado nova desordem.

É interessante pontuar ainda que muitas vezes os jogos são simplesmente abandonados nas aulas de Educação Física para os Anos Finais do Fundamental, mesmo com diversos trabalhos apontando-o como excelente método de ensino ((Sadi, 2008); (Carlan, 2012)) o que faz com que o jogo seja cada vez mais infantilizado, isto é, o jogo está sendo utilizado apenas para a pré-escola e Anos Iniciais, geralmente como recreação, o que consiste numa perda, já que o jogo, conforme aponta Kishimoto (2011) e Freire (2017) pode ser trabalhado em todas as faixas etárias e níveis de ensino, desde que haja um equilíbrio entre a função educativa e a sua função lúdica.

Retornando às minhas vivências, lembra-se do momento em minha infância que um homem queria treinar meus colegas e a mim para formar um time de futebol? Lembro-me de dizer também que não gostei nada daquilo e confessei que fiquei feliz dessa ideia não ter ido pra frente, pois, somente aí que tive meu jogo de volta. Acredito, assim como os conceitos freudianos, que o ser humano precisa do prazer e a partir do momento que meu jogo de futebol se tornou obrigação, logo me cansei dele, então, o jogo de futebol passou de diversão para um enorme martírio, logo, mesmo que pareça um pouco contraditório, gostaria de citar essa como uma característica marcante que acredito estar presente em qualquer atividade que se queira chamar de jogo: o prazer.

O jogo, por suas características precisa ser valorizado pelos educadores, “serem apresentados aos educandos, deixá-los jogar plenamente, sendo construído e modificado por seus jogadores, e com isso suprir uma necessidade básica da criança (PEREIRA, 2018, p. 5)”.

Autores como Sadi (2008); Freire (2017); Pereira et al. (2018) apontam que Educação Física apresenta diversos conteúdos que podem ser desenvolvidos por meio do jogo, como por exemplo: jogo/luta, jogo/esporte, jogo/dança, jogo/ginástica dentre outros. Se o jogo pode ser usado para o ensino do esporte, conseqüentemente, o futebol está nesse meio.

Com a intensificação do debate acerca do ensino esportivo na escola a partir da década de 1990, acabou apontando para a necessidade de reformulações conceituais e procedimentais no trato pedagógico conforme pontua Scaglia, Reverdito e Galatti (2013). Ainda segundo esses mesmos autores, assim como Martini e Viana (2016), a utilização do jogo no processo de ensino aprendizagem dos esportes coletivos, como o futebol, é quase unanimidade entre os estudiosos da área apontando que o jogo, por ser imprevisível, abre possibilidades de desafio, além de motivar a participação.

O jogo é ainda capaz de apresentar constantes problemas que exigem respostas criativas e hábeis, individuais e coletivas, o que permite ao aluno compreender a sua complexidade, de forma autônoma, inclusiva e diversificada se corretamente mediado pelo professor, conforme Martini e Viana (2016).

Corroborando com esse pensamento Nogueira (2007) e Clemente e Mendes (2011) apontam que o jogo é um importante espaço de aprendizado social, de criatividade e trabalho coletivo. Além disso, o jogo reflete “comportamentos sociais como agressões verbais, segregação de gênero e em função de habilidades motoras, manipulações na formação de equipes, etc., e como tais elementos geram situações de isolamento e discriminação” (NOGUEIRA, 2007, p. 124) através do jogo é possível produzir uma reflexão crítica e pelo diálogo coletivo, encontrar soluções para os problemas levantados.

Corroborando com essa perspectiva, Paes e Balbino (2005); Garganta (2006); Clemente e Mendes (2011); Scaglia (2017) enfatizam o jogo como possível estratégia de ensino do esporte em oposição à especialização precoce e à repetição mecânica de movimentos.

O ensino dos esportes através do jogo é utilizado de diversas formas, como, por exemplo, no método “*Teaching games for Understanding (TGfU)*”⁵. O modelo, segundo Sadi (2008) é baseado em um sistema de classificação que enfatiza as similaridades táticas dentro dos jogos. Esse método enfatiza que

os jogadores podem compreender (e transferir) melhor os princípios comuns, no que diz respeito à conhecimentos e habilidades dos esportes. Visando tornar simples o ensino e a aprendizagem de esportes para crianças e adolescentes, a abordagem conclui pela necessidade de resolução de problemas na prática dos jogos acompanhada pela criatividade do professor (SADI, 2008 p. 3).

Essa proposta, segundo Menezes (2021), constitui uma crítica ao método de ensino tradicional que tinha o ensino da técnica como elemento central, principalmente pelo fato de que no método tradicional, a aprendizagem de um gesto técnico é desconexo com o ambiente de aplicação, ou seja, o jogo.

Ainda segundo esse autor, o TGfU teve como pressuposto para criação, o cenário à época de alunos desmotivados e sem interesse pelos esportes, que acima de tudo eram extremamente habilidosos, mas que possuíam baixa capacidade de tomada de decisão e com técnicas inflexíveis.

Outro método que tem sido alvo de diversas pesquisas é o dos Jogos Esportivos Coletivos (JEC)⁶. Conceitualmente, os JEC são descritos por Teodorescu (1984) apud Moura et al. (2013) como atividades sociais, onde os jogadores estão agrupados em duas equipes numa situação de rivalidade desportiva, visando a obtenção da vitória utilizando uma bola (ou outro implemento) a fim de defender seu alvo e conquistar o alvo adversário fazendo-se uso de regras preestabelecidas, além disso, possui uma complexa constituição tático-técnica favorável para o desenvolvimento de relações interpessoais.

⁵ Ou Ensino dos jogos por compreensão, essa proposta de ensino de jogos coletivos defende o uso de jogos reduzidos

⁶ Em Portugal são chamados de Jogos Desportivos Coletivos (JDC), contudo, no texto irei usar a nomenclatura usada no Brasil: Jogos Esportivos Coletivos (JEC).

5 JOGOS ESPORTIVOS COLETIVOS (JEC)

O esporte é o conteúdo mais trabalhado nas escolas brasileiras, conforme apontam autores como Leite (2010); Araújo e Ramos (2018); Gonçalves, González e Borges (2019) e o trato que foi dado a ele sofreu alterações ao longo dos anos a depender do período histórico do país.

Durante algum tempo, segundo Araújo e Ramos (2018), foi abordado sob a perspectiva de nacionalismo, para que a população pudesse fazer parte da construção de um país respeitado mundialmente através do esporte, sendo voltado então para o rendimento. No Brasil, segundo Gonçalves, González e Borges (2019), o principal contato da população com os esportes é na escola, onde grande parte do tempo das aulas de Educação Física é dedicado ao ensino a eles, particularmente nos Anos Finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Importante destacar que mesmo na atualidade, conforme destaca Galatti e Paes (2006) e Araújo e Ramos (2018), há ainda professores de Educação Física escolar que buscam referências em valores do esporte profissional tal como a busca por um certo nível de performance, formação de um aluno-atleta e a busca por resultados, em detrimento da preocupação com a formação social do aluno.

Tão logo se fala em esporte, algo intrínseco a ele já é posto em xeque: a competição. Concordo com Gonçalves, González e Borges (2019) que o esporte já carrega consigo a ideia de competição, isto é, a comparação de desempenho entre os participantes, em outras palavras, não há esportes sem competição. Contudo, esses mesmos autores chamam atenção no que diz respeito ao esporte na escola, a competição precisa ser tratada como um aspecto importante, mas que precisa ser contextualizada. Reverdito, Scaglia e Paes (2009); e Leite (2010) corroboram com o valor da competição no esporte, mas que ela pode causar certo problema quando em excesso ou quando é usada como parâmetro avaliativo dos alunos.

Leite (2010) aponta que a transmissão da ideia de competição no esporte não deve ser o foco de seu ensino na escola, estando então num segundo plano, pois para esse autor, o ideal é educar através do esporte. Assim, o esporte assume na escola características próprias, reformulando o que já existe, pautado na construção humana, cidadã e pedagógica, conforme aponta Araújo e Ramos (2018).

Não se trata, portanto, segundo Ferreira (2019); Gonçalves, González e Borges (2019) de negar a competição, pelo contrário, é reconhecer a necessidade da competição no ensino do esporte ao mesmo tempo em que se discute todo o processo histórico e construção humana pelo qual se passou o esporte e sobretudo reconhecer, discutir e problematizar a competição esportiva no âmbito escolar em prol das relações humanas.

A pedagogia do esporte durante muito tempo dividiu o esporte em três classificações distintas: esporte-rendimento, esporte-educação e esporte-participação, conforme aponta Paes e Balbino (2005). Sobre esse aspecto, concordo com esses autores quando eles destacam que o esporte e educação não podem ser separados, pois, “não apenas o esporte desenvolvido no sistema educacional ou de forma assistemática desenvolvido entre crianças e adolescentes educa, mas também o esporte rendimento e o chamado esporte educação (p. 2)”.

Tomando como base essa perspectiva acerca do esporte, então o ensino do esporte com fins educativos não está atrelado à classificação que se dê a ele, mas sim à forma em que é ensinado. Exemplificando, durante o ensino do futebol na escola, por exemplo, nada impede o professor de usar em uma aula expositiva um vídeo que mostre uma partida de futebol profissional, afinal, o esporte profissional influencia diretamente a vida em geral dos alunos, conforme aponta Paes e Balbino (2005).

Ainda segundo esses mesmos autores, não há como negar o poder de comunicação, entretenimento e sedução do esporte, portanto, o que mais importa aqui é o direcionamento que o professor vai dar ao usar essa mídia. Assim sendo, o esporte e a educação estão inexoravelmente associados e qualquer maneira de pensar diferente disso acaba por tornar o ensino reducionista, conclui Paes e Balbino (2005).

Gonçalves, González e Borges (2019) apontam que o esporte sendo uma construção do ser humano no meio social, pode gerar consequências positivas ou negativas a depender da abordagem, ou seja, o esporte por si só não educa, ele precisa tornar-se educativo.

Durante muito tempo o ensino dos esportes na escola foi puramente tecnicista, onde a prioridade era dada aos aspectos técnicos conforme aponta Daolio (2002), o que é na melhor das hipóteses, uma limitação no ensino. Freire (2011) indica que em se tratando do ensino do esporte, principalmente dos esportes coletivos, é possível fazer a passagem do brincar (aspecto lúdico) para a atividade técnica e tática, sem excluir o prazer do jogo, argumento também defendido por Leite (2010) que alerta que mudanças precisam ser feitas no sentido de reorientar o ensino esportivo na escola de modo que seja dado maior ênfase ao lazer e menos à competição técnica. Em outras palavras, vence não quem melhor executou os aspectos técnicos, mas sim, aqueles que como equipe, conseguiram tirar o melhor proveito da prática.

Daolio (2002) argumenta ainda sobre o ensino fragmentado dos esportes na escola, isto é, a separação dos elementos técnicos e táticos, cabendo ao aluno unificá-los, o que constitui para esse autor como uma falha no processo de ensino, ou em outras palavras, ensina-se “como fazer” desvinculadas das “razões de fazer” (DAOLIO, 2002, p. 169), uma clara crítica a metodologias de ensino em que se privilegia o lado técnico baseado em repetições dos movimentos.

Corroborando com essa linha de pensamento, Carlan (2012) e Ferreira (2018) discorrem que uma ideia muito comum é que ensinar um esporte seja somente ensinar a praticar. Contudo, esses autores chamam atenção que como conteúdo a ser ensinado na escola, deve existir a compreensão da necessidade de uma pedagogização crítica da relação teoria/prática, envolvendo fatos, princípios, reflexões, bem como constituição de valores, atitudes, e comportamentos, reconhecendo o esporte como um fenômeno socialmente produzido.

Garganta (1995) enfatiza que o ensino esportivo precisa estar atrelado a dois princípios básicos de ensino: o apelo à cooperação entre os elementos de uma mesma equipe; e o apelo à inteligência. O primeiro, deve ser entendido como o modo de comunicação entre os integrantes da equipe através do recurso essencialmente de natureza motora, isto é, perceber-se no time e utilizar os movimentos coordenados individuais em prol do bem da equipe (o individual em prol do coletivo).

Autores como Galatti e Paes (2008); Galatti, Paes e Darido (2010); Carlan (2012); Galatti et al (2014; 2017); corroboram com esse aspecto e completam que durante o processo de ensino-aprendizado deve haver uma valorização das relações pessoais, com valorização do aluno em sua totalidade e no contexto social em que está inserido.

Já o apelo à inteligência é apresentado por Garganta (1995) como sendo a capacidade de adaptação a situações inesperadas que possam vir a surgir durante o jogo, elaborando e operando respostas adequadas a esses problemas. Levando esses princípios propostos por Garganta (1995) para o ambiente escolar, concordo com Araújo e Ramos (2018) que o esporte na escola visa a inclusão e ao entendimento da prática do esporte em questão, concordo ainda com Ferreira (2018) que defende que numa escola democrática, todos devem aprender dentro de suas possibilidades.

Para além de apenas entender o processo de interação entre os mesmos integrantes de uma equipe, Ferreira (2018) aponta ainda que é importante instigar nos alunos a reflexão sobre a não participação de alguns alunos em determinadas aulas, o respeito às dificuldades de um colega para jogar a preocupação de inclusão de todos.

Nesse contexto, surge a necessidade de uma nova pedagogia para ensinar esportes coletivos, na qual o ensino

das variáveis técnico-táticas do jogo de forma integrada, respeitando a cultura corporal dos alunos, aqueles movimentos corporais aprendidos pelo indivíduo na sociedade, constantemente atualizados e ressignificados. (DAOLIO, 2002, p. 170)

Daolio (2002, p. 100) afirma que “um dos principais avanços na literatura sobre esporte nos últimos anos parece ter sido a respeito do seu ensino a partir das semelhanças estruturais entre as modalidades coletivas”. No contexto nacional, os Jogos Esportivos Coletivos têm grande relevância como método de ensino por englobar os esportes mais tradicionais no Brasil como o voleibol, handebol, basquetebol e futebol.

Garganta e Graça (1995) discutem o ensino esportivo sob a ótica de utilização dos jogos desportivos coletivos a partir uma perspectiva fenômeno-

estrutural e sistêmica, uma vez que, assim como o esporte, o jogo apresenta uma complexa totalidade de modo que possibilita ao aluno, se bem direcionado, compreender a dinâmica de funcionamento e aplicação dos aspectos técnicos e táticos do jogo no esporte.

Scaglia (1999) e Freire (2003) discutem uma pedagogia de ensino pautada nas motivações intrínsecas que os alunos apresentam nos momentos em que jogam. Para esses autores, o uso dos jogos e brincadeiras no ensino esportivo proporcionam o desenvolvimento das capacidades táticas e técnicas uma que possibilita aos alunos a compreensão ampla para o desenvolvimento de sua criatividade e autonomia, a partir do confronto entre os saberes que já conhecem com outros que foram construídos durante o processo de ensino aprendizagem.

Kroger e Roth (2002) *apud* Reverdito, Scaglia e Paes (2009), também apontam inicialmente a importância do professor de valorizar e reconhecer as habilidades que os alunos já possuem de maneira livre para só então confrontá-lo com os saberes científicos. Assim, torna-se necessário e relevante o resgate desses conhecimentos que fazem parte da cultura popular dos alunos preservando a ludicidade.

Greco e Benda (1998) direcionam algumas críticas à proposta exclusivamente humanistas e tecnicistas para o ensino esportivo na escola. Em relação à humanista, os autores se preocupam com um possível abandono do movimento em favor da reflexão durante as aulas com o esporte; com relação à proposta tecnicista os autores apontam a relevância de um ensino que se aproprie das condições metodológicas e pedagógicas para ensinar o esporte, o qual possa transmitir um valor educativo e formativo para os alunos. Para esses autores, a ludicidade presente nos jogos, constitui importante ferramenta para ensino dos esportes coletivos, uma vez que decisões sobre “o que fazer”, “quando fazer” e “como fazer” constituem parâmetros imprescindíveis para compreensão do jogo, possibilitando ao praticante comportar-se de maneira inteligente durante uma partida esportiva.

Paes e Balbino (2005) entendem o esporte como um conhecimento socialmente construído e que o foco do ensino seja o aluno e as relações que este estabelece com o esporte, o professor e os demais colegas, isto é, todo o ambiente

social em que esteja acontecendo. Para esses autores, os JEC podem ser considerados como um meio gerador de diversas oportunidades para além dos aspectos técnicos e táticos, mas tendo em vista sempre a formação integral do aluno a partir das vivências que o jogo oferece, articulando com as diversas dimensões sociais.

Dado as diversas perspectivas de ensino do esporte na escola, não cabe aqui a discussão acerca de qual é melhor ou mais eficaz, acredito assim como Galatti e Paes (2006) que elas devam ser estudadas e dominadas pelo professor a fim de utilizar aquela ou aquelas que atendam a necessidade de seus alunos, construindo assim, um método particular de ensino.

A BNCC (2017) trouxe a meu ver uma importante contribuição acerca da lógica interna nas manifestações esportivas, uma vez que mesmo para olhos pouco treinados, é possível reconhecer familiaridades entre determinados esportes. O handebol, o basquetebol e o futebol possuem aspectos em comum, como por exemplo lógica de ataque e defesa; posicionamento dos jogadores dentro do campo de jogo; sistema tático e passe e manutenção da bola; com diferença que o futebol é jogado com os pés.

Garganta (1995), assim como a BNCC, expôs que os esportes possuem invariantes que são comuns que podem gerar princípios operacionais e regras de ação comuns. Assim, o processo de ensino deve ter uma intenção clara de modo que direcione os aspectos táticos-técnicos pedagogicamente estruturados de modo que se estabeleça uma intenção evidente, isto é, “o que fazer”, “como fazer”, “quando fazer” e “o porquê de fazer”. Não obstante, Reverdito, Scaglia e Paes (2009) chamam atenção para a evidente distância entre a teoria (estudo) e a prática (experiência), que ainda permeia o ensino esportivo nas escolas, prevalecendo quase unicamente a última.

Galatti e Paes (2006) defendem o esporte como importante transmissor de valores relacionados à inclusão, autonomia, cooperação e diversificação, desde que seja encarado como fenômeno sociocultural com caráter educacional. Corroborando com essa ideia, Leite (2010) aponta que cabe ao professor de Educação Física

escolar buscar sempre a transcendência dos limites de seus alunos, confrontando-os com a realidade de ensino.

Garganta (1995) aponta os JEC como formadores por excelência, uma vez que são capazes de proporcionar situações e problemas a serem solucionados em grupo tal qual no convívio social, isto é, para além do esporte e da escola. Assim, Leite (2010) sugere durante o ensino esportivo na escola um confronto entre os valores que o fazem excludentes com os valores da participação, respeito e do lúdico, o que significa dizer que a escola não deve repetir o trabalho e sim realizar o trabalho do esporte. Ainda que aceitemos que em muitas situações o gesto é aprendido por imitação, na escola e nos desportos não é adequado utilizar o “faça como eu” como forma de ensino.

Para além de apenas aprender o esporte, Garganta (1995); Reverdito, Scaglia e Paes (2009); Galatti e Paes (2006); Galatti, Paes e Darido (2010); Galatti et al (2014; 2017) pontuam sobre a importância do ensino perpassar na observação, manifestação e transformação de princípios e valores, permitindo aos alunos transferir tais reflexões para além do ambiente escolar e colocam os JEC como uma proposta de ensino como sendo um agente facilitador desse processo. Para isso, Leite (2010) aponta que é papel do professor conduzir o aluno a descobrir através da própria experiência participativa nas atividades, além de questionar sobre suas aprendizagens, com o intuito de entender o significado cultural.

Ainda segundo Garganta (1995), as ações de ensino baseado no JEC devem ser em dois planos: o da informação, que constitui na elaboração de problemas ligados à produção de incerteza para os adversários ao mesmo tempo em que gera a certeza para os colegas de equipe; e o plano da organização, que constitui a transição de um projeto individual para um projeto coletivo, em outras palavras, é a criatividade individual sendo utilizada para melhor atender ao grupo, ao mesmo tempo em que o grupo cria oportunidade do desenvolvimento individual de cada integrante.

Autores como Galatti et al (2014; 2017) e Scaglia (2017) apontam que num sistema de JEC é necessário ao jogador atuar de forma estratégica, tática e técnica. Sobre estratégia, é possível definir como a previsão antecipada sobre a melhor

tomada de decisão para atingir um objetivo prévio. Já a tática é o comportamento do jogador ante a constante adaptação do adversário, relacionando-se diretamente com a estratégia e se dá de forma instantânea, “durante os processos de percepção e análise da situação de jogo, elaboração de respostas e manifestação motora” (GALATTI et al, 2017, p. 642).

Por último, a técnica, no esporte, é tradicionalmente definida como a habilidade motora especializada que permite executar uma tarefa da forma mais objetiva e econômica possível. Desta forma, conforme aponta Garganta (1995), sendo os JEC atividades férteis em acontecimentos cuja frequência, ordem cronológica e complexidade não podem ser previstas antecipadamente, aos jogadores é requerida uma permanente atitude tático-estratégica.

Retorno ao meu período da graduação em que as aulas de ensino dos esportes era dedicado a repetições de movimentos básicos dos esportes completamente individualizados, o mesmo que acontecia durante as minhas aulas durante o ensino básico. O método dos JEC contraria exatamente esses métodos tradicionais de ensino dos esportes, uma vez que ao contrário de sujeitar os praticantes a sucessão de gestos técnicos, ensinando-se o modo de fazer (técnica) separado das razões de fazer (tática), pouco ou nenhum tempo é dedicado ao ensino do jogo propriamente dito.

Garganta (1995) propõe ainda o ensino na forma Centrada nos Jogos Condicionados. Segundo o autor, uma das principais características dessa metodologia seria a desmontagem do jogo, não em elementos técnicos, mas em unidades funcionais, possibilitando sua reconstrução ao longo do processo, garantindo, assim, que os princípios do jogo regulem toda a aprendizagem.

Vejo com mais interesse, assim como Galatti e Paes (2006); Galatti, Paes e Darido (2010); Galatti et al (2014; 2017); e Scaglia (2017), uma metodologia de ensino que seja rica em problemas motores e não em tarefas motoras, isto é, resolução de problemas que possam aparecer durante o processo de ensino-aprendizado em detrimento de gestos pré programados, o que resultaria numa maior ênfase na imprevisibilidade, oferecendo problemas a serem resolvidos pelos praticantes do esporte.

Qualquer professor que já tenha atuado com grupos diferentes, em bairros ou cidades diferentes, pode ter percebido que o mesmo conteúdo esportivo, como o futebol, insere-se de formas próprias em contextos diversos, adquirindo um caminho pedagógico específico que lhe dá sentido naquele contexto. Os interesses do grupo em questão podem ser diferentes, as experiências esportivas serem outras, os significados atribuídos àquela modalidade serem outros, e os objetivos, obviamente, serem variados.

Assim, o ensino do esporte através dos JEC, pode retornar às origens do jogo, deixando de lado as regras rígidas e passando a ter regras livremente consentidas, modificando-se de acordo com a possibilidade de compreensão do jogo de cada grupo de jogadores, conforme aponta Galatti e Paes (2006); e Galatti et al (2014; 2017). Cabe ao professor atento e comprometido, fazer a mediação entre o conhecimento esportivo a ser trabalhado com o grupo em questão e seus interesses, experiências e demandas culturalmente determinadas.

Galatti et al. (2017) pontua que o ensino dos jogos deve ganhar diferentes enfoques, condicionados pelo ambiente em que se pretende ensinar, corroborando com Paes e Balbino (2005) no que diz respeito à pedagogia do ensino do esporte, pois segundo eles, as crianças têm sido submetidas a um tipo de pedagogia que não respeita as diferenças, permeada geralmente por uma eleição do resultado em curto prazo como o maior objetivo, a pressa como aliada e apenas a competição como referencial de avaliação.

Entendo a escola, assim como Araújo e Ramos (2018) e Ferreira (2018) como um local aberto para o diálogo e discussões, que aborda temas que proporcionem uma maior compreensão, amadurecimento e autonomia nos estudantes, ou seja, um local formador de seres humanos conscientes. Autores como Garganta (1995) e Scaglia (2017) destacam que os JEC proporcionam aos praticantes desde os primeiros momentos da aprendizagem, a assimilação de um conjunto de princípios, que vão desde ao modo como comportam-se com a bola até a forma de se comunicar com os colegas de equipe e contra comunicar com os adversário.

Chamo atenção, assim como Ferreira (2018), sobre as sutilezas que o ensino do esporte na escola precisa estar atento, uma vez que o ensino precisa oportunizar

aos alunos a chance de construir a experiência de jogar, que é diferente de apenas experimentar ou ter a informação sobre. Em outras palavras, o aluno deve apreciar com calma o sabor do jogo, fazê-lo conhecido dentro de suas memórias, tornando-o significativo e singular. A construção da experiência, segundo Ferreira (2018, p. 13) “daria condições para os estudantes praticarem os esportes fora da escola, apreciá-lo criticamente pelas mídias, conversar sobre ele com os colegas”.

Não obstante, os JEC demanda dos praticantes elevada carga de concentração e competência para perceber, elaborar e resolver o mais rápido possível as situações-problemas carregadas de incertezas e instabilidades provenientes da própria dinâmica do jogo, sendo necessário que ele, o jogador, reconheça nos JEC as características que estão relacionadas à estratégia, tática e técnica, é o que aponta Reverdito, Scaglia e Paes (2009) e Galatti et al. (2014; 2017).

Nesse ponto os JEC se enquadram na pedagogia proposta por Paes e Balbino (2005) no que tange ao ensino dos esportes, pois para esses autores a elaboração de uma pedagogia voltada para o ensino do esporte deve ter como pano de fundo a ideia de complexidade, o que provocará, entre outras coisas, uma desordem no se que se vê em grande parte dos programas de iniciação esportiva para então dessa desordem, emergir uma nova ordem.

Acerca da participação do professor, uma proposta de ensino baseada nos JEC, contrapõe os métodos apontados por Galatti et al. (2014; 2017) como tradicionais que coloca o professor como aquele que enfatiza os aspectos procedimentais da tarefa, isto é, aquele que tem o trabalho permeado pela repetição de movimentos com intuito de reduzir os erros. Contudo, é importante salientar, que no cultivo de um modo de pensar e agir, comprometido com os aspectos humanos das pessoas, “não exclui desenvolver as capacidades e ensinar as habilidade” (PAES E BALBINO, 2005, p. 10).

Vale ressaltar que o ensino dos JEC pautados por um ensino estritamente técnico e analítico, tende a privar os alunos de experiências lúdicas que só o jogo pode proporcionar, dessa forma o jogo deve estar presente em todas as fases de ensino/aprendizado, pelo fato de ser ao mesmo tempo motivacional e um melhor

indicador da evolução e das limitações que os praticantes vão revelando conforme pontua Garganta (1995) e Freire (2011). O resgate com o lúdico é ainda apontado por Leite (2010) como um agente transformador nos alunos onde o compromisso seria com a alegria e o prazer em detrimento do compromisso com a vitória.

Muito além de apenas jogar, acredito, assim como Garganta (2006) que os JEC oferecem a possibilidade de criação de novos cenários, em outras palavras, o jogo é a transformação da causalidade em casualidade, ou seja, aproveitar o momento. Concordo ainda com Scaglia (2017) que o fogo do jogo para os alunos precisa ser exatamente pela incerteza que ele proporciona e para testar suas habilidades. O jogo se comporta como um sistema aberto que não tem uma única solução a priori. A solução dependerá das circunstâncias, do contexto.

Os jogadores, estando envolvidos no processo de ensino aprendido são avaliados num ambiente cuja de variabilidade, imprevisibilidade e aleatoriedade nos contextos em que as ações de jogo acontecem, conforme aponta Garganta (2006), podendo os jogadores mostrar sua proficiência pela sua habilidade de perceber suas alterações do envolvimento e de a elas se adaptarem rapidamente.

Contudo, não basta apenas introduzir esse ou aquele método na escola, pois embora necessário a revisão dos métodos de ensino dos esportes no âmbito escolar, concordo com Galatti, Paes e Darido (2010, p. 751), que os JEC precisam ser organizados de modo que alinhem-se a um trato pedagógico coerente com o ensino formal, “ampliando sua presença na escola para além das questões técnicas-táticas de modalidades isoladas”.

6 METODOLOGIA

À diretora da escola foi apresentado o Termo de Autorização para a realização da pesquisa na escola. Aos pais e alunos os devidos termos: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para a autorização da pesquisa para os pais e/ou responsáveis e para os alunos o Termo de Assentimento.

Para atender a proposta, o método de pesquisa escolhido foi a pesquisa-ação. Tripp (2005, p. 3-4) reconhece esse tipo de pesquisa como um tipo de investigação-ação que é “um processo que segue um ciclo pelo qual se aprimora a prática pela oscilação sistemática entre agir no campo da prática e investigar a respeito dela”, o que descreve bem o processo de construção das aulas, uma vez que não lancei mão de jogos prontos e neles permaneci, pelo contrário, a proposta foi de (re)construção dos jogos junto aos alunos.

Lewin (1946) destaca que o processo da pesquisa ação tem caráter participativo e democrático, pois desenvolve-se com a interação direta entre pesquisador e pesquisados. Essa proposta de interação e construção está de acordo com o conceito apresentado por Thiollent (2009, p. 16) que define a pesquisa-ação como “uma pesquisa social (...) com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo no qual o pesquisador e participantes e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo”.

A proposta de reconstrução dos jogos corroborou ainda com o ciclo apresentado por Tripp (2005) que descreve o que esse tipo de investigação precisa ter, a saber: planejar uma melhora da prática; agir para implantar a melhora planejada; descrever os efeitos da ação; e avaliar os resultados da ação.

A pesquisa-ação no âmbito escolar, tanto professor quanto aluno desempenham funções ativas, desde que ambos os sujeitos estejam engajados durante todo o processo, participando nas situações problemas através do diálogo e troca de experiências vividas. Além disso, conforme sugere os autores dos JEC, o ensino através deles, proporciona a inversão dos métodos tradicionais de ensino em que o professor é o transmissor do conhecimento e os alunos meros receptores passivos do saber do professor.

Como anteriormente mencionado, foi durante uma atividade proposta por uma disciplina do mestrado em que era necessária uma intervenção com meus alunos sobre o conhecimento acerca dos esportes que pude perceber a pobreza do conhecimento deles: eles só conheciam o futebol e mesmo assim, de maneira bem superficial. É incrível e um pouco desanimador saber isso, principalmente quando se assume que o futebol é um importante elemento cultural do país.

No Novo Currículo Capixaba apresentado em 2019, a Educação Física foi (re)apresentada como um componente da área de linguagens, junto com Arte, Língua Portuguesa e Língua Inglesa. O documento expedido pela Secretaria de Estado de Educação (SEDU) afirma que a Educação Física “deve ser compreendida como um fenômeno da cultura corporal, entendendo-a como um acumulado de saberes produzido pela humanidade, que precisa superar a ideia da Educação Física que visa, exclusivamente, à aptidão física e ao desempenho” (SEDU, 2017, p. 178).

Dessa forma, entendo que os conteúdos desenvolvidos em sala de aula devam versar sobre os diversos aspectos dele em sociedade e da sociedade nele, inclusive o futebol, não bastando apenas conhecer o nome de alguns jogadores famosos ou reconhecer a camisa de alguns times. Assumo então, a perspectiva de que é crucial fazer os alunos entenderem que o futebol é muito mais que apenas “jogar bola”.

Para além de jogar, como fazer notar que ele, o futebol, como elemento da cultura brasileira influencia e é influenciado pela sociedade? Como fazê-los compreender que além de elementos técnicos, é preciso que eles enxerguem diversos fatores culturais de diversidade e inclusão no futebol? Como garantir o acesso de todos mesmo com aspectos econômicos e de desigualdade social interferindo no acesso ao esporte? Como fazer notar a interferência que a mídia tem na visão da sociedade acerca do futebol?

Diante de um cenário em que se fala sobre metodologias inovadoras de ensino da Educação Física na escola e pluralidade de conteúdos nas aulas, há autores que criticam o ensino do esporte na escola enquanto outros defendem, acredito assim como Carlan (2012) que isso se deve à falta de

compreensão/interpretação do fenômeno esportivo e seu trato na Educação Física escolar.

Concordo com Carlan (2012); Araújo e Ramos (2018); e Ferreira (2018) que o trato do esporte na escola atualmente deva ser colocado como um fenômeno social, plural e multifacetado. Diante disto, a relevância desse trabalho foi propor uma análise de metodologias aplicadas no ensino do futebol nos anos finais do Ensino Fundamental, bem como uma discussão acerca das possibilidades de ensino. Como resultado dessa análise foi explorado uma prática pedagógica baseada nos jogos que possa ser utilizada por mais professores que pretendam ministrar o futebol para além do ensino tradicional em suas aulas.

A abordagem de pesquisa-ação possibilita a reflexão da própria prática enquanto o problema é investigado ao mesmo tempo em que tenta modificar o problema, conforme sugere Thiollent (2009), a escolha por esse tipo de pesquisa criou um espaço de interlocução, onde os atores implicados participaram na resolução dos problemas, nesse caso os alunos, com conhecimentos diferenciados, propondo e construindo soluções, isto é, as aulas partiram de problemas identificados, soluções foram propostas e aplicadas ao mesmo tempo em que refletimos sobre o processo.

Lewin (1946) aponta ainda que a pesquisa-ação promove transformação social, o que pode resultar numa melhora da formação profissional tanto dos participantes pesquisadores quanto dos pesquisados. É, portanto, um posicionamento real da ação, com reflexão e avaliação dos resultados.

O período de intervenção foi durante o segundo trimestre letivo do ano de 2022 (junho, julho e agosto), em duas turmas de 9º Ano do Ensino Fundamental totalizando 35 alunos. Como critério de inclusão dos 9º Anos, admite-se que eles já tiveram vivências na Educação Física a ponto de entendê-la como componente curricular, além disso, assumo que devido a idade, os alunos já possuem maturidade para discutir certas questões levantadas na pesquisa. Foi utilizado como critério de exclusão as turmas de 6º, 7º e 8º Anos, pois devido à pandemia ainda não conseguiram assimilar a Educação Física como componente curricular, uma vez que devido ao cenário pandêmico essas turmas tiveram pouca ou nenhuma vivência em

Educação Física nos Anos Finais, além de não terem maturidade suficiente sobre determinados assuntos que serão levantados na pesquisa.

Como a proposta foi de utilizar jogos como método de ensino, a diagnose inicial foi dividida em dois momentos. No primeiro momento foi apresentado um jogo interativo que visou a verificação da conceituação teórica dos alunos acerca do futebol com duração de uma aula de 50 minutos. O jogo consistiu numa representação de um famoso jogo de perguntas e respostas da televisão brasileira que abordou temas como o futebol como fenômeno cultural, a prática do futebol na escola, fatores midiáticos, diversidade e fatores capitais. O jogo, diferentemente do original da televisão, não terá uma resposta tida como certa, mas sim a resposta espontânea do próprio aluno.

A escolha do jogo em detrimento de um questionário foi para evitar que as respostas fossem tendenciosas. Presumi que os alunos pudessem sentir-se coagidos a dar uma resposta que não fosse “socialmente condenável” para agradar a mim como professor, ou para evitar certas situações embaraçosas.

O segundo momento foi dedicado a um jogo de futebol propriamente dito, onde os alunos foram instigados à prática com quase nenhuma interferência do professor durante uma aula de 50 minutos. Essa aula possibilitou perceber as discrepâncias entre o que eles responderam e o que de fato realmente acontece na prática, bem como suas dificuldades.

Como instrumento de coletas de dados foi utilizado o roteiro de observação, que segundo Gil (2010) é fundamental para a obtenção das informações sobre determinada realidade, vale ressaltar aqui, que a observação vai além de apenas ver, mas também examinar, o que constitui, segundo esse mesmo autor, um dos meios mais frequentes para se conhecer pessoas, coisas, acontecimentos e fenômenos, tendo como maior vantagem a aproximação gradual com o contexto da pesquisa de uma forma menos invasiva.

A utilização da observação como método investigativo nessa pesquisa se deu pela necessidade de identificar o comportamento dos alunos durante o jogo de futebol. O processo de observação deu-se de maneira pré-estruturada.

A observação seguiu um roteiro pré-estabelecido direcionado aos aspectos cognitivos e socioafetivos, bem como os aspectos técnicos apresentados pelos alunos. Em cada atividade proposta foi observada a interação aluno x aluno; aluno x grupo; aluno x professor; grupo x professor; inserção e participação na atividade; participação e discussão na tomada de decisão acerca dos problemas emergentes; abertura ao diálogo durante os intervalos de bate papo durante a atividade; comportamentos de exclusão e seletividade; e abertura para a diversidade.

Além disso, todas as aulas foram gravadas em áudio e/ou vídeo, desse modo, as gravações foram utilizadas também como método de coleta e transcrição de dados. O ser humano é considerado um ser multissensorial, deste modo, Gil (2010) aponta que a coleta de dados através das gravações dos alunos durante as aulas, consistiu na decodificação de sinais não verbais durante as interações com os atores envolvidos no processo.

Contudo, as observações (ao vivo e das gravações) não foram suficientes para essa etapa, uma vez que na pesquisa-ação, como supracitado, participantes e pesquisador então igualmente envolvidos no processo, fazendo necessário, além de observar, saber a visão dos alunos acerca do problema pesquisado. Assim, após observação, foram feitas rodas de conversa.

As rodas de conversas permitiram a abertura de espaço para que os sujeitos envolvidos no processo pudessem estabelecer um espaço de diálogo e interação, ampliando suas percepções sobre si e sobre o outro, conforme aponta Mélló et al. (2007) e Moura e Lima (2014). Esses mesmos autores enfatizam ainda que as rodas de conversa priorizam discussões em torno de uma temática sendo que cada pessoa instiga a outra a falar, sendo possível se posicionar e ouvir o posicionamento do outro por meio do exercício de pensar compartilhado, o qual possibilita a significação dos acontecimentos.

As rodas de conversa foram os momentos de interação entre professor-pesquisador e alunos e alunos-alunos, momento em que foram confrontados o que eles responderam no jogo de perguntas e respostas e as atitudes que eles tomaram na prática do jogo.

A análise de dados deu-se pelo confronto entre a literatura erudita e especializada com os seguintes elementos: jogo interativo diagnóstico, execução das práticas pedagógicas propostas, rodas de conversas e na exploração da proposta metodológica do ensino do futebol a partir dos JEC.

Terminado a pesquisa em campo, começou o processo de construção da unidade didática em forma de *e-book* com o título “As (des)venturas de um professor com os jogos como método de ensino do futebol na escola” que foi apresentado como produto educacional.

7 RESULTADOS E DISCUSSÕES

7.1 *PARABELLUM*⁷

Daqui pra frente começo a narrar os acontecimentos que fizeram parte da pesquisa em campo com meus alunos dos 9º Anos do Ensino Fundamental na Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Baixo Quartel. Irei dividir esse capítulo em partes de acordo com as demandas que surgiram no momento da diagnose inicial.

As partes deste capítulo serão apresentadas de maneira a seguir a linha temporal de acordo com o andamento das aulas que foram ministradas com as turmas, contudo, eles não são necessariamente sequenciais, pois, se caso você que estiver lendo quiser pular para essa ou aquela parte do capítulo, conseguirá entender a dinâmica do que está sendo tratado.

Antes de começar, gostaria de dizer que o nome do capítulo pode parecer um pouco poético ou até mesmo agressivo, mas acredito que quando um professor se organiza para ministrar uma aula, ele realmente deve estar preparado para uma guerra, principalmente se ele pretende mexer com certos assuntos enraizados socialmente. Além disso, só quem enfrenta a realidade da educação básica pública no Brasil, sabe a quantidade de “inimigos” que precisam ser vencidos.

⁷ *Parabellum* é uma palavra latina que faz parte da expressão “*Se vis pacem, parabellum*”, ou “se você quer paz, prepare-se para a guerra”, em tradução livre.

7.2 QUE OS JOGOS COMECEM

Quando cheguei à escola e contei a meus novos alunos sobre o curso que estava fazendo e sobre a pesquisa que eu deveria fazer, todos me olharam com curiosidade, na verdade, em seus rostos estavam estampadas a mesma pergunta: “onde é que eu entro nisso?”.

Logo eu respondi a esse questionamento e todos os demais que surgiram naquela aula. Fiquei muito aliviado quando eles concordaram de imediato e mostraram-se animados com a ideia. Fiquei ainda mais feliz em perceber a curiosidade de alguns por um curso que está além da “faculdade”, talvez alguns deles tentem um mestrado ou quem sabe um doutorado.

O próximo passo foi providenciar toda a documentação que a pesquisa exige e como sou um pouco animado demais quando o assunto é dar aula, já marquei de começar na semana seguinte. Naquele mesmo dia já providenciei as cópias dos documentos e entreguei aos alunos do 9º Ano A, matutino.

Dois dias depois foi a vez do 9º Ano B, vespertino que aceitou prontamente em participar da pesquisa. Um comentário que ouvi de um deles jamais irei esquecer e na hora dei boas risadas: “se é para você ganhar mais, professor, meus pais vão assinar na hora”. Hoje, pensando um pouco mais a fundo, percebo que a realidade vivida pela família desse aluno pode ser que o estudo é sinônimo de melhorar as condições de vida através de um salário maior.

Acertado as questões burocráticas da pesquisa, na semana seguinte preparei a diagnose com as turmas. Era hora de partir para a guerra! Conforme apontado anteriormente, a primeira parte seria uma imitação de um jogo famoso de perguntas e respostas da televisão brasileira. Optei por um jogo e não um questionário porque tive receio que o questionário, ainda que não fosse nominal, poderia resultar em respostas que não condiziria com a verdadeira opinião dos alunos, uma vez que eles poderiam ser levados a dar respostas “politicamente corretas” com medo de algum tipo de repreensão, principalmente porque o teor das perguntas envolveriam assuntos que podem ser considerados polêmicos ou até mesmo tabus a serem discutidos dentro da escola.

Antes de começar com as perguntas, deixei claro que não havia uma "resposta certa" e que só funcionaria se eles fossem sinceros nas respostas. As perguntas giravam em torno dos aspectos técnicos (fundamentos e regras básicas) e táticos (esquema ofensivo e defensivo) do futebol, mesclando questões socioculturais como diversidade, machismo, racismo e inclusão.

Acerca dos aspectos táticos e técnicos constatei que os alunos conheciam superficialmente o esporte, restringindo as regras mais básicas do futebol, mas que mostravam certa dificuldade quando eram questionados sobre o futsal, como por exemplo o número de jogadores e demais regras; já sobre os aspectos socioculturais, enquanto alguns davam respostas mais rápidas e enérgicas, outros mostravam-se um pouco tímidos a ter que expressar sua opinião.

Depois de um tempo o jogo começou a convergir para um bate papo entre os alunos e coube a mim, apenas mediar as perguntas. Quando a pergunta era sobre algum assunto polêmico, como por exemplo o racismo, os alguns alunos preferiram não emitir opinião diretamente, mas conseguiram se soltar quando convidados a darem uma retórica sobre o posicionamento de outro aluno. (RIBEIRO, Valdione dos Santos; Diário de Bordo; Linhares, [s. l.] 2022).

Ao final da primeira parte da diagnose, após rever a gravação, consegui identificar alguns pontos emergentes a serem discutidos em sala de aula, pontos estratégicos que antes mesmo de começar a pesquisa eu tinha como meta discutir com os alunos: machismo, racismo, população LGBT e inclusão de pessoas com deficiência.

Como segunda parte da diagnose, eu precisava ver os alunos em ação para confrontar suas respostas com as atitudes na realidade. Convidei então os alunos a um jogo de futebol, a única regra que coloquei a eles foi que eles deveriam se organizar para uma partida em dois times e que eu não iria interferir nesse processo.

Durante todo o processo me coloquei estrategicamente na arquibancada da quadra com meu telefone gravando e eu anotando tudo em meu caderno de campo. Essa parte da diagnose durou pouco mais de 30 minutos e minha interferência foi nula, mesmo com os protestos por parte de alguns alunos com relação a desentendimentos que apareceram.

Os alunos do 9A se organizaram em dois times de 7. Eles escolheram dois meninos (os que eles julgaram ser os "melhores") para dividirem. Os divisores tiraram no "par ou ímpar" para decidir quem escolheria primeiro e assim começaram a escolher. Os primeiros a serem escolhidos foram os outros meninos deixando as

meninas por último. Durante a escolha entre os meninos, aqueles que já haviam sido escolhidos davam palpites sobre a próxima escolha, contudo no momento de escolha das meninas, não houve mais opiniões, ficando a cargo do seletor. Nesse momento houve hesitação por parte do seletor e olhares incrédulos das meninas. (RIBEIRO, Valdione dos Santos; Diário de Bordo; Linhares, [s. l.] 2022).

O mesmo processo foi utilizado pelo 9B. Aqui a situação foi bastante diferente: a começar que ninguém tomou a iniciativa de dividir os times sob a justificativa de que eles não gostavam muito de futebol e que pouco sabiam sobre esse esporte. Por fim, dois alunos decidiram separar os times.

A turma do vespertino mostrou-se sem iniciativa no início, mas por fim decidiram separar os times. Me surpreendi quando vi que duas meninas tomaram a iniciativa de dividir os times. Enquanto eram escolhidos, os meninos não opinaram sobre os demais integrantes que deveriam ser escolhidos (RIBEIRO, Valdione dos Santos; Diário de Bordo; Linhares, [s. l.] 2022).

Terminada a diagnose com os alunos, era hora de planejar as intervenções. Para cada ponto emergente, separei duas semanas de intervenções, mas que poderia variar para mais ou para menos a depender do desenvolvimento dos alunos.

7.3 “JOGARIA SE EU SOUBESSE”

“O Brasil é o país do futebol” é uma frase que é bem conhecida ao redor do globo. Quando eu escrevi essa frase no quadro branco e pronunciei com meus alunos, todos concordaram com a cabeça que já tinha escutado ao menos uma vez na vida deles. Foi aí que nossa (des)ventura começou! Antes de levar meus para a quadra para começarmos nossas vivências no futebol, eu precisava instigar neles uma intrigas para que pudéssemos pensar, então a próxima coisa que escrevi no quadro foi “Eu jogaria futebol se soubesse.” Quando questioneei se algum deles já tinha escutado essa frase, ninguém afirmou ter escutado, foi aí que eu disse a eles que um deles havia dito.

“Jogaria se eu soubesse” foi a resposta que obtive de um dos alunos durante a diagnose. Isso me faz refletir que embora o futebol tenha uma forte presença no Brasil, ao menos dentro do universo tão pequeno como foi o da pesquisa, na pequena comunidade de Baixo Quartel, que o Brasil não é exatamente o país do

futebol. Paulo Calçade, jornalista esportivo, aponta a discrepância dessa célebre frase e conclui que ela aponta para uma visão apaixonada da relação futebol/Brasil e concordo com ele. Em entrevista concedida à Esquinas, traz alguns dados bem interessantes acerca dessa paixão do brasileiro sobre o futebol, segundo ele “O Brasil país do futebol é uma das maiores mentiras já inventadas. Nos estaduais pelo Brasil, tem jogo que tem mais gente em campo do que fora assistindo, onde que é o país do futebol? A Inglaterra tem estádios lotados, a segunda divisão inglesa é uma das maiores bilheterias do mundo. Esse é o país do futebol, a Inglaterra: estádio lotado, jogo que todo mundo quer ver” (CALÇADE, 2021).

Não obstante, a realidade que encontrei quando cheguei para falar sobre o futebol com meus alunos corroboram com essa realidade apontada por Calçade, ou seja, alunos que não tinham vivências do futebol, não sabiam nem mesmo chutar uma bola, que não percebia o futebol como elemento cultural, nem como um conteúdo a ser trabalhado e discutido na escola, chegando ao limite de ter alunos que afirmaram que não jogavam porque não conhecia.

Quando dei sinal de que poderiam começar a partida, a maioria dos alunos amontoaram-se em torno da bola tentando chutá-la para qualquer lugar que fosse longe do grupo. Houve ali uma disputa acirrada para tentar chutar a bola, mas logo percebi que a tarefa era árdua demais para eles, pois ninguém estava conseguindo acertar a bola. Depois de algum tempo de chutes no ar e nas canelas de adversários e companheiros, finalmente a bola começou a rolar pela quadra. Eu mesmo não consegui distinguir quem pertencia a qual time e eles não estavam nem um pouco preocupados com isso: a única preocupação deles era chutar a bola para qualquer lado que fosse. No matutino, o 9A tinha apenas dois alunos que jogavam razoavelmente bem tecnicamente, enquanto que no vespertino, o 9B o caos foi ainda maior, ainda que apresentassem uma noção melhor do que estavam jogando em equipe. (RIBEIRO, Valdione dos Santos; Diário de Bordo; Linhares, [s. l.] 2022).

No capítulo 3 quando discorri sobre a presença do futebol na sociedade brasileira, convidei a fazer um jogo mental de partida de futebol e para isso imaginávamos as possibilidades de jogar futebol com pouco recurso. Eu queria naquele momento apresentar um imaginário de que todos no Brasil tem acesso ao futebol por ser um “esporte de poucos recursos”, portanto, qualquer um poderia jogar até mesmo no meio da rua. Contudo, chamo à atenção que mesmo para algo que exija poucos recursos, algum recurso precisa ter, concordo então com Freire (2011), que jogar futebol não é apenas correr atrás de uma bola, principalmente no ambiente escolar.

Não quero aqui apontar um culpado para o fato de meus alunos, em sua maioria, não saibam minimamente jogar futebol, ou que não tenha tanta paixão pelo futebol como pude perceber no 9B, apenas evidencio que o futebol mesmo sendo presente no Brasil, inclusive no ambiente escolar, não faz do Brasil o país do futebol, acredito, assim como Pozzi e Ribeiro (2006); e Matias e Mascarenhas (2019) que a mídia, sobretudo a televisão, seja atualmente a responsável pela globalização do futebol e portanto, o Brasil, país do futebol esteja mais relacionado a um apelo midiático que democratização do esporte propriamente dita.

Questionando meus alunos sobre não saberem jogar futebol, as respostas convergiram sobre o quanto o ensino desse esporte foi negligenciado durante os anos anteriores e que sempre foi algo que o professor deixava a caráter dos alunos organizarem-se para jogar, geralmente os que tinham afinidade com o esporte enquanto os demais ficavam sentados na arquibancada conversando, principalmente as meninas. Além disso, mesmo aquelas que tinham alguma afinidade com o futebol, preferiam não jogar por serem ofuscadas pelos meninos.

Terminado os apontamentos iniciais, fomos para a nossa primeira vivência prática e aqui enfrentamos nosso primeiro desafio: não tínhamos quadra para jogar. Vou resumir a história da quadra para que possa ficar bem entendido.

A escola do universo da pesquisa não possui quadra, embora seja recém construída. Havia no projeto inicial, a construção de uma quadra, contudo, como já existia uma quadra poliesportiva comunitária, então em acordo com a comunidade, a quadra da escola não foi construída ao passo que a escola teria prioridade em utilização nos momentos de aula e assim aconteceu no início do ano, contudo, houve alguns contratempos na comunidade que me impediu de usar a quadra durante um tempo, então as primeiras aulas foram precarizadas no pátio aberto da escola, como infelizmente muitos de meus colegas de profissão ao redor do país são obrigados a enfrentar.

Para essa aula eu fiz uso do estacionamento da escola que era o espaço que mais se assemelhava com uma quadra de futsal. Nesse dia, o sol estava brilhando forte com um calor insuportável, mesmo para às 9:00h da manhã. Com todos reunidos no centro do estacionamento, expliquei que a primeira etapa consistia em

aprender minimamente as regras de jogo do futebol, então propus um jogo de pega-pega a fim de que eles “sentissem” o espaço de jogo, conforme sugere Martins e Colaboradores (2020).

Freire (2017) afirma que o tempo de jogar nunca acaba e olhando para meus alunos é impossível não concordar com ele sobre isso. Quando o jogo começou, os adolescentes que em muitas vezes se retraem nas aulas de Educação Física, que optam em não participar por estar sol, por estar cansado, por não querer suar, entre tantos outros motivos, simplesmente corriam de um lado para o outro a fim de correr do pegador, ao passo que esse esforçava-se para pegar os demais e se livrar do “posto vergonhoso” de ser o pegador. (RIBEIRO, Valdione dos Santos; Diário de Bordo; Linhares, [s. l.] 2022).

Passado alguns minutos fui obrigado a parar o jogo e os chamar à sombra do prédio do auditório. Esse é um dos problemas de não ter uma quadra coberta: a aula deve ser parada com frequência para preservar a integridade física dos alunos. Durante o primeiro *timeout* chamei atenção dos alunos sobre as dimensões de uma quadra de futsal, o espaço de jogo e posicionamento dos jogadores na quadra.

Questionei aos alunos sobre uma mudança no jogo que pudesse ser feita para a inclusão de uma bola no meio do jogo e logo foi sugerido transformar o pega-pega em um pique-bola, que é a mesma coisa que o jogo anterior, com exceção que o pegador deve pegar os demais utilizando uma bola. Então recomeçamos o jogo com a utilização de uma bola de futsal, contudo, como a atividade tornou-se ainda mais enérgica, foi preciso fazer algumas paradas devido ao sol. Durante o segundo *timeout* pedi que os alunos pensassem em um nexos do jogo com o futebol, isto é, quais características do futebol estavam presentes no jogo?

A proposta dos JEC apontado por Garganta (2006); Daolio (2002) e Sadi (2008) é de que o jogo deve causar familiaridade com o esporte coletivo que se pretende ensinar, desta forma, as situações vivenciadas durante o jogo podem ser mais facilmente incorporado ao esporte. Os alunos perceberam o uso da bola como sendo o principal elo de ligação do pique bola com o futebol. Para além de notar as semelhanças, foi interessante o apontamento feito por um aluno do 9º B, pois segundo ele, havia uma grande diferença, pois o futebol é jogado em equipe e aqui é cada um por si e que para ser mais parecido com o futebol, deveria ser um grupo pegando os demais.

Após a sugestão do aluno, o jogo seguiu com as seguintes regras: os alunos foram separados em um dupla pegadora e os demais deveriam fugir. Os pegadores

deveriam perseguir os demais a fim de boiar com a bola, contudo na hora de boiar, não poderia arremessar a bola, mas sim encostar a bola naquele que fugia; a bola só poderia ser arremessada de um pegador para o outro, nesse primeiro momento, usaríamos a mão, ao invés dos pés e aqueles que fossem pegos, deveriam unir-se aos pegadores.

Após essas alterações, o jogo ficou ainda mais enérgico. Os pegadores se empenharam para pegar os demais e conforme o jogo prosseguia e os pegadores tornaram-se um equipe, os demais já mostravam sinais de cansaço e ficava cada vez mais difícil fugir de uma equipe que só aumentava e já conseguia cobrir quase todo o espaço de jogo, até que finalmente, ficaram apenas dois sem serem pegos, ao passo que eles logo desistiram e se deixaram pegar.

No retorno à sala de aula na semana seguinte, comecei exibindo fotos de alguns meninos com cortes de cabelo exatamente iguais. Depois pedi aos alunos que analisassem as fotos, concentrando-se nos cabelos dos meninos. De modo geral, o corte foi classificado como horrível e a possibilidade deles fazerem igual era menos que zero. Quando exibi a origem do corte, todos eles ficaram boquiabertos: o corte foi ostentado pelo jogador Ronaldo Fenômeno, durante a final da copa mundial de 2002.

Continuei exibindo as tendências que as pessoas adotam simplesmente por terem visto jogadores de futebol fazerem primeiro, desde o uso de roupas a cortes de cabelo. Após isso, os convidei a pensar sobre comportamentos e tendências que eles adotaram e tentarem chegar à fonte de onde tiraram, Depois de algum tempo eles conseguiram pontuar alguns comportamentos e coisas que usam, mas que definitivamente não conseguiam saber de onde tinham tirado, mas numa coisa concordaram: tinham visto na mídia social.

Matias e Mascarenhas (2019) apontam que a mídia, principalmente a televisão, transformou o esporte, sobretudo o futebol, em um elemento comercial a fim de modelar os torcedores em clientes das entidades esportivas e demais grupos que atuam indiretamente no mercado esportivo. Muitas das vezes, a população geral, assim como meus alunos não se dão conta que seus comportamentos e processos de consumo, são indiretamente influenciados por esse processo.

De volta à quadra (à essa altura, depois de muita briga, discussão e reclamações na secretaria de educação municipal, consegui finalmente utilizar a

quadra para minhas aulas, e isso, devo dizer, me sinto orgulhoso de ter persistido), convidei meus alunos para o centro da quadra e fomos “conhecer” o espaço de jogo do futebol, isso foi mais que necessário, percebi depois, uma vez que alguns alunos não fazia ideia do que significava as marcações da quadra e para que elas serviam.

Após isso, pedi que eles se dividissem em duas equipes e os apresentei ao jogo que iríamos utilizar: correr mais que a bola. Esse jogo não é autoral, pois o vi em um grupo em uma rede social. Contudo, fiz algumas para que pudesse estar dentro da proposta dos JEC, no jogo original, era individual, já com meus alunos, os separei em duas equipes. O jogo tem regras bem simples: uma equipe foi chamada de defensiva enquanto a outra de ofensiva. A defensiva foi ordenada num círculo ao longo de metade da quadra; já a de ataque foi posta em fila indiana na linha de fundo da quadra. Ao sinal, o primeiro da fila deveria jogar a bola para o meio do círculo e começar a correr ao longo de todo o círculo de adversário a fim de dar uma volta completa e entrar no gol; enquanto isso, a equipe do círculo deveria ir tocando a bola em sentido horário ou anti horário, fazendo com que a bola passasse pelos pés de toda a equipe antes que o atacante conseguisse completar o percurso.

Diferente da atividade anterior, que os alunos mostraram-se bem receptivos e animados, dessa vez, não percebi a mesma empolgação deles e pareciam que estavam fazendo somente porque eu pedi para fazerem. Embora seja decepcionante, essa atividade não surtiu tanto efeito como eu esperava e após alguns minutos, todos os alunos pareciam letárgicos. Confesso que fiquei feliz que antes da aula houve uma reunião entre os professores e que minhas duas aulas tenham ficado espremidas em 60 minutos e parte desse tempo tenha sido gasto na aula expositiva e logo tive que encerrar para retornar para a sala de aula. (RIBEIRO, Valdione dos Santos; Diário de Bordo; Linhares, [s. l.] 2022).

Na semana seguinte, começamos o debate acerca dos pontos emergentes. Começamos falando sobre a dificuldade deles em reconhecer e aplicar os elementos básicos do futebol. De modo geral, a turma atribuiu a dificuldade às poucas vivências que tiveram no futebol, repetindo o diálogo de que os professores anteriores não “davam aula” de fato, mas que os levava à quadra e os deixavam escolher o que fazer.

Percebi naquele momento que minha tarefa seria mais pesada do que eu imaginava, pois assim como Freire (2011) aponta, concordo que o ensino do futebol na escola deve passar por quatro princípios básicos que é (1) ensinar futebol a todos; (2) ensinar bem o futebol a todos; (3) ensinar mais que futebol a todos; e (4) ensinar a gostar do esporte. Aceito então que a proposta dos JEC possa ser o

catalisador para o ensino, uma vez que, pode proporcionar vivências que vão muito além do simplesmente jogar, conforme aponta Scaglia (2017). Além disso, concordo ainda com Paes e Balbino (2005) que mesmo que os aspectos humanos sejam a preocupação principal durante o processo, desenvolver as capacidades e as habilidades tático/técnico não podem ser excluídos, o que pode ser feito de maneira mais natural, quando os JEC são pedagogicamente pensados para o ambiente escolar, conforme aponta Galatti et al (2014; 2017).

Quando levantados os questionamentos sobre a influência midiática no futebol, os alunos poucos enxergavam isso. Atribuo isso à pouca ou quase nenhuma (segundo relato deles mesmo) discussão acerca desse tema ou de qualquer outro relacionado à questão esportiva, o que está diretamente ligado à ideia de que ensinar esporte na escola seja apenas ensinar a praticar, conforme aponta Carlan (2012) e Ferreira (2018). Já Araújo e Ramos (2018) relatam que mesmo em tempos atuais, há professores de Educação Física que têm suas aulas pautadas nos valores do esporte profissional, numa busca da perfeição do movimento em detrimento da preocupação com a formação social.

Acredito que mesmo esses professores supracitados não tenham revelado uma visão crítica do futebol a que podemos atribuir ao forte apelo midiático, conforme Matias e Mascarenhas (2019). Esses mesmos autores apontam que não é incomum professores reproduzirem esses mesmos discursos em suas aulas, onde falas como “o esporte pode salvar pessoas da marginalização”; “esporte é educação”; “esporte é saúde”, entre tantas outras tantas frases de efeito, que estão presentes nas transmissões de futebol, que faz dele e os esportes em geral, serem vendidos como a cura milagrosa para diversas moléstias sociais.

Não quero aqui tecer uma crítica de que o futebol e o esporte seja o inimigo público número um, pois acredito, assim como Da Mata (1986) que o futebol não seja o ópio do povo brasileiro; nem tampouco nego o fato que o futebol pode ser usado como coadjuvante em processos de transformações sociais como educação e saúde, mas que ele por si só não é capaz de fazer. Contudo, atribuir aos esportes e sobretudo ao futebol, como sendo o único responsável por sanar essas mazelas é reproduzir os mesmo discursos da mídia que transforma o futebol num lucrativo produto comercial e os amantes dele em simples consumidores.

7.4 O SOL É PARA TODOS

Quando cheguei à sala do 9A nesse dia, foi providencial eu ter feito uma troca com uma colega de trabalho, portanto, ao invés de minhas aulas terem sido as duas primeiras como de costume, fiquei com as duas últimas, logo após o recreio. Nesse dia em especial, como manda o calendário de merenda das escolas municipais, era o dia de servir uma merenda doce, que por acaso era iogurte com biscoito e banana prata.

Quando eu cheguei à sala de aula, alguns de meus alunos ainda estavam com suas bananas. Montei o multimídia na sala para exibição de minha aula. Claro que quando viram o projetor e o computador, eles logo desanimaram, pois acharam que passaríamos duas aulas inteiras copiando matéria.

Comecei a aula levantando o seguinte questionamento: a quem logo associamos o consumo de bananas? *A priori* todos ficaram calados e sem entender o motivo da minha pergunta, ou talvez estivesse pensando que eu estivesse ficando maluco. Então retornei minha pergunta e foi só aí que recebi a resposta que eu esperava naquele momento: ao macaco.

Durante a diagnose em determinados momentos eu questioneei sobre o racismo e quase todas as respostas foram que o racismo existe no mundo inteiro, mas que no futebol isso não acontecia. No momento da partida diagnóstica de futebol eu não consegui identificar comportamentos racistas em meus alunos, na verdade, nunca percebi esse tipo de comportamento na escola em que atuo, contudo, devo dizer que a maior parte de meus alunos são brancos.

Comecei então a exposição em minha aula mostrando de forma bem resumida o contexto histórico de origem do futebol no Brasil e como era jogado apenas por pessoas brancas até a origem da expressão “jogadores pó-de-arroz”, que se pintavam para poderem jogar futebol profissional.

A primeira pessoa a fazer um comentário foi a aluna Ni, a mais negra da sala da classe. O olhar de incredulidade que ela me lançou me fez perceber que eu tinha chegado a um ponto muito delicado de se tratar em uma sala de aula. Um burburinho correu pela sala de aula e quando observei os rostos de meus alunos, em sua maioria branca, alguns ficaram bem sem graça com a situação, pareciam que realmente estavam desconfortáveis em saber disso. (RIBEIRO, Valdione dos Santos; Diário de Bordo; Linhares, [s. l.] 2022).

Conhecer que os jogadores negros no início dos campeonatos de futebol profissional no país precisavam ser “esclarecidos”, causou espanto entre os alunos e o resultado foi o que eu esperava quando eu iniciei esse tema. Quando questionei a eles sobre nunca terem sabido desse fato, eles simplesmente me responderam que esse tipo de coisa a gente não aprende na escola. Essa realidade encontrada por mim, corrobora com o estudo apresentado por Machado et al (2010), sobre a dificuldade do professor em contextualizar a teoria e a prática, ficando na maioria das vezes preso apenas ao ensino das regras, o que segundo Carlan (2012) e Ferreira (2018) constitui uma falha no ensino, pois trata o esporte apenas sob a ótica do ensino do movimento, deixando ao abandono a reflexão crítica dos aspectos socioantropológicos do esporte.

Falar sobre racismo no esporte com meus alunos é tema para muitas aulas e decidi parar por um momento para que eles pudessem absorver um pouco sobre isso. Então, lancei um questionamento para eles refletirem para a próxima aula: “Há racismo no esporte nos dias atuais?”.

Na quadra, pedi que eles se dividissem em duas equipes enquanto eu preparava o campo de jogo. Iria utilizar para essa aula uma variação de um jogo conhecido aqui na cidade de Linhares como “Bola Queimada”. Esse jogo é similar a um jogo de beisebol, só não tem taco, mas para minha aula, utilizaríamos os pés ao invés das mãos.

O jogo consiste em dividir os times em duas equipes: uma de ataque e outra de defesa; cada equipe tem 5 minutos para atacar, após isso, trocam de posição; cada jogador da equipe de ataque deve chutar a bola da linha de partida, um por vez, para dentro da zona de defesa e correr para a linha de chegada, passando pelas bases 1 e 2 antes que a equipe de defesa coloque a bola na zona de bola salva, marcada com um pneu, se conseguir percorrer todo o caminho, marca um ponto para a equipe; o jogador chutar a bola não precisava necessariamente percorrer todo o caminho de uma vez, podendo ficar dentro da base 1 ou 2 e aguardar o próximo lance de seu time para assim retornar o percurso; ganha a equipe que mais pontuar dentro do limite de tempo.

Para esse jogo utilizamos apenas metade da quadra, conforme o diagrama apresentado na Figura 1:

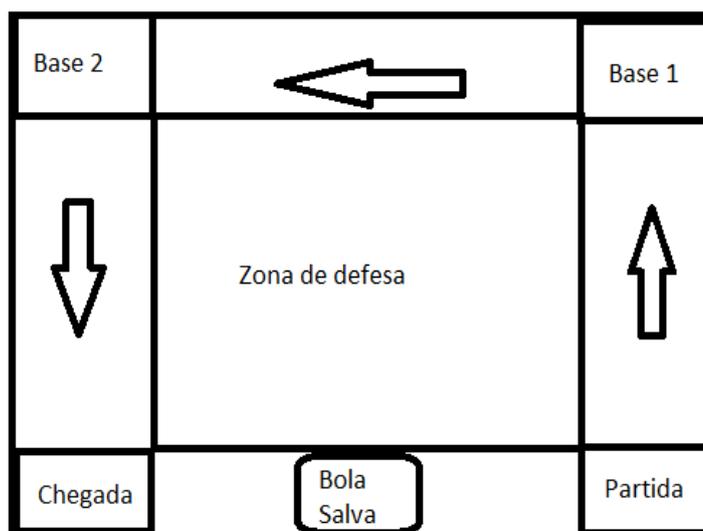


Figura 1: Esquema do "Bola Queimada"

Para essa etapa, gostaria de apresentar aos alunos os fundamentos básicos do futebol: passe, recepção, condução de bola e chute, então quando eu disse a eles que ao invés de usar as mãos, deveríamos utilizar os pés, eles estranharam. Começamos o jogo e por eles já o conhecerem, não apresentaram dificuldade tática, contudo, estava bem difícil para eles fazerem a bola chegar até a zona de “bola salva” antes que o atacante chegasse até a chegada.

Após o tempo de 5 minutos, a equipe que estava atacando conseguiu fazer 19 pontos, então, trocamos as equipes de posição e o jogo prosseguiu. A mesma dificuldade que o time anterior estava tendo o atual também apresentou: fazer a bola chegar à zona de “bola salva”. O segundo time marcou nessa primeira rodada 22 pontos.

A equipe de defesa apresenta dificuldade de executar os movimentos básicos de toque, mas a principal dificuldade deles é ter a visão que a bola chegaria mais depressa na zona de bola salva se eles tocassem uns para os outros. As equipes apresentam certo grau de individualismo, pois aqueles que pegavam a bola, geralmente carregava a bola com até a zona de bola salva, o que garantia ao jogador atacante tempo suficiente para correr até a linha de chegada passando pelas bases 1 e 2. (RIBEIRO, Valdione dos Santos; Diário de Bordo; Linhares, [s. l.] 2022).

Terminada a partida, nos reunimos no centro da quadra para conversarmos sobre. A maior dificuldade apontada por eles foi exatamente a que eu enxerguei. Questionei então como esse jogo pode ser visto como uma partida de futebol, isto é, qual o nexa que pode ser visto entre os dois?

Pe: Os dois se jogam com os pés! (todos riram)

Professor: Embora tenha sido uma piada engraçada. Sou obrigado a pedir que pensem um pouco mais a fundo.

Al: A gente utiliza a bola de futebol, tem duas equipes.

Jo: Enquanto uma equipe ataca a outra defende.

Professor: Até agora estão indo bem. No futebol, quando o time que está com a posse de bola o mesmo jogador que pega a bola perto de sua área é o mesmo que conduz a bola até a trave adversária?

Kha: Claro que não!

Professor: Como é dividido um time de futebol?

Al: Goleiro, zagueiro, atacante, meio de campo, laterais...

Professor: Exatamente! E cada jogador tem sua função em campo. O que percebi em vocês foi que cada jogador do time de defesa está fazendo todos os papéis do time, ou seja, ele pega a bola que foi chutada pelo adversário e traz até a zona de bola salva.

Pe: Então, é melhor tocar a bola até chegar aqui.

Professor: Concordo plenamente com você, afinal, é mais fácil fazer a bola chegar aqui se for tocada de jogador em jogador do que um trazer lá do fundo até aqui. (RIBEIRO, Valdione dos Santos; Diário de Bordo; Linhares, [s. l.] 2022).

Após a conversa, retornamos ao jogo. Dessa vez, a equipe de defesa organizou-se de modo que cada um tomava conta de um espaço da zona de defesa, além disso, a equipe colocou um único membro perto do pênalti de modo que ele era responsável por receber a bola e colocar na zona de bola salva. Quando a equipe de ataque chutava a bola o passe de bola entre a equipe de defesa não permitia que o atacante percorresse todo o caminho, obrigando-o a ficar “salvo” dentro da base 1 ou 2 conforme a velocidade do jogador.

O jogo permitia o passe de bola entre os integrantes da equipe de defesa de modo que não precisavam percorrer grandes caminhos com a bola, ao mesmo tempo, desenvolvia a recepção. Além disso, a movimentação do time dentro do espaço de jogo passou a ser mais assertivo. Quando finalmente as equipes trocaram de lugar, a segunda equipe instintivamente passou a usar a mesma estratégia da primeira equipe, tornando o jogo mais equilibrado.

É interessante esse processo de aprendizado em que um aprende com o outro. A proposta de JEC é muito bem representada nesse processo, conforme apontam autores como Galatti e Paes (2006) e Galatti, Paes e Darido (2010), o jogo torna-se protagonista no processo em contrapartida dos métodos ditos tradicionais em que se privilegia os aspectos técnicos. O *timeout* proporcionou aos alunos um momento de reflexão acerca do estado do jogo, o que Garganta (1995), corroborado por Galatti e Paes (2006); e Galatti et al (2014; 2017) que colocam como os dois princípios básicos do ensino dos JEC, a saber: a) cooperação entre os elementos de uma mesma equipe e; b) o apelo à inteligência. As equipes refletiram juntas sobre o

jogo e as falhas não eram apontadas como sendo deste ou aquele membro da equipe, pelo contrário, foram apontadas como sendo de toda a equipe, sugerindo a seguir, meios de correção como um todo.

Na semana seguinte, retornamos nosso bate papo sobre o racismo no futebol. Comecei fazendo um breve resumo sobre o que fora apresentado na aula anterior e retomamos a partir daí. A partir daí, levantei a seguinte questão: o futebol é racista nos dias atuais? A maioria dos alunos responderam que não, mesmo que ainda exista racismo na sociedade de modo geral. A argumentação deles partiram do princípio de que hoje em dia “ninguém de pinta” para poder jogar e que grande parte dos jogadores são negros.

Chamei a atenção deles para a exibição de um vídeo compilado de alguns casos de racismo no futebol que ganhou notoriedade nos últimos anos: o caso do goleiro Aranha, em 2014, numa partida entre Grêmio e Santos; do lateral Daniel Alves, em 2014, numa partida entre o Barcelona e Villarreal.

Os alunos assistiram ao vídeo em silêncio, não houve nenhuma reação deles. Pareciam incomodados em ter que assistir àquelas cenas deploráveis do comportamento humano. Quando o vídeo terminou, ninguém quis falar nada, mas ao fundo eu pude escutar, embora não tenha conseguido distinguir quem foi, um “que nojo”. (RIBEIRO, Valdione dos Santos; Diário de Bordo; Linhares, [s. l.] 2022).

Terminado o vídeo, coloquei no quadro a palavra bem grande e alguns pontos para melhor compreensão. Primeiramente coloquei para eles que o racismo nasce de uma relação de poder, isto é, alguém numa situação de poder socialmente construído tenta diminuir o outro baseado simplesmente na cor de pele, que esse nascimento é baseado numa idealização de perfeição corporal, conforme aponta Le Breton (2020); e que numa sociedade em que os cargos de poder são em sua grande maioria (quase que exclusivamente) ocupados por pessoas brancas, o negro não goza de poder suficiente para diminuir o branco, por isso, não existe o racismo reverso.

Professor: Entendam que esses casos que eu apresentei são somente a ponta do *iceberg*, isto é, são os que ganharam notoriedade nos últimos anos. Imaginem quantos passam despercebidos, quando não são denunciados ou flagrados pelas câmeras!

We: São muitos. Eu mesmo já fui chamado de um monte de coisas.

Professor: Aqui na escola?

We: Na escola, na rua. Teve um ano que a escola competiu no campeonato interescolar, eu fui chamado de macaco pelo próprio

professor do outro time. Ele falava assim para o time dele “Marca esse aí. Esse macaco!”.

Professor: E o que o seu professor fez?

We: Fez nada. Disse que era só no calor do momento.

Professor: Não existe essa história de calor do momento.

(RIBEIRO, Valdione dos Santos; Diário de Bordo; Linhares, [s. l.] 2022).

Os alunos continuaram relatando alguns casos que eles presenciaram ou que sofreram. Mesmo que no princípio foi apontado que não existe racismo no futebol, logo começaram a refletir que existe e muito, do mesmo modo que existe na própria sociedade. Encerrei pontuando que se o futebol é um elemento cultural da sociedade brasileira, logo, ele reflete aspectos da própria sociedade.

Retornamos naquela semana ao nosso jogo de bola queimada, dessa vez com atualizações sugeridas pelos próprios alunos: a zona de “bola salva” foi trocada por uma trave, para isso, invertemos o campo de jogo de modo que não precisássemos mover a trave por questões de segurança; assim como no futebol, na trava haveria um goleiro que poderia agarrar a bola, assim, o atacante perderia o direito de continuar o percurso assim que o goleiro agarrasse a bola; já as bases foram trocadas de lugar de modo que não ficassem em linha reta, assim, prepararia mais o atacante para uma partida de futebol e suas mudanças de direção que os jogadores devem fazer.

Após as alterações, o jogo ganhou visíveis melhorias em relação ao dinamismo. A equipe que defende articula-se de modo que cada um cobre um pedaço da zona de defesa e assim que a bola era chutada pelo atacante, o “protetor” da área onde a bola era lançada, imediatamente recepcionava-a, enquanto os demais de sua equipe movimentava-se de modo a abrir o campo de visão do que estava com a bola, aparecendo oportunamente para receber a bola se fosse preciso. Já os atacantes melhoraram consideravelmente os chutes de modo que tentavam a todo custo dificultar a recepção da bola pelos defensores. (RIBEIRO, Valdione dos Santos; Diário de Bordo; Linhares, [s. l.] 2022).

Durante o nosso *timeout* questioneei sobre as melhorias que eles puderam perceber desde o início da atividade. De modo geral, foi pontuado que após as novas regras o jogo ficou mais “frenético”, mas que poderia ser devido a eles terem aprendido como melhor se posicionar na quadra e que agora estavam sabendo melhor chutar a bola. Galatti et al (2014; 2017) articula que o método de ensino esportivo baseado nos JEC, contrapõe os métodos tradicionais justamente por não colocar o professor como sendo um agente que enfatiza a repetição de movimentos a fim de reduzir os erros, dessa forma, as observações feitas pelos alunos mostra

que mesmo que a repetição de movimentos não precisa ser o foco da aula para que ocorra melhoria no aspecto técnico motor, eles acontecem naturalmente durante o jogo.

De volta à sala de aula, era hora de “batermos o martelo” sobre o tema que iniciamos duas semanas atrás: o racismo no futebol e fundamentos técnicos básicos e suas aplicações numa partida.

No início, quando questionados se havia ou não racismo no futebol, a maioria disse que não, mas logo mudaram a fala quando eu mostrei sobre o “pó-de-arroz”. Ainda assim, os alunos de modo geral não percebiam o futebol como sendo um ambiente que poderiam gerar episódios de racismo, mas que puderam ao menos refletir quando viram os episódios mais atuais.

Ju: Mas professor, a pessoa talvez nem seja racista. Igual ao caso da moça que xingou o goleiro, pode ser que ela só falou porque estava chateada, sei lá. O time dela estava perdendo.

Professor: Já sei o que você quer dizer. Fez o que fez, por ser o calor do momento. Não é isso?

Ju: Isso mesmo. Só disse porque estava com raiva.

Professor: Alguém mais concorda com a Julia? (Alguns balançaram a cabeça em concordância). Façamos um teste então: é certo um homem bater em uma mulher? Alguém concorda que o marido pode bater na esposa?

Ka: Claro que não! (Todos concordaram com a cabeça ou com um murmúrio).

Professor: Eu digo que não. Mas e se for numa briga entre o casal?

Ka: Não pode do mesmo jeito! Homem de verdade não bate em mulher!

Professor: Eu concordo com você. Mas muitos maridos agredem suas esposas e quando são questionados o porquê, simplesmente respondem que estavam nervosos, que foi apenas no calor do momento. É a mesma situação que a Julia falou sobre a racista no estádio. Os racistas sempre dizem que foram mal interpretados, ou que foi na hora da raiva... mas a verdade é que eles não são racistas sempre, mas que conseguem dissimular na maior parte do tempo e quando ficam em situações apaixonadas, perdem o controle da dissimulação e explodem o que realmente pensam. (RIBEIRO, Valdione dos Santos; Diário de Bordo; Linhares, [s. l.] 2022).

Pontuei com eles que o racismo é algo estruturado na sociedade de tal forma que ele pode muitas vezes passar despercebidos ou até mesmo camuflados de brincadeiras, mas que no fundo é puro racismo, é simplesmente, como postula Le Breton (2020), a cultura individual sendo neutralizada pelo imaginário de um corpo coletivo perfeito, de uma superioridade de alguns em relação aos demais, em outras palavras, o dominante perfeito em detrimento daquele que é dominado.

Sobre os aspectos técnicos do futebol, concluímos que houve uma clara melhora se comparado ao início. Sobre esse aspecto, concordo com Freire (2011) sobre ser preciso ensinar a todos jogarem bem o futebol, e acima de tudo, ensinar a gostar de futebol. Acredito que muitos de meus alunos não gostavam simplesmente porque não tinham domínio algum sobre o esporte, ou nas palavras da Ka, “jogaria se soubesse”.

O jogo de bola queimada mostrou-se razoavelmente eficiente para a melhora dos aspectos técnicos. O jogo conseguiu mostrar aos alunos, conforme sugere Daolio (2002) muito além do que fazer, mas sim o motivo de fazer, pois a partir do momento em que, durante o *timeout*, eles passaram a utilizar como estratégia de defesa, tocar a bola um para o outro a fim de chegar mais rápido da zona de bola salva, eles se perceberam jogando a bola queimada e desenvolvendo o passe, recepção e controle de bola ao mesmo tempo.

Além disso, perceberam-se fazendo parte de um time e como tal, ganhariam ou perderiam como um. As falhas que eles apontaram durante o *timeout* como sendo do time, corrobora com a percepção de autores como Garganta (1995) e Galatti et (2014; 2017) sobre os JEC proporcionarem uma valorização das relações interpessoais, o que é essencial para qualquer um que habilite-se a jogar futebol, afinal, não existe time de um único jogador.

Ainda segundo Garganta (1995); Reverdito, Scaglia e Paes (2009); e Galatti et (2014; 2017) os JEC podem proporcionar a percepção do indivíduo no/do time e utilizar as habilidades individuais em prol da equipe. E como prova disso, cada integrante de cada equipe decidiu em conjunto onde cada um deveria ficar de acordo com o grau de contribuição que ele poderia dar ao time.

7.5 GLADIADORES EM CAMPO

Finalmente progredimos minimamente com os aspectos técnicos do futebol e passamos para aspectos táticos. Programei duas semanas para que pudéssemos pensar no ataque. Começamos com o mais básico acerca dos esportes de invasão: enquanto um ataca o outro defende.

Chegando à quadra, propus um jogo inicial bem tradicional, o pique bandeira. Pedi que eles se dividissem em dois times e relembrei a eles como que se joga o

pique bandeira: duas equipes, uma de cada lado da quadra de futsal, nos extremos de cada campo coloquei um pneu com um chinelo dentro. O objetivo era que cada equipe invadisse o campo adversário até o pneu, pegasse o chinelo e o trouxesse de volta para seu campo sem ser colado. Caso fosse colado, deveria ficar parado até que um companheiro o descolasse, contudo, o chinelo deveria ser devolvido ao pneu.

O jogo começou com as duas equipes tentando de todas as formas atravessar o campo adversário. Mesmo com o espaço todo da quadra, as equipes encontraram dificuldade em atravessar sem serem coladas. Há aqueles que tentam o tempo todo passar, mas outros ficam sempre mais para trás para vigiar a própria bandeira. Parece que há um acordo taciturno entre eles que alguns fiquem no ataque e outros na defesa o que parece ser a priori uma boa premissa para falar sobre esquema de ataque e defesa, afinal, no futebol, cada jogador desempenha um papel dentro do jogo em prol do time. (RIBEIRO, Valdione dos Santos; Diário de Bordo; Linhares, [s. l.] 2022).

Depois de um tempo sem que ninguém tenha conseguido “roubar” a bandeira adversária, parei o jogo e os reuni próximo à linha central e como de costume, questionei as dificuldades encontradas por eles. De modo geral, eles pontuaram que os times estavam “vigiando o caixão”⁸ e que isso dificulta demais entrar no pneu. Além disso, foi apontado por alguns que o campo de jogo era muito longo, de modo que era difícil percorrer todo o caminho sem ser colado.

Perguntei se eles tinham alguma sugestão para resolver esse problema, como ninguém tinha nada em mente, dei algum tempo para que eles pensassem sobre. Acabado o tempo de pensar, os times quiseram estabelecer que houvesse uma distância mínima para vigiar a base, então depois de deliberarmos, concordamos que ninguém poderia marcar a base a menos de 2 metros de distância.

Acerca da dificuldade de percorrer todo o caminho sem ser colado, primeiramente foi sugerido que colocasse os pneus mais pertos, mas então eu disse que num jogo de futebol, o time que não estivesse conseguindo atacar, não poderia pedir que chegasse a trave para mais perto. Então um aluno fez uma sugestão baseada no jogo de Bola Queimada.

Ma: No jogo que jogamos nas últimas aulas era mais fácil marcar pontos porque tínhamos mais bases para que pudéssemos ficar salvo antes da linha final. Dava pra gente correr até a base 1 ou

⁸ Termo utilizado para dizer que um membro ou membros do time fica vigiando de perto a base principal, nesse caso o pneu onde estava o chinelo.

2 e esperar até o momento certo de correr para a linha final. Aqui a gente poderia fazer a mesma coisa.

Professor: Como assim fazer o mesmo?

Ma: Podia ter mais pneus, aí a gente correria de um pneu para outro até chegar a base onde está a bandeira.

Professor: Isso pode funcionar. Mas para isso, a regra da base deve permanecer: só pode um único jogador em cada pneu.

Isa: E não pode vigiar os outros pneus de perto também!

(RIBEIRO, Valdione dos Santos; Diário de Bordo; Linhares, [s. l.] 2022).

Quando propus o jogo para o 9B, eles não tiveram dificuldade em atravessar o campo até o pneu, ainda assim, inseri a regra dos outros pneus para eles e os instiguei a pensar como equipe, para que organizassem-se para fazer um bom uso dos demais pneus. Retornando ao jogo, as coisas começaram a sair do controle: percebi que dois meninos estavam jogando mais duro um contra o outro e mesmo eu pedindo que eles controlassem a força na hora de colar um ao outro, em determinado momento Wan empurrou Wes na tentativa de colar, fazendo com que este caísse. Foi mais rápido do que eu pude prever e logo os dois estavam atacadados.

Devo fazer uma pausa para contextualização. No mês de março de 2022, um vídeo de uma briga entre duas alunas na sala de aula viralizou na *internet*. Noticiado no *site* Campo Grande News⁹, o que causou maior repercussão foi a atitude tomada pelo professor durante a briga entre as alunas: quando a briga começou ele estava apagando o quadro e assim permaneceu durante todo o ocorrido. Em determinado momento o professor chega a retirar uma cadeira da frente das meninas. Não irei entrar no mérito da ação do professor, cito o caso apenas como um exemplo de como a violência está presente no cotidiano escolar e uma rápida busca na *internet* é suficiente para que inúmeros casos sejam apresentados.

Não há um consenso sobre o que um professor deve fazer em casos de violência escolar entre alunos. A discussão gira em torno se o professor deve ou não intervir, o que nos leva a pensar nas consequências da ação e da não tomada de ação. A orientação que recebi de todas as gestões das escolas em que atuei é que eu não devo interferir e que a atitude a ser tomada é chamar a coordenadora para apaziguar a situação. Não quero entrar nessa discussão, pois isso é tema para uma

⁹ Matéria completa disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/direto-das-ruas/video-alunas-brigam-dentro-da-sala-de-aula-e-professor-so-observa>

tese de doutorado, mas cito apenas a Normativa do Regimento Escolar Interno que determina as obrigações do professor e nele não consta nada sobre brigas. Sobre o caso do professor supracitado, a nota emitida à época pela Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso (SED) foi que o professor agiu de acordo com o protocolo.

Pessoalmente não me coloco como professor-educador, apenas como um humilde professor. Claro que com um trabalho pedagogizado, pensando na formação integral do aluno, alguma “educação” pode ser gerada no aluno, mas meu papel na escola não é esse, estando então, a cargo prioritariamente da família e eu deixo isso bem claro para meus alunos desde o início de minhas aulas. Não entrarei no mérito de eu ter feito a coisa certa ou errada, mas não achei prudente esperar a coordenadora chegar para separar dois alunos (que a propósito eram bem grandes), acredito que ela não conseguiria, afinal, o que ela poderia fazer contra dois homens em vias de fato? Não me orgulho em dizer que eu os apartei da briga, coloquei cada um de lado da quadra e como faltava pouco tempo para o fim da aula, encerrei com os demais e pedi que fossem para a escola. Então pedi ao Wan para ir à frente e fiquei para trás com o Wes. Em resumo os dois haviam tido um desentendimento em uma outra aula por algum motivo qualquer e na quadra, no meio do jogo decidiram “extravasar” a raiva.

Le Breton (2020) destaca que as expressões de sentimentos do corpo nada mais são do que representações do meio social, “enraizados em normas coletivas” (p. 52), assim desde que esse sentimento seja de alguma maneira pertencente ao seu meio ou grupo social, são facilmente expressos pelo ator, ou seja, para esse autor, “várias condutas aparentemente comandadas por dados fisiológicos, e dessa forma fugindo do controle da vontade ou da consciência, também são bastante influenciados ou até mesmo diretamente orientados por dados sociais, culturais ou psicológicos” (LE BRETON, 2020, p. 53).

Paralelo a esses conceitos apresentados por Le Breton, infelizmente, parece haver no Brasil uma associação do futebol com a violência, como mostram as pesquisas de Lopes e Prioli (2015); Souza e Gajanigo (2017); e Lopes e Reis (2017), ou seja, está no imaginário popular que dentro do estádio tudo é permitido, tudo faz parte do jogo, que ali é um ambiente em que se pode extrapolar os limites das normas sociais, como por exemplo, os casos de racismo supracitados no capítulo

anterior, porque o estádio é na verdade “um coliseu” onde é matar ou morrer, por isso, o que começa com uma simples discussão de qual time jogou melhor, torna-se uma briga generalizada entre torcidas que muitas vezes ultrapassa as paredes do “coliseu”.

Da mesma forma, essas normas construídas socialmente embute nos alunos que a quadra, as aulas de Educação Física, é o espaço perfeito para extravasarem o estresse das demais aulas, o que muitas vezes significa dizer que seja o espaço em que tudo se pode, tudo é permitido, tudo faz parte do jogo, o que é de longe uma inverdade. A conscientização de que as aulas de Educação Física e conseqüentemente a quadra é em principal instância, um espaço de construção de conhecimento tal qual qualquer espaço escolar, leva tempo e deve partir prioritariamente do professor.

De volta à sala de aula na semana seguinte, comecei apontando aos alunos sobre a questão da violência nos estádios de futebol e suas implicações no meio social e por consequência, nas aulas de Educação Física e o errôneo imaginário de que tudo é permitido em nome do jogo, é tudo feito no calor do momento.

Ma: Quer dizer que não podemos torcer, vibrar por nosso time do coração?

Professor: Existe uma diferença entre vibrar com as jogadas de meu time ou vaiar as do time adversário e usar esses momentos para provocar a torcida adversário e por diversas vezes humilhá-lo.

Ni: Mas muitas das coisas são feitas ali na hora da emoção! Não é que a gente realmente queira machucar alguém, mas às vezes saem sem querer.

Tha: O que não dá o direito de ninguém ofender ninguém. Isso é só uma desculpa de pessoas sem educação.

(RIBEIRO, Valdione dos Santos; Diário de Bordo; Linhares, [s. l.] 2022).

Finalizei com o 9A com o retorno a casos de violência que exibi em *power point*, inclusive os raciais que segundo os agressores foram todos feitos “no calor do momento”. Quando abri a discussão com o 9B, eles concordaram que não havia o menor sentido nessas ações de briga dentro dos estádios, pois não levava ninguém a lugar algum. Já acerca da briga dos meninos na aula, eles pontuaram que houve excessos de ambas as partes, principalmente porque segundo o Pe, não foi culpa do Wan o Wes ter caído, na verdade, a queda foi o resultado de um tropeção.

De volta à quadra, reformulei o jogo de pega bandeira de modo que ficasse mais evidente o processo de construção de um esquema ofensivo, criei então o jogo “Guerra de Invasão”. Pedi que a turma se dividisse em duas equipes e expliquei as

novas regras do nosso jogo: dividi em duas equipes, sendo uma de ataque e a outra de defesa; dentro do campo de defesa foi colocado três pneus sem bandeira dentro; o objetivo agora não é pegar uma bandeira, mas sim que o time de ataque, dentro do tempo estipulado de 5 minutos, consiga ter um integrante dentro de cada pneu; marca ponto a equipe que preencher todos os pneus antes dos 5 minutos, caso não consiga, as equipes trocam de posição e marca ponto aquela que tiver preenchido o maior número de bases.

O jogo recomeçou com a equipe de ataque tentando ocupar as bases, sendo marcado de perto pela equipe de defesa. Após terminado o tempo, a equipe de ataque só conseguiu ocupar duas bases, trocando de lugar com a outra equipe que dentro do tempo conseguiu preencher apenas uma base. Em nosso primeiro *timeout* os alunos pontuaram que as bases estavam sendo marcadas de muito perto pelos defensores.

Voltei a minha fala com eles sobre o papel das regras num esporte ou jogo, que nada mais é que garantir o máximo de igualdade entre os participantes. Pedi que eles pensassem numa regra que ajudasse a coibir a atitude de ficar marcando o pneu de muito perto, ao passo que eles sugeriram que o marcador deveria ficar a pelo menos 2 metros de distância, que foi aceita pelo grupo. Antes do retorno, pontuei com eles sobre o processo de construção de um esquema ofensivo numa partida de futebol: o time atacante posicionava os jogadores mais perto da área adversária e ia tocando a bola entre eles até que num lance rápido tentava a finalização chutando a bola para o gol, mas que isso só é possível quando o time posiciona os jogadores de forma estratégica.

Para aumentar a dificuldade do jogo, inseri mais pneus, de modo que somente um do time atacante que ficaria “livre”, em outras palavras, se time estivesse com 6 integrantes, haveria 5 pneus, ou de fosse uma equipe de 5 jogadores, deveria haver 4 pneus. Os pneus estavam dispostos desordenadamente ao longo de todo o espaço defensivo, nesse caso a metade da quadra de futsal.

O jogo recomeçou e a equipe de ataque começou tentando atravessar o campo adversário atacando em vários lugares ao mesmo tempo. Essa estratégia não estava surtindo efeito, uma vez que o time de defesa adotou o esquema de marcação “homem a homem”. Depois de algumas tentativas sem sucesso e com o tempo passando, o time atacante começou a precipitar-se em jogadas imprudentes que resultava em integrantes colados, o que obrigava o time a preocupar-se com além de invadir, descolar os companheiros. O tempo de 5 minutos acabou e dos 5 pneus, apenas 2 estavam

preenchidos. (RIBEIRO, Valdione dos Santos; Diário de Bordo; Linhares, [s. l.] 2022).

A estratégia adotada pelo time não surtiu efeito e chegou a vez de trocar as posições de jogo e o time que estava defendendo, passou para o ataque. Antes do sinal de início da partida a nova equipe de ataque reuniu-se no centro da quadra e conversaram, entendi que eles estavam discutindo alguma estratégia, mas para não privilegiar uma equipe, dei sinal de início da partida. Ainda assim, o time continuou a conversar e somente após um momento que começaram a movimentar-se na quadra.

A estratégia utilizada pelo time anterior foi adotada pela nova equipe de ataque e um a um eles tentavam invadir o campo adversário, às vezes sendo colado e rapidamente sendo descolado. Foi nesse momento que pudemos ver o que o time discutiu antes do início da partida:

O time de ataque reuniu-se no meio do campo, sendo marcado à distância pelo time de defesa. Num movimento rápido, a equipe inteira, com exceção de um, atacou de vários lados com movimentos rápidos de modo que a equipe de defesa atrapalhou-se na marcação um a um deixando caminho livre para dois atacantes conseguirem passar facilmente até as bases. Por outro lado, dois integrantes da equipe de ataque foram colados: um bem próximo da linha do meio e o outro lá no fundo, perto de uma das bases. (RIBEIRO, Valdione dos Santos; Diário de Bordo; Linhares, [s. l.] 2022).

O movimento coordenado foi a estratégia utilizada pelo time para evitar a marcação um a um do time de defesa. Mais tarde, em conversa com os integrantes da equipe que coordenou o movimento, eles apontaram que no futebol a melhor maneira de fazer um gol é manter a bola no campo de ataque e tentar achar uma brecha na defesa e atacar num movimento rápido e assim eles fizeram. Após eles preencherem duas bases, eles foram mudando de uma base para outra até que finalmente conseguiram descolar o que estava no campo de ataque e preencheram a terceira base. Como a regra do jogo dizia que ao final do tempo, a equipe que tivesse preenchido mais bases ganharia, após preencher a terceira base, o time de ataque simplesmente ficou “gastando” o tempo que restava, pois a vitória já estava garantida, o que considerei uma boa estratégia de jogo.

De volta à sala de aula, era o momento de abrir a discussão acerca dos pontos emergentes da etapa: o esquema ofensivo de um time de futebol e a questão do “tudo é calor do momento do jogo”. Embora sejam turmas diferentes, as respostas apresentadas pelos alunos estavam ao menos próximas umas das outras,

por isso, não irei descrever separado os resultados dessas discussões, ao contrário, irei discorrer como se tivessem acontecido ao mesmo tempo, acredito assim, apresentar a essência do resultado.

Quando o assunto é o esquema ofensivo no futebol, apresentei os resultados das estratégias apresentadas pelos times e começamos a discussão a partir daí. Como resultado, concordamos que o esquema ofensivo é essencial para se obter o objetivo final de um jogo que é a vitória, assim, o time precisa se organizar de modo a driblar a defesa adversária. Fazendo nexos com o jogo “Guerra de Invasão”, o jogo foi apontado pelos alunos como similar ao futebol, com exceção é claro do uso da bola, foi sugerido então que usássemos uma bola numa aula posterior, assim seria mais fidedigno ao esporte em si. Contudo, foi apontado também que se usássemos a bola ficaria muito parecido com o jogo que usamos no início, para desenvolver os aspectos técnicos do futebol como passe de bola.

Acredito que da forma que o jogo foi apresentado estaria mais perto da proposta apresentada por Garganta (1995) que sugere a desmontagem do jogo em unidades funcionais. Corroborando com esse autor, Sadi (2008) apresentou um jogo de queimada em que a cada etapa uma unidade funcional esportiva ganhava mais ênfase, assim como o Guerra de Invasão dava maior destaque ao esquema ofensivo em uma partida de futebol. Além disso, dessa forma, a proposta do JEC também estava em consonância com a proposta de pedagogização apresentada por Scaglia (2017).

Analisando as estratégias utilizadas pelas equipes, fica evidente que cada um parecia ter um vislumbre do que seria a melhor forma de organização do ataque. Enquanto alguns pareciam querer vencer o mais rápido possível, outros preferiam utilizar o tempo total para organização. A estratégia utilizada pelo grupo que preencheu três bases e a partir daí nada mais fez, foi apontada pelo próprio criador como uma estratégia perfeita

Ale: Muitas vezes o time entra em campo precisando apenas de um empate ou uma vitória simples para prosseguir numa competição, aí o que o time faz? Simplesmente fica na defensiva e espera o momento certo e vai lá e faz um gol, depois volta a se fechar na defesa.

Professor: Essa é uma estratégia largamente utilizada, embora do ponto de vista “artístico” seja mal vista, ou seja, o jogo torna-se maçante e sem grandes emoções. Até a própria torcida se revolta quando isso acontece.

Kau: Só fica revoltada se o time perder. Se o time ganhar, ninguém lembra disso. Para a torcida o mais importante é que o time vença!

Professor: De fato essa é uma realidade. E quando o time perde, aí presenciamos o caos: brigas, discussões, ofensas ao time adversário... Chegamos à discussão então do que é “permitido” no espaço de jogo. O ponto relevante é: essas pessoas que fazem essa balbúrdia nos estádios fariam em outros espaços? Ou no caso de nossos brigões, eles brigariam se estivesse aqui na sala de aula?

(RIBEIRO, Valdione dos Santos; Diário de Bordo; Linhares, [s. l.] 2022).

Ainda sobre a estratégia de fazer apenas um gol e voltar a se defender é apontada por Da Matta (1982) e Daolio (2005) como sendo parte do processo de superstição que o brasileiro tem sobre o futebol, a essa associação que o brasileiro tem do futebol como sendo um jogo, como um jogo de azar. Daolio (2005) aponta ainda que esse processo possibilita um time tecnicamente inferior lançar mão de um esquema totalmente defensivo e num único lance fortuito ganhar a partida.

Já acerca do problema da violência, concordamos que o durante um jogo as emoções do próprio jogo faz as pessoas comportarem-se de modo que em outro lugar não o fariam. Tomando como exemplo a briga entre os meninos do 9B, para a maioria dos alunos, eles não chegariam ao extremo em outro lugar da escola.

Ni: Claro que durante o jogo a gente quer ganhar! Todo mundo quer ganhar! Às vezes a gente acaba exagerando um pouco, mas não é de propósito.

Professor: O problema está nesse sem querer. Não é porque estamos na quadra, na aula de Educação Física, que podemos nos esquecer que estamos num ambiente escolar, portanto, num lugar de construção de conhecimento, não o lugar do “oba-oba”.

Ka: Professor, muitas vezes acaba acontecendo isso na quadra porque lá é o único lugar que a gente pode sair um pouco da prisão.

Professor: Você precisa ser um pouco mais específica para que eu entenda. O que quer dizer com prisão?

Ma: A gente chega e vem direto pra sala de aula e ficamos sentados até a hora do recreio. Depois voltamos do recreio e ficamos sentados até a hora de ir embora. Parece uma prisão!

Kau: O tempo todo que estamos aqui na escola, estamos copiando dever no quadro.

A. La: Quando chega a aula de Educação Física a gente quer poder mais do que apenas copiar. Eu mesmo não gosto muito de jogar, como você bem sabe, mas dá vontade de chegar lá (à quadra) e correr um pouco sem rumo, gritar! Aí às vezes a gente joga e acaba usando o jogo para descontar a raiva.

(RIBEIRO, Valdione dos Santos; Diário de Bordo; Linhares, [s. l.] 2022).

A esse ponto da conversa era possível ver que os alunos viam nas aulas de Educação Física como um ambiente que era possível sair um pouco das regras de sentar, copiar e ficar calado. Contudo, não percebi nas falas dos alunos nenhum

desprezo pelas regras da escola, tampouco detrimento das aulas de Educação Física, pelo contrário, eles queriam que as demais aulas dessem espaço para que eles pudessem se expressar, pudessem fazer algo mais que apenas copiar matéria.

Argumentei que eles podem chegar até o professor das demais disciplinas e conversarem sobre a didática das aulas e que de certo seriam escutados. Contudo, alertei que muitos professores ainda tinham dificuldade em sair um pouco dessa rotina, mas que na maioria das vezes não era “culpa” dos professores, mas que havia todo um contexto por trás dessa situação.

Freire (2011) aponta que o jogo não é bem visto pela escola na atual situação da educação no país, além disso, os professores das demais disciplinas não veem no jogo uma possibilidade de ensino. Ele é ainda mais enfático ao dizer que para os demais professores da escola, a possibilidade deles em ministrar uma aula de Educação Física na quadra é para eles aterrorizante.

Voltando à violência, concordo com Daolio (2005) que dentro do ambiente do futebol há uma violência simbólica que é considerada saudável. Nas aulas é possível ver a garra em que os alunos competem a fim de vencer, ou no ambiente do estádio, conforme apontei aos meus alunos, você aplaude o seu time e comemora a cada boa jogada que ele faz, ao passo que vaia o time adversário, ali, dentro do estádio isso é saudável e socialmente aceitável, ou seja, o mesmo conceito apresentado por Le Breton (2020) sobre as normas coletivas interferindo diretamente no emocional individual.

Contudo, vale ressaltar, conforme aponta Daolio (2005), os limites dessa violência para que não resultem em cenas lamentáveis de brigas generalizadas dentro dos estádios, ou num ambiente menor, que não resulte em alunos agredindo uns aos outros dentro das aulas de Educação Física.

Professor: Mesmo conhecendo os limites, ainda há aqueles que violam esses limites. Então como questão final eu coloco a vocês: o que fazer com esses que transpõem esses limites?

Pe: Acho que o mais justo é suspender das atividades. Igual aconteceu aqui na sala. Os dois deveriam ter sido suspensos.

Professor: Suspender de todas as aulas ou somente das de Educação Física?

Pe: De todas!

Professor: Existe um problema nisso que passa por questões legais, mas que no momento não colocarei para vocês. Se essa for a solução, tirar os brigões de minha aula, logo pode ser que a gestão veja que o problema não esteja nos alunos e sim nas aulas. Logo a gestão pode avaliar a suspensão de todas as aulas de Educação Física na quadra e limitar-nos à sala de aula.

Ale: Aí a gente começa a quebrar tudo!

(RIBEIRO, Valdione dos Santos; Diário de Bordo; Linhares, [s. l.] 2022).

Claro que o comentário do Ale foi em tom jocoso e todos riram, mas não deixa de escancarar uma possibilidade discutida no futebol. Daolio (2005) aponta que o problema da violência não pode ser avaliada sob uma única ótica, mas sim multifacetado como o próprio futebol o é. Não há soluções fáceis, conforme apontei com meus alunos, mas que o primeiro passo é começar a falar dele e tentar entender os diversos fatores que fazem com que isso aconteça.

Evidentemente, apenas leis não são capazes de acabar com o problema da violência, até porque ela é um problema social de extrema complexidade, no entanto, acredito que sempre que possível, a educação deve ser usada como um meio de redução desse tipo de comportamento. Sobre o desfecho da contenda entre meus alunos, ao contrário do que a gestão da escola queria, não os suspendi das aulas, ambos foram “condenados” a fazer “trabalho comunitário”: os dois ficaram responsáveis por me ajudar a limpar e organizar uma sala onde futuramente eu utilizaria como sala de ginástica e dança.

7.6 FUTEBOL É COISA DE “MACHO”, DE “FÊMEA” E DE “FRESCO”

7.6.1 “Respeite as minas”

No jogo de perguntas e respostas feito com os alunos foi levantada a seguinte questão: futebol é “coisa de macho”, qual a sua opinião sobre essa frase?. As respostas que obtivemos foram sempre no sentido de discordância e a que mais se repetiu foi “futebol é para qualquer um que deseje jogar”.

Essas respostas poderiam alegrar a qualquer professor, contudo, o que foi visto na prática foi bem diferente, uma vez que no jogo diagnóstico, no momento da escolha dos times, as meninas foram deixadas por último no 9A enquanto no 9B não tiveram apoio algum na hora de escolher os integrantes. Esse comportamento destoante precisava ser confrontado com os alunos.

Em determinada aula, os alunos foram divididos em duas equipes mistas, definidas através de sorteio pelo número da chamada. A cada grupo foi dada a tarefa de cada integrante escrever o nome de dois jogadores de futebol que eles

conhecessem, montando assim um time. Ao final dessa parte, os alunos conseguiram facilmente montar duas equipes masculinas.

Na segunda parte, foi pedido que montassem então um time feminino. No mesmo momento, as turmas me lançaram olhares desconcertados e por um momento todos pareciam ter congelado. Depois de um minuto ou dois, finalmente um dos alunos disse que eles não iriam conseguir, pois não conheciam jogadoras suficientes, na verdade, só conseguiram apontar 3 nomes: Marta, Cristiane e Formiga.

O comportamento dos meninos refletiu o comportamento da sociedade apontado por Silva (2015); Bandeira e Seffner (2013, 2017); Castro e Siqueira (2020) que vê no futebol um lugar de hegemonia masculina, não cabendo espaço para ninguém que não se enquadre no perfil de “machão”.

Esse foi o gatilho que precisávamos para discutir a questão das mulheres no futebol de uma maneira contextualizada, conforme sugere Carlan (2012); Ferreira (2018); e Araújo e Ramos (2018) que apontam que o esporte na escola deve ser pautado como sendo elemento cultural multifacetado e como tal, foi e é construído pela historicidade da própria sociedade, portanto, muito mais do que apenas ensinar a praticar, mas sim promover um espaço de criticidade da relação teoria/prática.

Foi exibido então, uma parte do vídeo da aula diagnóstica, dando ênfase no momento da escolha dos times. Os alunos foram orientados a darem atenção ao processo como um todo e como as meninas foram deixadas por último e/ou deixadas sem assistência. Então os meninos foram questionados do porquê disso ter acontecido.

Ma: As meninas daqui da sala nunca jogaram bola com a gente. Elas não sabem jogar! E a gente queria ganhar!
Ka: A gente não jogava porque vocês nunca deixaram!
(RIBEIRO, Valdione dos Santos; Diário de Bordo; Linhares, [s. l.] 2022).

O debate começou a ficar enérgico e precisou ser mediado com alguns fatos. Nesse momento foi exibido uma apresentação visual no computador sobre a participação das mulheres ao longo dos anos e como durante muitos anos foram impedidas de jogarem por força de lei. Foi interessante a cara de espanto dos meninos e a revolta das meninas ao saberem sobre esse processo histórico.

Ni: “Não faz o menor sentido isso! Como as mulheres puderam aceitar isso?”

Kau: “Eu não acho isso certo! Acho que cada pessoa deve escolher o que fazer com a sua vida. Aqui na sala tem um monte de meninas que não gostam de jogar, mas aquelas que gostam tem que jogar.

(RIBEIRO, Valdione dos Santos; Diário de Bordo; Linhares, [s. l.] 2022).

A discussão levou uma aula inteira e rendeu boas respostas tanto dos meninos quanto das meninas. É importante não olhar para o passado com o olhar do presente

Terminada a parte conceitual, a questão colocada para os alunos foi: “como dar mais destaque para as meninas?” e pedi que pensassem numa forma de destacar a participação delas.

A essa altura estávamos trabalhando esquema defensivo, com destaque para o papel da zaga. O jogo que foi proposto para os alunos foi um de minha autoria, o “Queimada com anjo”. O jogo segue o mesmo padrão do jogo tradicional de queimada: duas equipes que tentam acertar os adversários arremessando uma bola.

Contudo, há regras bem específicas:

1. Cada equipe possui um integrante em posse de uma raquete de frescobol, o anjo;
2. O anjo deve usar a raquete para desviar a bola de seus companheiros;
3. O anjo não pode ser queimado;
4. Se a bola bater em qualquer parte do corpo do anjo e atingir um colega de equipe, este não será queimado;
5. O anjo pode ser trocado, sem limites de alterações entre os membros de uma mesma equipe;
6. O anjo não pode queimar os adversários, salvo se for num rebote rápido, contanto que largue a raquete antes de tomar posse da bola.

Explicado as regras do jogo, chegou o momento da divisão dos times. Os alunos do 9A propuseram que a divisão fosse feita por duas meninas, de modo que elas teriam total autonomia para decidir sobre a composição do time e que os meninos só ajudariam na escolha se caso elas pedissem. Além disso, ficou acordado que a menina que escolhesse o time, seria nomeada a capitã.

Ni: De nada adianta os meninos deixarem a gente escolher se eles ficam dando opinião o tempo todo e quando a gente não escolhe o que eles sugerem, ficam com raiva ou nos chamam de burra!

Ma: Às vezes as meninas escolhem os times por amizade e aí o time fica fraco e a gente perde. Acho que o que falta nas meninas é saber escolher um time mais forte.

(RIBEIRO, Valdione dos Santos; Diário de Bordo; Linhares, [s. l.] 2022).

Nas falas pode-se identificar as reproduções do meio social no que diz respeito às mulheres. As mulheres querem além de serem ouvidas, respeitadas em suas decisões, ao passo que há ainda muitos homens que acham que as mulheres são ineficientes em tomadas de decisões mesmo que estejam em posição de fazê-lo. Esse é um aspecto que precisa ser minuciosamente questionado, debatido e repensado cotidianamente.

Quando o jogo foi iniciado, o primeiro questionamento que foi feito por alguns alunos foi do porquê o jogo estar sendo usado no ensino do futebol, uma vez que, ao contrário do futebol que se joga com os pés, o jogo era jogado com as mãos.

Mais uma vez fiz o retorno sobre os esportes coletivos terem aspectos em comum e que um bom esquema defensivo faz parte de toda equipe de qualquer esporte coletivo.

Instiguei os alunos a pensarem numa forma do anjo melhor proteger o seu time, já que esse era seu único papel. Durante os primeiros 10 minutos da atividade, não houve alterações significativas no comportamento dos alunos do 9A, ao passo que no 9B, embora a disputa estivesse mais acirrada, os anjos ficavam correndo de um lado para o outro da quadra e o desgaste físico já ficava mais evidente.

A turma do 9B é relativamente menor que a do 9A, além disso tem sempre o problema dos alunos faltosos, que é mais presente no 9B. Desta forma, as equipes eram menores e nesse dia havia 5 membros em cada uma. As equipes por serem menores, tendiam a ficarem mais esparsas na quadra, o que dificultava muito o trabalho do anjo que no final das contas só ficava correndo de um lado para o outro sem conseguir executar sua função.

(RIBEIRO, Valdione dos Santos; Diário de Bordo; Linhares, [s. l.] 2022).

Paramos a atividade e o grupo inteiro se reuniu na lateral da quadra. Então questionei qual a principal dificuldade encontrada no jogo. A maioria dos alunos questionaram a presença do anjo em quadra, pois “ele não servia pra nada”, ou que “na queimada o objetivo era queimar o time adversário”.

Chamei atenção dos alunos sobre alguns pontos importantes num jogo de futebol. Primeiro perguntei o que era mais importante num jogo: fazer gols ou não tomar nenhum gol? As respostas giraram em torno de os dois terem a mesma importância num jogo, uma delas me chamou atenção:

Ni: Os dois têm a mesma importância, mas não tomar gols em muitos casos já resolvem.

Ma: Como assim?

Ni: Muitas vezes, em partidas o empate em zero a zero já beneficia o time, então, se a defesa estiver bem organizada e não tomar gols, a pressão em fazer gols será menor, o que pode ajudar o time a jogar melhor.

(RIBEIRO, Valdione dos Santos; Diário de Bordo; Linhares, [s. l.] 2022).

As falas dos alunos refletem um pensamento muitas vezes enraizados em quem começa a jogar futebol e em outros esportes: a parte mais importante é fazer gols. Claro que numa partida de futebol, o ponto alto é quando acontece um gol, mas tão importante quanto fazer gols é não tomar gols.

O segundo questionamento que fiz foi: já que concordamos que a defesa é tão importante quanto o ataque, de que maneira seria mais fácil defender: com a trave presa num único lugar ou se caso a trave ficasse mudando de lugar? Ou pior, e se tivesse que defender duas ou três traves em lugares diferentes do campo? Claro que as respostas foram unânimes e óbvias. Então lancei mais uma vez o desafio do time pensar numa maneira de facilitar o trabalho do anjo, que se fosse num jogo de futebol, estaria no lugar da zaga.

Acabado a conversa do *timeout*, retornamos ao jogo. Dei a cada equipe a oportunidade de pensar em uma estratégia durante alguns minutos. Terminado o tempo, retornamos ao jogo. As equipes do 9A tiveram uma enorme dificuldade de conseguir organizar os integrantes no meio do jogo e o anjo não conseguia evitar que os colegas fossem queimados com tanta facilidade.

As equipes mostraram-se resistentes em achar algum sentido em ter um anjo. Os membros espalham-se pela quadra de modo que o anjo não conseguia rebater a bola de quase ninguém. O anjo também não se movimentava o suficiente em quadra de modo a marcar a bola, ficando sempre no mesmo lugar, no meio da quadra.

(RIBEIRO, Valdione dos Santos; Diário de Bordo; Linhares, [s. l.] 2022).

Tive um pouco mais de sorte com o 9B, ao menos em um dos times, pelo menos. Uma das equipes desenvolveu uma estratégia que me deixou muito satisfeito em ver: formaram uma fila indiana atrás do anjo. Com todos os integrantes em uma fila atrás do anjo, a equipe adversária encontrou dificuldade em queimar alguém. Ao perceber o funcionamento da estratégia, a outra equipe logo copiou e ambas as equipes passaram a se posicionar atrás do anjo.

Conforme aponta Garganta (2006); Scaglia, Reverdito e Galatti, (2013); e Scaglia (2017); os JEC proporciona aos jogadores que atuam diretamente na resolução de suscetíveis problemas: tão logo um problema que é resolvido e logo outro aparece, assim aconteceu com o jogo, afinal, os times conseguiram arrumar a defesa de um jeito que era praticamente impossível de ser vencida e o jogo ficou praticamente parado, isto é, ninguém conseguia queimar ninguém e assim a aula chegou ao fim.

Na semana seguinte, comecei com o 9A exatamente de onde paramos. Dessa vez percebi certa evolução na hora da escolha dos times, pois as meninas não foram deixadas por último. Sugeri à turma que utilizasse a estratégia utilizada pelo 9B desde o início e a partir daí puderam ver que o anjo seria de grande ajuda com a defesa da equipe.

Passado algum tempo de jogo e o mesmo problema aconteceu: ninguém conseguia queimar ninguém e o jogo começou a entrar num estupor. Paramos o jogo para um *timeout* e questionei a eles sobre as dificuldades que agora estavam enfrentando.

Kau: “Fica praticamente impossível queimar alguém dessa forma. Aí o jogo fica chato!”

Ka: “O único jeito de queimar alguém do outro time é se algum dos nossos se queimar, aí dá pra tentar pegar de surpresa.”

Professor: “Alguém consegue pensar em alguma outra solução para esse problema? Veja por esse lado: se estivéssemos numa partida oficial de futebol e todo o time adversário resolvesse ficar enfileirado na frente do gol, acredito que haveria algum tipo de punição ou mudança no regulamento, afinal, as regras existem para que todos possam competir em pé de igualdade”

Kau: “A gente podia proibir então de ficar assim enfileirados atrás do anjo.”

Professor: “Todos concordam?”

Ni: “Aí a gente volta do início: vai ser difícil o anjo proteger o time.”

Tha: “Então a gente pode fazer assim: não pode ficar todo mundo atrás do anjo, somente dois ou três.”

Ma: “E os outros? Vão tomar boladas?”

Kau: “Os outros podem ficar perto, mas não exatamente atrás do anjo.”

Professor: “Isso pode funcionar. Vamos tentar com essa nova regra.”

(RIBEIRO, Valdione dos Santos; Diário de Bordo; Linhares, [s. l.] 2022).

No retorno a regra foi aplicada e o jogo voltou a ganhar dinamismo de modo que o anjo conseguia proteger a sua equipe e ainda assim a adversária tinha chance de queimar. Quando chegou a vez do 9B, antes mesmo de começarmos, um aluno

já apontou que se todos ficassem atrás do anjo, não teria como queimar, então já pedi logo que deveríamos pensar numa forma de resolver esse problema. Depois de algum tempo sem sugestões, coloquei em pauta a apresentada pelo 9A e todos resolveram tentar o jogo com essa nova regra. O jogo aconteceu sem muita dificuldade e a turma logo conseguiu vencer a barreira de ter um anjo.

De volta à sala de aula, chegou o momento de discutirmos sobre a atividade e sobre os pontos emergentes do início: 1: a participação das mulheres no futebol; e 2: a organização de um esquema defensivo do time.

Acerca do esquema defensivo os alunos pontuaram que no princípio do jogo da queimada com anjo eles não conseguiram ver nenhuma importância do anjo. Contudo, com o andamento do jogo e a partir dos questionamentos levantados durante o jogo, que começaram a ver o anjo como o goleiro numa partida de futebol. Outro ponto interessante que eles colocaram foi que não importa o quão bom seja o goleiro (no jogo encarado como o anjo), se não houver um trabalho de equipe junto aos zagueiros de demais jogadores, de nada adianta.

Essa percepção que os alunos desenvolveram ao longo do jogo pode ser atribuída ao fato de no início do jogo, por ser totalmente novo, eles ainda não estavam envolvidos com o jogar. Concordo com Freire (2011) que o esporte na escola precisa que a passagem seja feita sem o abandono do lúdico, assim o aprendizado tático e técnico será desenvolvido sem perder o prazer do jogo e como eu defini mais atrás, acredito que o conceito de jogo esteja diretamente ligado ao prazer individual.

Concordo ainda com os apontamentos feito por autores como Scaglia, Reverdito e Galatti (2013); Scaglia (2017); e Galatti et al (2014; 2017); que a proposta de ensino através dos JEC é um importante instrumento para garantir esse processo de aprendizado dos elementos técnicos/táticos por meio de situações problemas, uma vez que elas tendem a acontecer no esporte em si, o que corrobora com a percepção obtida por meus alunos: só conseguiram entender a importância de um bom esquema defensivo, quando viram que as situações que o anjo enfrentava eram muito parecidas com a que um goleiro enfrentava numa partida de futebol. Por último, perceberam que o anjo por si só não conseguiria defender os demais companheiros, assim como o goleiro não defende o gol sozinho, por isso, é

preciso que toda a equipe organize-se de modo defensivo quando não estiverem no ataque.

O segundo ponto que foi sobre as mulheres no futebol gerou uma discussão mais acalorada. Quando retornei sobre a proibição das mulheres no passado e o reflexo que isso tem até os dias de hoje, os meninos argumentaram que eles não são machistas e que o processo de escolha dos times sempre leva em consideração os melhores jogadores, independente se for menina ou menino, logo as meninas da sala foram deixadas por último por não terem prática no futebol. Nesse ponto as meninas concordaram com os meninos, mas pontuaram que esse processo estava intimamente ligado à própria cultura escolar que sempre deixou as meninas de fora do futebol.

Sobre esse abandono, não há como negar que é uma cultura muito presente e que o início data desde a proibição por força da lei brasileira, conforme pontua Silva (2015); Ribeiro (2018), ainda que elas tenham sido verdadeiras guerreiras e tenham resistido desde à época. Ainda é presente, mesmo que eu não tenha sido diretamente citado por meus alunos, percebi que eles ainda tendem a pensar que existe ainda essa história de esporte que não é para mulheres, conforme a deliberação do CND em 1941.

O machismo está tão impregnado na sociedade que muitas das vezes passa despercebido por aqueles que o sofrem. Em defesa de meus meninos, ao meu entendimento, eles cometeram machismo, mas não foi proposital, mas sim o velho machismo estrutural, conforme cita Bandeira e Seffner (2013), que ainda vê os meninos como sendo melhores no futebol do que as meninas.

Levantei os questionamentos sobre como a questão social interferia na escola, afinal, a escola tem a “cara” da sociedade em que está inserida. Convidei os alunos a refletirem sobre como era tratado o futebol na comunidade, foi aí que uma aluna do 9A levantou uma questão muito importante:

Ka: Aqui na comunidade só os meninos têm vez no futebol. Tem um homem que treina um time de futebol da comunidade, mas ele só treina o time masculino, nunca abriu vagas para o feminino. As meninas que se reúnem e jogam por conta própria. E pra piorar, o time masculino não paga nada pra treinar na quadra, mas as meninas que quiserem jogar tem que pagar. E tem muitas meninas que gostam de jogar e jogam bem.

(RIBEIRO, Valdione dos Santos; Diário de Bordo; Linhares, [s. l.] 2022).

Todas as meninas da sala do 9A (o que foi confirmado pelo 9B) concordaram com o que a colega disse. A quadra, sendo comunitária, é de uso de todos, no entanto, para ajudar na limpeza e conservação da quadra é cobrada uma taxa de R\$1,00/pessoa para. O que é revoltante para elas é que o time masculino não paga a taxa ao passo que as meninas têm que pagar.

Nesse momento os meninos ficaram calados, pareciam ter ficado com vergonha da situação. Mais uma vez chamei a atenção da turma para as desigualdades que existem entre homem e mulher na sociedade e que o futebol, como elemento cultural da sociedade brasileira, acaba refletindo o comportamento social. Para encerrar com os alunos, exibi algumas imagens em *power point* de mulheres em diversos campos de atuação, desde o mais usual, professora, por exemplo, até o mais difícil de se ver, engenheira e cientista.

Sobre o machismo presente na sociedade e conseqüentemente no futebol, concordo com Le Breton (2020, p. 66) que “as características físicas e morais, as qualidades atribuídas ao sexo, dependem das escolhas sociais e culturais e não de um gráfico natural que fixaria ao homem e à mulher um destino biológico”, o que implica dizer que os meus meninos não jogam melhor que as meninas por serem meninos, e sim por uma questão social que deu mais acesso aos meninos e isso é bem comum no ensino do futebol nas escolas, uma vez que de acordo com Le Breton (2020, p. 66) “tanto meninos quanto meninas podem ser educados conforme uma predestinação social que de antemão lhe impõe um sistema de atitudes que correspondem aos estereótipos sociais”, em outras palavras, meninos jogam futebol e meninas jogam queimada.

Mas por fim, pontuei com meus meninos que não precisavam sentir vergonha, nem se culparem por tal situação, o que cabe aos homens que querem ver as coisas diferentes é lutar e fazer diferente, assim como eles fizeram na aula, dar voz às mulheres, dar apoio e, sobretudo respeitar essa voz que luta há anos para ser ouvida.

7.6.2 “Respeite as monas”

“Quem se recorda da “COPA DO MUNDO DE 1970”, quem viu o escrete de ouro jogando (FÉLIX, CARLOS ALBERTO, BRITO, EVERALDO E PIAZA; CLODOALDO E GÉRSO; JAIRZINHO,

PELÉ, **TOSTÃO E RIVELINO**), jamais conceberia um ídolo seu homossexual. (...) Não que um homossexual não possa jogar bola. Pois que jogue, querendo. Mas, forme o seu time e inicie uma Federação. Agende jogos com quem prefira pelear contra si. (PINHEIRO, 2007, grifo e destaque da autora)

O trecho acima é de uma sentença proferida por um magistrado no ano de 2009, num caso de homofobia movido pelo ex-jogador Richarlyson Barbosa Felisbino. Na sentença, é possível ver clara ideologia pessoal homofóbica do magistrado que infelizmente perdura até os tempos atuais.

Chegamos a um assunto bem delicado de ser tratado nas escolas brasileiras, principalmente nos tempos atuais, com a crescente onda de conservadorismo, de “ideologia de gênero”, de “kit gay”, de discursos de “proteção das nossas crianças”... A sentença dada por um juiz num processo num caso de homofobia transcrito acima ilustra bem o pensamento de boa parte da sociedade acerca da relação homossexualidade e futebol.

À época da diagnose com os alunos, foi levantada questões sobre homossexualidade e futebol, a saber: “o que você acha de jogadores de futebol gay ou lésbica?¹⁰”; e “se importaria de ter em seu time um jogador gay ou lésbica?”. Aceito que essas perguntas são superficiais sobre o tema, mas há toda uma delicadeza que precisa ser levada em conta quando esse assunto é tratado, principalmente no universo em que ocorreu a pesquisa, pois não há entre os atores participantes nenhum assumidamente LGBT.

Antes de tudo, foi apresentado às turmas os conceitos de sexo: homem e mulher; orientação sexual: por quem se sente atraído sexual e afetivamente; gênero: masculino e feminino; e identidade de gênero: com qual gênero a pessoa se identifica ou com nenhum deles. Pois bem, as respostas dadas pelos alunos foram as melhores possíveis. Concordaram que no futebol, assim como em qualquer outro esporte, não deve haver distinção de alguém baseado na orientação sexual.

As respostas que foram apresentadas precisavam ser confrontadas na realidade, então, dessa vez foi feito o caminho inverso: fomos à quadra antes de ver qualquer conteúdo conceitual. Para a aula, os alunos do 9A foram orientados a esperar no centro da quadra. Então, quando todos se colocaram lá, foi apresentada uma caixa com um pequeno pedaço de papel com uma fita dupla face colada. Cada

¹⁰ Foi questionado apenas gays ou lésbicas e não os demais integrantes da comunidade LGBT pela presunção de que os alunos não teria conhecimento suficiente para falar sobre os demais.

aluno deveria pegar um pedaço de papel e colar em sua própria testa sem ver o que tinha escrito. No verso de cada pedaço de papel estava escrito “gay”, “lésbica” e “bissexual”. Quando finalmente todos estavam “etiquetados”, puderam ver o que estava escrito nas testas uns dos outros.

Ao lerem as etiquetas uns dos outros, os alunos, principalmente os meninos, ficaram fazendo troça uns com os outros e com certo receio de saber o que estava escrito em suas próprias testas. O comportamento das meninas foi mais de curiosidade. Percebi que elas, ao contrário deles, encaravam com mais naturalidade em saber que no meio delas havia pessoas com sexualidades diversas. Não percebi nos meninos preconceito direto, apenas brincadeiras bobas, talvez seja pelo fato deles “saberem” que o colega à sua frente “etiquetado” como gay, lésbica ou bissexual, de fato não o era, afinal, se conhecem há muitos anos.

(RIBEIRO, Valdione dos Santos; Diário de Bordo; Linhares, [s. l.] 2022).

Era o momento de trabalhar o contra-ataque, então voltamos ao jogo de queimada com anjo, dessa vez com novas regras. Para confrontar as respostas dadas pelos alunos sobre ter um homossexual no time, foi solicitado que escolhem os dois times de maneira conjunta, isto é, eles mesmos deveriam repartir os times de acordo com o critério que eles achassem melhor.

Com as etiquetas coladas nas testas, os alunos do 9A começaram a separar os times em conjunto. Pelo semblante em seus rostos, era fácil notar que eles entenderam que o que cada um tinha na testa só poderia ser uma coisa: gay, lésbica ou bissexual. Assim, eles foram dividindo os times de acordo com a sexualidade: gays num time e lésbicas no outro, deixando os bissexuais por último. Por fim, decidiram colocar os “bissexuais” nos times de acordo com a quantidade de integrantes do mesmo sexo, isto é, as meninas “bissexuais” foram colocadas no time com maior número de meninas e o mesmo com os meninos.

(RIBEIRO, Valdione dos Santos; Diário de Bordo; Linhares, [s. l.] 2022).

Após a escolha, foi tirado uma “foto oficial” de cada time para o devido registro e discussão na aula expositiva. O jogo de queimada com anjo foi retomado e seguiu normalmente até que um dos times ficou com apenas quatro integrantes junto com o anjo. Nesse momento a atividade foi parada para expor a nova regra: uma nova bola seria inserida.

Durante o *timeout* foi apresentado aos alunos que o contra-ataque num jogo de futebol é o momento em que a defesa organiza-se de modo que assim que a bola for recuperada, o time deve ir ao ataque com rapidez, de modo que encontre a defesa adversária desorganizada.

A segunda bola seria dada ao que havia sido queimado por último e que o momento de lançar ficaria a cargo dele. O mesmo aconteceria quando a bola estivesse em circulação: cada equipe decidiria o momento certo de usar a segunda bola, isto é, deveria esperar o momento certo para lançar ao ataque ou contra-ataque.

O jogo retornou e com duas bolas, ficou ainda mais intenso. Cada time que estava em posse das duas bolas escolhia o momento certo para usar, de modo que o time que defendia-se estava sempre em alerta, uma vez que a chance de ser queimado poderia vir dos dois lados a qualquer momento.

Essa regra funcionou bem enquanto um mesmo time tinha a posse das duas bolas, mas quando as bolas foram separadas o jogo perdeu o sentido em duas razões distintas: a) cada equipe mantinha sua bola em poder esperando o outro atacar; e b) as duas bolas eram lançadas ao mesmo tempo, o que fugia do propósito de associação ao futebol, uma vez que os dois times atacavam ao mesmo tempo.

Quando as bolas foram separadas, durante alguns minutos o jogo ficou frenético, uma verdadeira zona de guerra: os dois times no calor do momento lançavam a bola tentando queimar o time adversário, enquanto o anjo defendia ferozmente seus companheiros. Confesso que dá vontade de deixar seguir assim do jeito que está, mas assim sendo, foge completamente da proposta e infelizmente precisa ser parado novamente. Depois de alguns lançamentos, finalmente alguém foi queimado e rapidamente pegou a bola e se dirigiu à “zona dos queimados”, contudo, antes que chegasse lá, um segundo jogador foi queimado, dessa vez do time adversário. Então, com uma bola em posse do jogador queimado de cada time, ambos os times decidiram que iriam organizar suas defesas e esperar a jogada do outro time na possibilidade de um contra-ataque.

(RIBEIRO, Valdione dos Santos; Diário de Bordo; Linhares, [s. l.] 2022).

Foi necessário um novo *timeout* com a turma para deliberar sobre essas questões que impediam o bom andamento do jogo. Quando nos reunimos, foi questionado aos alunos sobre as dificuldades encontradas com as novas regras. Cada time defendeu-se que só jogaria a bola no momento que achasse melhor, afinal, segundo eles, o contra ataque deve ser feito no momento em que a defesa do time adversário estiver mais vulnerável. Claro que eles tinham toda a razão, mas então eu lancei o questionamento de que se os dois times só se defendessem, como a partida seguiria?

Então, pontuei que deveria haver uma regra sobre o uso das bolas e quando um time poderia manter sob seu poder uma bola, então, dei alguns minutos para que

pensássemos sobre. Digo “pensássemos”, porque eu também não havia previsto esse tipo de situação, mas que não poderia continuar. Finalmente olhando para as bolas, percebi que cada uma delas era de uma cor diferente (azul e vermelha), então sugeri a seguinte regra: a bola vermelha deveria ser a bola principal, portanto, a bola de ataque, em outras palavras, a bola que ditaria quem estava atacando (como num jogo de queimada tradicional ou de futebol, a bola define quem está atacando); já a bola azul seria a secundária, de modo que só poderia ser utilizada se caso o time estivesse em posse da bola principal. Assim, qualquer time poderia guardar a posse da bola azul, mas só a colocaria em jogo se também estivesse em posse da bola vermelha.

Recomeçamos o jogo com a nova regra e dessa vez o jogo voltou a ser disputado com foco no contra ataque. Foi interessante como cada equipe esforçava-se para manter as duas bolas, enquanto a outra esforçava-se para reaver.

Quando a nova regra foi inserida o jogo voltou a ganhar forma. Cada time que estava em posse somente da bola azul, armava a defesa de forma que conseguisse pegar a bola vermelha. Um dos times utilizou uma estratégia muito inteligente para usar no contra ataque: quando recuperava a bola azul, entregava para um menino que era de longe um dos melhores tecnicamente falando, este guardava a bola embaixo da camisa e assim que o time recuperava a posse da bola vermelha, rapidamente ele arremessava a bola azul na tentativa de queimar um oponente. Levou um certo tempo, mas a equipe adversária começou a usar a mesma estratégia.

(RIBEIRO, Valdione dos Santos; Diário de Bordo; Linhares, [s. l.] 2022).

Na semana seguinte voltamos para a sala de aula para nosso bate papo sobre as questões oportunas da aula anterior. Primeiro discutimos sobre o contra ataque no futebol e sua importância. Os alunos de modo geral entenderam que ele só pode acontecer quando a defesa é bem organizada, do contrário, haveria dois riscos: 1. não conseguiria fazer a bola chegar com qualidade no campo adversário com oportunidade de finalização; e 2: deixaria o próprio campo vulnerável a um ataque iminente do time adversário.

Essa posição dos alunos sobre o contra ataque só foi possível, acredito, em virtude do entendimento que antes eles tiveram sobre os aspectos táticos de ataque e defesa, que por sua vez, foi proporcionado pela atuação de forma estratégica, tática e técnica, conforme aponta autores como Galatti (2014; 2017) e Scaglia (2017).

Para além de apenas de aprender as questões ligadas ao movimento, os JEC proporcionaram aos meus alunos, oportunidades de discutir as questões do jogo ao mesmo tempo que eram instigados a buscar relação com o futebol propriamente dito. Compreendendo o nexos da queimada com anjo, eles apontaram que a regra da bola principal e secundária ajudou os times a se prepararem para um possível contra ataque, pois a medida que recuperavam a bola azul e a mantinham em poder de um dos companheiros, quando a bola vermelha fosse recuperada, o time teria dupla chance de queimar um adversário.

Essa imprevisibilidade e aleatoriedade das ações são apontadas por Garganta (2006); Galatti, Paes e Darido (2010); e Galatti et al (2014; 2017) como catalisador do aprendizado, uma vez que o aluno é incitado a demonstrar sua proficiência pela sua habilidade de perceber as alterações de jogo e rapidamente se adaptar, como foi o caso do time que primeiro guardou a bola secundária esperando o momento certo de atacar; do mesmo modo, o outro time logo adaptou sua própria estratégia ao perceber a movimentação adversária

Contudo, foi apontado por eles também que o time não deveria manter o foco somente na bola azul, pois poderia ser desvantajoso, uma vez que ela sozinha não dava vantagem alguma, servindo apenas como uma “arma secreta” do time e que dependeria da estratégia que o time adotasse para o uso. Mais uma vez os JEC atendeu as expectativas durante o ensino, concordo neste ponto com Scaglia (2017) que o fogo do jogo está nessa instabilidade da ação no próprio jogo, uma vez que não há uma solução única, pelo contrário, constitui um sistema aberto em que as soluções depende das circunstâncias.

Acerca da questão da inclusão da comunidade LGBT comecei a aula exibindo um trecho de um vídeo sobre a 2ª Campeonato brasileiro de times gays, que aconteceu em Porto Alegre, em 2019¹¹. Campeonato realizado pela Ligay Nacional de Futebol¹².

Após a exibição do vídeo, retornei para as questões que foram levantadas na diagnose: homossexuais podem jogar futebol? Você aceitaria jogar numa equipe que tivesse um homossexual? Antes mesmo de começarmos a debater sobre, um

¹¹ Vídeo disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=Hqsb8bWzNeM&t=26s>.

¹² Liga nacional de futebol para jogadores gays. Site oficial: <https://ligaybr.com.br/diretoria.php>.

aluno me questionou a veracidade do vídeo. Se realmente existia um campeonato de futebol somente para gays, ao passo que respondi que sim.

Os meninos disseram que não há nenhum problema em ser gay e jogar futebol, da mesma maneira que não há problema em jogar futebol e ser mulher. Todos demonstraram surpresa em ter um campeonato como o supra citado e que não deveria existir essa divisão.

Isa: Para que um campeonato de futebol gay? Todo mundo deveria jogar junto sem essa besteira de separação!

Professor: Concordo com você. Mas a questão que levanto agora é: Por que eles estão jogando separados? Lembra da fala do jogador? “Está aqui toda uma galera que foi discriminada, nas aulas de Educação Física...”

Kau: Mas isso não deveria acontecer! Aqui com a gente não aconteceu!

Tha: Eu acho que se há essa divisão a culpa é do professor. Você não divide as aulas, mas nosso antigo professor sempre dividia a turma: os meninos jogavam futebol e as meninas queimada.

Ju: Isso é ridículo! Jogar futebol é para quem gosta de futebol. Eu sou menina e não gosto, mas tem meninas que gostam.

Kau: Eu sou menino e não gosto de futebol.

(RIBEIRO, Valdione dos Santos; Diário de Bordo; Linhares, [s. l.] 2022).

A conversa seguiu com a maioria esboçando suas opiniões sobre o assunto. Nas palavras da turma era possível perceber um certo ressentimento acerca do antigo professor de Educação Física que segundo eles “não dava aula”, nem tampouco alguma vez abriu espaço para discussões sobre nenhum assunto envolvendo qualquer tema durante as aulas.

Retornei com a turma sobre a dinâmica de divisão dos times da aula anterior: os jogadores com as etiquetas. Confrontei com a discrepância entre as falas deles e o comportamento na quadra em dividir os times de acordo com a orientação sexual escrita na testa de cada um. As respostas foram um pouco rasas: segundo eles, no momento da atividade entenderam que deveriam fazer os times de acordo com as semelhanças.

Sobre esse aspecto, Bandeira e Seffner (2013; 2017) apontam que o universo do futebol não abre espaço para o diferente do padrão dominante, do ser másculo, por isso, não há espaços para jogadores homossexuais, uma vez que na construção do imaginário popular, o homossexual não tem nada de másculo, ou seja, o homem gay é aquele que se veste de mulher, se maquia, um homem de feições delicadas. Esse preconceito está diretamente ligado aos conceitos do ser homem e mulher na sociedade. Le Breton (2020) discorre que a condição de homem e mulher não está

relacionado com os corpos, mas sim as construções sociais, por isso o imaginário popular, do homem gay é sempre ligado à construção de, assim, como uma mulher, é um homem frágil, ainda que o corpo do homem gay seja exatamente igual ao do homem heterossexual.

Chamei atenção deles que isso acontece com mais frequência do que deveria, que é a mesma situação narrada por um jogador da Copa Ligay no vídeo, quando ele fala sobre o preconceito e estigma que carrega desde as aulas de Educação Física escolar, isto é, de sempre ser deixado de lado simplesmente por ser gay. Silva (2015); e Bandeira e Seffner (2013; 2017) atribui em parte a esse separatismo a criação das torcidas gays organizadas de grandes times brasileiros, pois somente organizando-se entre si, os grupos LGBTQ+ conseguem de fato sentirem-se pertencentes ao universo do futebol.

Contudo, deixei bem claro para meus alunos que não se trata de preconceito proposital da parte deles, mas que vivemos em uma sociedade patriarcal, machista, homofóbica, racista, capacitista¹³ e muitas das vezes cometemos essas injustiças de maneira tão “inocente” que nem parece que estamos fazendo algo que fere o orgulho e a dignidade de outras pessoas, mas que certas atitudes precisam ser pensadas de maneira crítica, conforme aponta Castro e Siqueira (2020), para que tudo não fique sempre no rol das “brincadeiras inocentes”.

O trato dessas situações são tarefas diárias que requerem esforço de todos e sempre que possível, fazer uma auto avaliação. O preconceito com as minorias existe e embora existam leis que tentam inibir essa flagelação desses grupos, somente com a lei não é possível inibir a ação. Finalizei com a fala de uma de minhas professoras durante o curso de mestrado na aula de inclusão: “É fácil dizer que não existe preconceito contra negros, pobres, gays... quando se é branco, classe média e hétero. Não existe uma fórmula mágica para acabar com o preconceito, mas podemos começar aceitando que somos preconceituosos em algum momento com algum grupo.”

Infelizmente eu não consegui trabalhar esse tema com a turma do 9B, pois tivemos uma série de desencontros: numa semana feriado, noutra dia de formação dos professores da prefeitura.

¹³ Expliquei de maneira simples sobre o termo, pois falaríamos sobre isso em aulas posteriores.

7.7 A DIFERENÇA INVISÍVEL

Essa parte deve fugir um pouco da proposta dos JEC, mas que achei digno colocar do ponto de vista socioantropológico. Durante a diagnose, questionei aos alunos se eles já haviam visto sobre futebol adaptado e a resposta foi “não”. Não recebi a resposta com espanto, uma vez que eu só fui conhecer o golbol há pouco tempo em alguma aula de minha graduação. Então, após vermos os aspectos técnicos e táticos do futebol, convidei meus alunos a uma vivência prática do futebol adaptado para pessoas com deficiência visual, o golbol.

Esse assunto acabou sendo discutido apenas com o 9B por causalidades de feriados e eventos na escola. Na primeira aula apresentei as questões conceituais acerca desse esporte; regras básicas e suas possibilidades de ensino na escola. Assim que terminei, uma aluna já apontou uma dificuldade em vivenciar o golbol: a bola. Infelizmente a escola em que atuo não tinha uma bola para a prática, como grande parte das escolas públicas, sofre com a falta de material. Em defesa da escola, digo que se eu solicitasse uma bola adaptada para o golbol, de certo a diretora providenciaria, mas levaria algumas semanas e eu não tinha pretensão de esperar, além disso, vi ali uma oportunidade de discutir algumas questões com meus alunos.

O primeiro ponto que coloquei para eles é o porquê da escola não ter um material desse tipo.

Pe: Eu acho que eles não compram porque não tem ninguém que vá usar. Não tem nenhum aluno cego na escola.

Professor: Mas na sua turma não tem aluno com deficiência visual e estamos aqui discutindo isso e na próxima aula iremos vivenciar o golbol. A propósito, o correto é falar “pessoa com deficiência visual”.

Gab: Mas professores geralmente não estão nem aí. É sempre a mesma coisa. Só uma professora que trabalhou o vôlei sentado com a gente há uns dois anos.

Professor: Que bom que ao menos vocês conhecem o vôlei sentado.

Wet: Professor, qual o sentido da gente conhecer esses esportes se a gente é tudo ‘normal’?

(RIBEIRO, Valdione dos Santos; Diário de Bordo; Linhares, [s. l.] 2022).

Nesse momento, parei a aula para fazer algumas colocações acerca de certos termos que não devemos utilizar. Comecei pelo termo “cego” que deve ser trocado por pessoa com deficiência visual, uma vez que o mais importante é a pessoa e não sua deficiência; segundo o termo pessoa “normal” que deve ser

trocado por pessoa sem deficiência, afinal, é normal ser diferente e ter deficiência é só uma característica de uma pessoa entre muitas outras. Por último, pontuei que é preciso que conheçamos e falemos sobre assuntos como esse, afinal eles existem e precisamos conhecer, para só assim, podermos falar em inclusão, isto é, não podemos simplesmente fingir que pessoas com deficiência são invisíveis.

Terminado o bate papo, levei os alunos para a quadra a fim de fazermos a vivência prática. Chegando lá, pedi que formassem os times com três integrantes enquanto eu preparava o espaço de jogo: optei por utilizar somente as marcações da quadra de vôlei. Depois dos trios divididos foi a vez de apresentar a bola adaptada que iríamos utilizar:

A bola que foi utilizada foi uma comum não oficial que tinha uma camada de couro sintético. Então descosturei um pouco o couro e abri a câmara de ar com um corte, então coloquei algumas dezenas de anéis de lata dentro. Cortei um pedaço de câmara de ar de bicicleta e fiz um remendo na abertura, colando com cola específica para borracha. Depois de secar voltei a costurar o couro e enchi a bola novamente e estava pronta a bola para o golbol.

(RIBEIRO, Valdione dos Santos; Diário de Bordo; Linhares, [s. l.] 2022).

Expliquei as regras básicas e começamos a jogar. Decidimos que cada time teria um tempo de 5 minutos de jogo para assim podermos trocar os trios. Por ter apenas uma bola, só poderíamos jogar de 6 em 6 jogadores. Depois de alguns trios terem experienciado o jogo, paramos para uma conversa sobre o jogo. Questionei a eles sobre a principal dificuldade enfrentada por eles durante a partida.

A principal dificuldade apresentada por eles foi relacionado a ter que usar outro sentido como o principal que não fosse a visão. Para a maioria, ter que depender quase exclusivamente da audição era a parte que mais dificultava.

Khay: Para nós que estamos acostumados a enxergar, é muito difícil ter que usar só os ouvidos! Como os jogadores profissionais conseguem jogar?

Professor: Acredito que esteja mais relacionado com treinamento.

Joi: Não é possível professor! Eles devem ter a audição mais desenvolvida que a gente. Como no ditado: Deus tira de um lado e coloca no outro. (RIBEIRO, Valdione dos Santos; Diário de Bordo; Linhares, [s. l.] 2022).

Expliquei a eles que os deficientes visuais não têm audição melhor e que essa história é apenas um mito capacitista. O capacitismo, que é o preconceito contra pessoas que possuem algum tipo de deficiência, ou simplesmente a opressão

que define as pessoas por suas capacidades é muito presente em nossa sociedade. Apontei que frases como “Essa pessoa é um exemplo de superação”; e “Eu tenho dois braços e duas pernas e não consigo fazer o que ele faz” é carregada desse preconceito e que devemos abolir de nosso cotidiano.

Joi: A vantagem desse esporte é que todo mundo compete em pé de igualdade, já que todo mundo usa vendas nos olhos, não tem como enxergar nada.

Professor: De fato isso é verdade. Acredito que seja um dos poucos esportes que seja possível estar completamente em pé de igualdade.

Gab: Como é possível jogar numa quadra? Deve ser muito difícil devido ao barulho das pessoas.

Professor: As pessoas que vão assistir uma partida de golbol, sabem que precisam ficar em completo silêncio durante as partidas, assim, os jogadores conseguem escutar os guizos da bola.

Pe: Esse esporte poderia ser praticado por outras pessoas que tivessem outras deficiências. O Tha¹⁴, por exemplo, daria pra ele jogar, desde que alguém o ajude a se colocar na quadra. (Ribeiro, Valdione dos Santos; Diário de Bordo; Linhares, [s. l.] 2022).

Terminada a aula, pedi que eles trouxessem para a próxima aula, os pontos inclusivos que tinham na escola e para que tipo de pessoa com deficiência esses pontos atenderiam, além disso, pedi também que eles propusessem alterações que julgassem necessários na escola. Assim, na semana seguinte eles pontuaram sobre as rampas que a escola possuía, além de ter uma mesa adaptada para cadeirante, pontuaram também sobre os dois banheiros com acessibilidade.

Para os pontos de melhoria, achei interessante eles notarem que o portão de acesso à quadra pela escola não havia rampa e que deveria ser difícil levar o Tha., ou que se porventura tivesse um aluno com deficiência visual, a escola não possuía os bloquetes de orientação no chão.

Em um estudo promovido por Fiorini e Manzini (2016) que objetivava identificar as situações de dificuldades e de sucesso de dois professores de Educação Física no que diz respeito à inclusão de alunos com deficiência as autoras puderam constatar que os professores encontraram diversas dificuldades, principalmente em função das estratégias de ensino, recursos pedagógicos e seleção de conteúdos. Do mesmo modo, encontrei certa dificuldade em oportunizar vivências com meus alunos, principalmente devido a falta de material. Contudo, acredito que a vivência do golbol, proporcionou ao menos uma reflexão neles.

¹⁴ O aluno mencionado é o único aluno cadeirante da escola.

Concordo com Fiorini e Manzini (2014; 2016) que essa dificuldade esteja diretamente atrelada à formação continuada oferecida pelas redes municipais. Particularmente não tive uma boa formação durante a graduação e quase nenhuma pela rede, tudo que consegui agregar relacionado à inclusão, foi de cursos de extensão feitos por conta própria.

Há ainda de convir que não há quase investimento nenhum por parte do poder público em preparar os professores para atuarem com esse público, além de não oferecer recursos pedagógicos para tal, como muito bem apontado pelo meu aluno de que não havia bola, porque ninguém iria usar. De qualquer modo, acredito assim como Bezerra (2010) que o caminho para aulas mais inclusivas deva partir também do professor que precisa buscar sua própria formação para além dos saberes tradicionais das aulas.

7.8 O CICLO SE FECHA

Começo essa última parte desse longo capítulo, parafraseando um de meus personagens favoritos, Gandalf, o Branco que em seus últimos momentos diz: “Adeus meu corajosos hobbits! Meu trabalho chegou ao fim. Aqui finalmente, às margens do mar chega ao fim a nossa sociedade. Não direi não chorem, porque, afinal, nem todas as lágrimas são ruins” (O SENHOR DOS ANÉIS: O RETORNO DO REI, 2003). Aqui finalmente chegamos ao fim, depois de quase três meses de esforços, discussões acaloradas e buscas por soluções para problemas que até pareciam impossíveis. Como parte do processo da pesquisa, chegamos ao diagnóstico final: aqui irei descrever o comportamento de meus alunos num jogo de futebol institucionalizado, mais uma vez com praticamente nenhuma intervenção minha para além de ser o árbitro.

Cheguei com os alunos à quadra e contei a eles que aquele seria nosso último encontro de nossa jornada e por um momento vi olhos perplexos me encarando, mas isso foi até eu corrigi que seria nosso último encontro no processo de nossa pesquisa. Então expliquei que retornaríamos a um jogo de futebol com as regras mais básicas e que eu seria “somente” o árbitro.

Pedi que eles se dividissem em duas equipes da forma que avaliassem melhor para fazermos um amistoso. No 9A as equipes foram divididas por um

menino e uma menina que revezaram-se para a escolha dos integrantes de cada equipe.

A menina que dividia o time ganhou no "par ou ímpar" e começou escolhendo o Ma. que era o aluno que mais se destacava no futebol. Já o menino escolheu o outro que mais se destacava, o Ale. Quando foi o momento dela escolher o próximo integrante, os dois cochicharam alguma coisa que não consegui ouvir e logo chamou uma menina. Na vez do outro time, uma menina foi chamada e assim continuou até que todos foram escolhidos, sempre chamando um menino e uma menina. Quis questionar se eles haviam combinado dessa forma, mas como eu disse que não iria interferir, deixei pra lá. (Ribeiro, Valdione dos Santos; Diário de Bordo; Linhares, [s. l.] 2022).

Começaram a partida com todo mundo de uma vez, mas logo pararam a partida alegando que dois times com 7 pessoas estavam muito embolados na quadra, então optaram por jogar com 5 integrantes em cada time, conforme as regras oficiais. O próprio time decidiu quem ficaria na reserva e quando iriam fazer a substituição, o que de acordo com Garganta (1995; 2006) corroborado por Scaglia (2017) é o esperado da metodologia dos JEC, o time interagir de que a individualidade de cada um seja valorizada, mas que seja utilizada da melhor maneira em benefício do grupo.

O jogo recomeçou e os times tentavam na medida do possível manter um bom esquema tático, mas logo a maioria dos integrantes dos times começaram a se cansar, foi quando as substituições começaram. Percebi uma significativa melhora nos aspectos técnicos, bem diferente do início, agora, quase não havia chutes nas canelas, além disso, o time que estava na posse da bola, utilizava bem o espaço da quadra e tocava uns para os outros a fim de manter a posse de bola.

O jogo de Bola Queimada fez sua parte e contribuiu para que os alunos melhorassem o toque e recepção da bola, conforme aponta Sadi (2008); Galatti, Paes e Darido (2010); e Galatti et al (2014; 2017) os aspectos técnicos durante o processo de pedagogização dos JEC são melhorados em decorrência não da repetição metódica de movimentos, mas sim pelo próprio desenvolvimento do aluno em meio às situações que o jogo oferece. Em outras palavras, mesmo que não tenha sido o intuito principal durante o jogo de bola queimada, as imprevisibilidades que o jogo oferecia, compelia aos alunos a buscar mecanismos de fazer a bola

passar por eles até chegar a zona de bola salva, a que eles recorriam ao toque e recepção da bola que eles utilizaram no amistoso entre eles da diagnose final.

Mesmo que a bola estivesse em posse do time, este nunca ia todo para o ataque, sempre ficando ao menos um para mais para trás a fim de ser a última barreira do time adversário antes do goleiro. E quando a bola era perdida pelo time, este imediatamente recuava para o campo de defesa e passavam a marcar a bola, na tentativa de evitar que o time adversário pudesse ter a possibilidade de finalização.

Taticamente, foi perceptível a evolução do grupo, pois o time não mais se amontoava ao redor da bola, pelo contrário, cada um ficava na cobertura de um determinado local da quadra. Além disso, é importante destacar que o time se organizou de modo que alguns sempre ficavam mais atrás, enquanto os demais ficavam mais próximo da linha do meio, o que pude entender como uma tentativa de organizar o esquema de defesa/ataque.

Atribuo essa melhora aos jogos Queimada com anjo e Guerra de Invasão, onde os alunos se organizavam de modo a defenderem-se e atacarem respectivamente. Essa transição das capacidades táticas/técnicas dos para o esporte coletivo propriamente dito é descrito por vários autores (Garganta (1995; 2006); Galatti e Paes (2008); Galatti, Paes e Darido (2010); Galatti et al (2014; 2017)) como sendo uma das principais características dos JEC, desde que durante o processo, o aluno seja capaz de fazer um diálogo lógico entre o jogo e o esporte, para isso, o aluno precisa ser instigado de maneira a fazer o que Garganta (1995) chama de apelo à inteligência de jogo, ou seja, elaborar respostas adequadas aos problemas que surgirem.

Acerca dos aspectos socioantropológicos que acredito, assim como diversos autores (Garganta (1995); Araújo e Ramos (2018); Ferreira (2018); Gonçalves González e Borges (2019);) que sejam tão importantes quanto o próprio aprendizado do esporte em si. Ainda sobre isso, concordo que o esporte por si só não educa, mesmo com o forte apelo midiático sobre isso, precisa portanto, tornar-se educativo, a depender da abordagem que o professor dê a ele durante o processo de ensino na escola.

Foi satisfatório ver que durante a escolha dos times, as meninas tomaram parte do processo, foram ouvidas e auxiliadas quando necessário. O fato do 9A terem revezado entre escolher um menino e uma menina para o time, acredito eu, foi resultado das discussões acerca da igualdade de tratamento e inclusão das mulheres num ambiente que é predominantemente masculino. Além disso, acredito que os meninos perceberam que eram melhores tecnicamente que as meninas não por serem meninos, mas sim por terem tido mais vivências ao longo dos anos. Sobre esse aspecto, concordo com Le Breton (2020, p. 68) que “as qualidades morais e físicas atribuídas ao homem ou à mulher não são inerentes a atributos corporais”, ou seja, não é o corpo feminino menos incapaz de jogar futebol, é apenas a construção e “significação social que lhes damos e às normas de comportamento” (LE BRETON, 2020, p. 68).

Acerca dos demais pontos que levantamos, volto a dizer que não presenciei nenhum indício de preconceito com minorias ou racismo entre eles, nem mesmo através de “brincadeiras”, o que me deixou razoavelmente satisfeito. Mesmo no 9B que tive o problema da violência, os dois que se desentenderam, ao passar dos dias, se apaziguaram e posso dizer que se tornaram bons colegas de sala. O jogo prosseguiu e o cansaço começou a bater nos que estavam jogando e logo começaram a se voluntariar para serem substituídos pelos reservas. Mais uma vez, pude perceber que as equipes estavam bem entrosadas.

Foi a partir daí que a partida tomou conotação de um jogo, ou melhor, de uma brincadeira, ou como diria Freire (2017), o tempo de jogar nunca acaba. Os alunos começaram a focar mais em chutar a bola para lá e pra cá e os sistemas defensivo/ofensivo, bem como os aspectos técnicos, foram dando lugar a brincadeiras com os pés. Freire (2011) argumenta que é preciso fazer os alunos gostarem de futebol, não sei se naquele momento eles estavam gostando do futebol, mas posso afirmar com total certeza que eles estavam gostando muito de chutar a bola (agora que todos sabiam minimamente como fazer) de um lado para o outro.

Ainda tínhamos muito tempo de aula e gostaria de ter observado um pouco mais da partida amistosa entre eles, com todos os aspectos táticos/técnicos sendo devidamente utilizados, mas confesso que naquele momento eu larguei a minha posição de árbitro e comecei junto com eles a correr atrás da bola na tentativa de

fazer um gol, a partir daí foi uma festa. Os dois times ainda estavam empenhados em fazer um gol, ainda estavam tentando utilizar o que haviam aprendido ao longo dos meses anteriores, ainda mantinham minimamente as estratégias, ainda jogavam como um único time, mas no meio deles havia um coringa que atendia pelo nome de Professor Johnny, ou simplesmente Johnny que tentava fazer um gol de qualquer lado da quadra.

A partida foi finalizada sem ninguém marcar um único gol, mas não tinha problema algum com isso, pois todos tínhamos ganhado durante o processo e as medalhas que geralmente ficam penduradas nos pescoços, estavam estampadas nos rostos dos alunos e mais ainda no rosto sorridente do professor que assim como o personagem Gandalf já supracitado, chegava a conclusão de que seu trabalho estava feito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O futebol é o esporte de maior presença nas aulas de Educação Física escolar, contudo, no universo da pesquisa isso não é tão verdadeiro, como pode perceber, estando limitado a alguns poucos, e que para a grande maioria, o único contato com esse esporte limita-se a assistir os jogos de seus times preferidos na televisão. É evidente que é um esporte muito presente na cultura do Brasil, mas daí dizer que o “Brasil é o país do futebol” é um pouco exagerado. Particularmente não acredito que houve um tempo onde o Brasil tenha sido o país do futebol, uma vez que a exclusão sempre se fez presente de um grupo específico ou grupos, a depender da época sejam os negros, as mulheres, os menos favorecidos economicamente, a comunidade LGBTQ+.

Não há como negar, no entanto, que no que concerne à escola, o futebol é um conteúdo muito rico de se trabalhar justamente pela sua historicidade e a forte presença cultural no país. Contudo, é relevante que ele seja pensado de modo que seja muito mais do que apenas mais um conteúdo prático de fundamentos técnicos que o aluno precisa aprender a partir de repetições dos movimentos característicos.

Penso o futebol na escola como elemento formador e catalisador de mudanças nos alunos. Não obstante, para que ele seja capaz de gerar alguma transformação ou ao menos provocar reflexão nos alunos, novas propostas de ensino precisam ser adotadas que vão muito além de repetição de movimentos como nas abordagens mais tradicionais de ensino.

A proposta dos Jogos Esportivos Coletivos é uma dessas práticas pedagógicas que pode ser usada como alternativa para o ensino esportivo na escola. Os JEC, pensados pedagogicamente para o ambiente escolar, puderam

proporcionar muito mais do que o simples aprendizado da modalidade esportiva, como também abrir um leque de situações que puderam ser debatidas com os alunos.

Atribuo esse fato à característica dessa prática pedagógica que é o uso de jogos que evocam situações de jogo que precisaram ser resolvidas de forma coletiva, sempre em prol do bem comum, do time inteiro sem que, no entanto, as qualidades individuais dos alunos fossem desprezadas, tal qual a vivência em sociedade, assim, há o nexo no que está sendo tratado na escola com a própria vida dos alunos.

Claro que para que isso aconteça, cada professor precisa enxergar o ensino do futebol (assim como os demais conteúdos escolares) pelo prisma do papel da escola como ambiente de formação integral do aluno, não apenas na absorção de esquemas quantitativos e fórmulas prontas para a resolução de problemas que se distancia da realidade vivida pelos alunos. Deste modo, o acredito que os JEC puderam proporcionar as vivências necessárias aos alunos, sem que parecesse a eles que tudo aquilo pertencesse a um ambiente do outro lado do Cosmo.

Todo o processo foi construído sobre a perspectiva da pesquisa-ação, o que possibilitou aos alunos a participarem ativamente da resolução dos problemas que apareciam durante o percurso. Acredito que essa forma de pesquisa tenha sido mais um mecanismo que os auxiliou a sentirem-se como protagonistas durante o ensino aprendido e não somente espectadores ou sujeitos passivos. Cada problema encontrado e solução construída durante os jogos foi pensado coletivamente e as estratégias desenvolvidas foram sempre levando em consideração estratégias visando o bem coletivo, num ambiente cooperativo.

Como resultado desse processo, os JEC proporcionaram resultados satisfatórios no campo do desenvolvimento tático/técnico que pudessem ser utilizados no futebol. Ao passo que os próprios alunos puderam perceber o próprio futebol nos jogos que foram desenvolvidos ao longo do processo. Para além do aprendizado de habilidades táticas/técnicas, os debates relacionados a aspectos socioantropológicos que foram discutidos em sala de aula mostraram produtivos, uma vez que a mudança foi perceptível imediatamente. Claro que não posso deixar de citar que esse comportamento podem ter sido impulsionados pelos momentos em sala de aula e que a exclusão e preconceito podem aparecer em momentos fora do

ambiente, mas acredito que o primeiro passo foi dado em direção à mudança permanente: a reflexão sobre o próprio ato.

Concluo que a prática pedagógica dos JEC aparece como uma alternativa para o ensino esportivo na escola para todo professor que deseja que o ensino seja diferenciado dos métodos tradicionais que visam o ensino da prática de repetição de movimentos dissociados do esporte em si. Além disso, por envolver a resolução de situações problemas, os JEC podem proporcionar discussões sobre aspectos sociais relevantes do/no esporte e sua atuação na sociedade ao mesmo tempo que esta o influencia.

REFERÊNCIAS

AQUINO, R. L. de Q. T. de; MENEZES, R. P. Abordagens tradicionais e centradas no jogo para o ensino dos esportes coletivos de invasão: um ensaio teórico. **Conexões**, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/conex.v20i00.8666344>. Acesso em 24/09/2022 às 11:01h.

ARAÚJO, L. F.; RAMOS, A. R. **O esporte na/da escola: limites e possibilidades para a formação humana**. In: Anais V CONEDU... Campina Grande: Realize Editora, 2018. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/48075>>. Acesso em: 07/09/2022 18:11.

BALZANO, O. N. et al. O futebol como ferramenta de inclusão social e escolar, **Pensar a prática**, Goiânia, 2019, v. 22. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/54835/34270>

BANDEIRA, G. A.; SEFFNER, F. O que pensam os torcedores do grêmio sobre a experiência da torcida coligay. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos)**, Florianópolis, 2017. Disponível em: http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499350302_ARQUIVO_Textocompleto.pdf. Acesso em 08/09/22 às 16:52h.

BANDEIRA, g. a.; SEFFNER, f. Futebol, gênero, masculinidade e homofobia: um jogo dentro do jogo. **Espaço plural**, [s. l.], v. 14, n. 29, p. 246–270, 2013. disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/espacoplural/article/view/10426>. acesso em: 4 ago. 2022.

BEZERRA, A. F. S. **Estratégias para o ensino inclusivo de alunos com deficiência nas aulas de educação física** 2010. 108f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2010.

BORGES, F. V. Os clubes de futebol e novas formas de produzir informações desportiva. **Mediapolis - Revista de Comunicação, Jornalismo e Espaço Público**. Nº 8, 2019. Disponível em: https://doi.org/10.14195/2183-6019_8_8. Acesso em 24/05/2022.

BRACHT, V.. Esporte na escola e esporte de rendimento. **Movimento**. Porto Alegre, vol. 06, nº 12, p. XIV – XXIV, 2000. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2504>. Acesso em 23/05/2022.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 1.044, de 21 de outubro de 1969**. Dispõe sobre tratamento excepcional para os alunos portadores das afecções que indica. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del1044.htm. Acesso em 08/09/22 às 16:37h.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 3.199 de 14 de abril de 1941**. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. Brasília, 1941. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/del3199.htm. Acesso em 08/09/22 às 16:37h.

BRASIL. **Lei Nº 10.793, de 1º de dezembro de 2003**. Altera a redação do art. 26, § 3º, e do art. 92 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que "estabelece as diretrizes e bases da educação nacional", e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.793.htm. Acesso em 08/09/22 às 16:37h.

BRASIL. **Lei nº 4024, de 20 de dezembro de 1961**. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4024-20-dezembro-1961-353722-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em 24/09/2022 às 10:42.

BRASIL. **Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, Brasília, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em 08/09/22 às 16:37h.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017.

BROUGÈRE, G. **Brinquedo e cultura**. Tradução de Maria Alice de Sampaio Dória. São Paulo: Cortez, 1995. 110p.

BROWN, M. In: **Podcast Meu nome é correria**, Mano Brown – Meu nome é correria. *Youtube*, 22 de julho de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TCdQ5FHKOc0&t=208s>.

CAILLOIS, R. **Os jogos e os homens**. Lisboa: Portugal, 1990.

CALÇADE, P. “Brasil não tem nada de país do futebol”: Paulo Calçade e analista do GE criticam cultura do esporte. Entrevista concedida a Luís Lima e Victor de Godoy Santos. **Esquinas**, Revista Digital, 16 de abril, 2021. Disponível em: <https://revistaesquinas.casperlibero.edu.br/esportes/brasil-nao-tem-nada-de-pais-do-futebol-paulo-calcade-e-analista-do-ge-criticam-cultura-do-esporte/>. Acesso em 01/11/2022 às 16:32.

CAMARGO, W. X. de O armário da sexualidade no mundo esportivo. **Revista Estudos Feministas** [online]. 2018, v. 26, n. 1. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1806-9584.2018v26n142816>. Acesso em 08/09/22 às 16:55h

CARLAN, P. **O esporte como conteúdo da educação física escolar**: um estudo de caso de uma prática pedagógica; 2012. Tese (Doutorado). Programa de pós graduação em Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/100461/309795.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 23/05/2022.

CASTRO, G. H. C. de; SIQUEIRA, M. V. S. “Vão achar que é uma piada, mas, para nós, não!”: discursos de resistência em clubes brasileiros de futebol gay. **Cadernos EBAPE.BR** [online]. 2020, v. 18, n. 4, pp. 1058-1070. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1679-395120200097>. Acesso em 08/09/22 às 16:49h.

CHATEAU, J. **O jogo e a criança**. São Paulo: Summus, 1987.

CLEMENTE, F.; MENDES, R. Aprender o jogo jogando: uma justificação transdisciplinar. **Exedra**, nº 11, 2011. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/230647154_Aprender_o_jogo_jogando_um_a_justificacao_transdisciplinar. Acesso em 24/05/2022.

COSTA, L. V. B.; A importância do futebol nas aulas de Educação Física escolar, **Centro de Ensino Unificado de Brasília**, nov-2015. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/235/7559>; Acesso em: 23/05/2022.

DA MATTA, R. **A bola corre mais que os homens**: Duas Copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol. Rocco, 2006.

DA MATTA, R. **Universo do Futebol**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DAOLIO, J. A superstição no futebol brasileiro. In: DAOLIO, J. (Org). *Futebol, Cultura e sociedade*. Campinas: Autores Associados, 2005.

DAOLIO, J. Jogos esportivos coletivos: dos princípios operacionais aos gestos técnicos - modelo pendular a partir das ideias de Claude Bayer*. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília v. 10 n. 4 p. 99-104, 2002. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/view/478>. Acesso em 09/08/2021.

DARIDO, S. C.. **Educação Física na escola: questões e reflexões**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

ESPÍRITO SANTO, Secretaria do Estado de Educação, **Novo Currículo Capixaba**, Vitória, 2019.

FERREIRA, L. A.; RAMOS, G. N. S. Esporte e Educação. **Revista PUCViva**, no. 38, p.58-62, maio/agosto de 2010. Disponível em: https://www.apropucsp.org.br/files/ugd/2a264a_cd5df42f671046a0aa2032669e232231.pdf. Acesso em 02/08/22 às 13:23h.

FERREIRA, L. A; O ensino do conteúdo esporte na educação física escolar: desafios e possibilidades. **Temas em Educação Física Escolar**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, out/2018, p. 7 – 18. Disponível em: <https://www.cp2.g12.br/ojs/index.php/temasemedfísicaescolar/article/download/1911/1354>. Acesso em 07/09/22 às 18:28h.

FERREIRA, T. MOREIRA, E. C.; Educação Física escolar e futebol: o que pensam os alunos do ensino médio; **Motrivivência**; vol. 31, nº 58; 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2019e56400>; Acesso em 23/05/2022.

FIORINI, M.L.S.; MANZINI, E.J. Dificuldades e sucessos de professores de educação Física em relação à inclusão escolar. Relato de Pesquisa, **Revista brasileira de educação especial**. 22 (1) Jan-Mar 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-65382216000100005>

FIORINI, M.L.S.; MANZINI, E.J. Inclusão de alunos com deficiência na aula de educação física: identificando dificuldades, ações e conteúdos para prover a formação do professor. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v.20, n.3, p.387-404, 2014.

FRANCHI, S. Jogos tradicionais/populares como conteúdo da cultura corporal na educação física escolar. **Motrivivência** Ano XXV, Nº 40, P. 168-177 Jun./2013. Disponível em: [dx.doi.org/10.5007/2175-8042.2013v25n40p168](https://doi.org/10.5007/2175-8042.2013v25n40p168). Acesso em: 09/08/2021

FREIRE, J. B. *In*: Paulo Freire, 100 anos. Direção: Leão Serva. Produção: Departamento de jornalismo da TV Cultura, TV Cultura, 2021.

FREIRE, J. B. **O jogo**: entre o riso e o choro. Autores Associados, 2017.

FREIRE, J. B. **Pedagogia do futebol**. Autores Associados, 2011.

FREIRE, J. B.; SCAGLIA, A. J. **Educação como prática corporal**. São Paulo: Scipione, 2003.

GALATTI, L. R. et al. Pedagogia do esporte: tensão na ciência e o ensino dos jogos esportivos coletivos. **Revista da Educação Física/UEM**, 25, 153-162, 2014. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/21088>. Acesso em 23/05/2022

GALATTI, L. R., et al O ensino dos jogos esportivos coletivos: avanços metodológicos dos aspectos estratégico-tático técnicos, **Pensar a Prática**, Goiânia,

v. 20, n. 3, jul./set. 2017. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/39593>. Acesso em: 09/08/2021.

GALATTI, L. R.; PAES R. R. Fundamentos da Pedagogia do Esporte no Cenário Escolar; **Movimento & Percepção**, Espírito Santo do Pinhal, SP, v. 6, n. 9, jul./dez. 2006. Disponível em: ferramentas.unipinhal.edu.br/movimentoepercepcao/viewarticle.php?id=79. acesso em 07/09/22 às 18:20h

GALATTI, L. R.; PAES R. R.; DARIDO S. C. Pedagogia do Esporte: livro didático aplicado aos jogos esportivos coletivos. **Motriz**, Rio Claro, v.16 n.3 p.751-761, jul./set. 2010. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5016/1980-6574.2010v16n3p751>. Acesso em 24/05/2022

GALEANO, E. **Futebol ao sol e à sombra**. L&PM; 1ª edição, 2014.

GARGANTA, J. (Re)Fundar os conceitos de estratégia e tática nos jogos desportivos colectivos, para promover uma eficácia superior. **Rev. bras. Educ. Fís. Esp.**, São Paulo, v.20, p.201-03, set. 2006. Suplemento n.5. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/392063505/Re-Fundar-Os-Conceitos-de-Estrategia-e-Tactica-Nos-Jogos>. Acesso em 24/05/2022.

GARGANTA, J. O Ensino dos Jogos esportivos coletivos: perspectivas e tendências. **Movimento**, v. 4, n. 8, p. 19–27, 2007. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2373>. Acesso em: 24 maio. 2022.

GARGANTA, J. **Para uma teoria dos jogos desportivos colectivos**. In: GRAÇA, A. & OLIVEIRA, J. (orgs.). O ensino dos jogos desportivos: FCDEF-UP: Centro de Estudos dos Jogos Desportivos, p. 11-25, 1995.

GARGANTA, J. Refundar os conceitos de estratégia e tática nos jogos esportivos coletivos para promover uma eficácia superior. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. São Paulo, v.20. p.201-203. 2006.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GONÇALVES, V.; GONZÁLEZ, F. J. ; BORGES, R. M. A abordagem da competição esportiva na escola: uma pesquisa-ação com professores de Educação Física. **Revista Motrivivência**, v.31, p.23, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2019e54308>. Acesso em: 07/09/22 às 18:14h.

GRECO, P. J.; BENDA, R (orgs.): **Iniciação esportiva universal**: da aprendizagem motora ao treinamento técnico. vol 1. Editora Universitária: UFMG. 1998.

HARBOE, B. B. Futebol e Evasão Escolar A influência de jogadores sobre alunos da rede pública de ensino. Pontífica Universidade Católica, 2015. Disponível em: http://www.econ.puc-rio.br/uploads/adm/trabalhos/files/Barbara_Brandao_Harboe.pdf. Acesso em 24/05/2022.

HUIZINGA, J. (1999). **Homo ludens**: o jogo como elemento da cultura. Perspectiva: São Paulo.

INCEPTION, Direção: Christopher Nolan; Produção de Christopher Nolan e Emma Thomas, Warner Bros. Pictures, 2010.

KISHIMOTO, T. M. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**, 14ª Ed., São Paulo: Cortez, 2011.

LE BRETON, D. **Sociologia do corpo**, Editora Vozes, 6º Edição, 2020.

LEITE, E. A. O esporte na escola: sua realidade e possibilidade de mudanças. **www.efdeportes.com/Revista Digital** - Buenos Aires - Año 14 - Nº 142 - Marzo de 2010. Disponível em: <https://efdeportes.com/efd142/o-esporte-na-escola.htm>. Acesso em: 07/09/2022 às 18:03h.

LEWIN, K. **Problemas de dinâmica de grupo**. Ed. Cultrix, São Paulo, SP, 1946.

LOPES, F. T. P. REIS, H. H. B. dos; Ideologia, futebol e violência: uma análise do relatório “Preservar o espetáculo, garantindo a segurança e o direito à cidadania”. **Arquivos Brasileiros de psicologia**, Rio de Janeiro, vol. 69, nº 3, 36-51, 2017. Disponível: <https://www.redalyc.org/pdf/2290/229054050004.pdf>. Acesso em 01/11/2022 às 17:02h.

LOPES, F. T. P.; PRIOLI, M. C. Futebol, visibilidade e poder: lógicas da violência nos espetáculos futebolísticos. **Revista Comunicação Midiática**, Bauru, SP, v. 10, n. 3, p. 119–134, 2015. Disponível em: <https://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/CM/article/view/129>. Acesso em: 12 out. 2022.

MACHADO, T. da S. et al As Práticas de Desinvestimento Pedagógico Na Educação Física Escolar. **Movimento**, v. 16, n. 2, p. 129–147, 2010. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/10495>. Acesso em: 23 maio. 2022.

MARTINI, C. O. P.; VIANA, J. A. “Jogando” com as diferentes linguagens: atualização dos jogos na Educação Física escolar. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. 2016;38(3):243---250. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.rbce.2016.01.004>. Acesso em 10/08/2021

MARTINI, C. O. P.; VIANA, J. A. “Jogando” com as diferentes linguagens: atualização dos jogos na Educação Física escolar. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. 2016;38(3):243---250. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.rbce.2016.01.004>. Acesso em 10/08/2021

MARTINS, D. R., BARROS FILHO, M. A., & PEDROSO, C. A. M. de Q. . Nível de satisfação das atletas do Futebol feminino participantes do campeonato pernambucano 2018. **RBFF - Revista Brasileira De Futsal E Futebol**, 12(47), 87-93. Recuperado de <http://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/884>. Acesso em 24/05/2022.

MARTINS, M. Z e colaboradores. **O futebol é delas**: cartilha pedagógica; 1ª Ed.; Vitória – ES; Grafitusa, 2020.

MARTINS, M. Z.; SILVA, K. R. S.; VASQUEZ, V.. As mulheres e o país do futebol: intersecções de gênero, classe e raça no Brasil. **Movimento** (Porto Alegre), v. 27, e27006, jan./dez. 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/109328>. Acesso em 08/09/22 às 16:25h.

MATIAS, W. B.; MASCARENHAS, F. . “Olho no lance”: a relação entre mídia e futebol . **Tropos: comunicação, sociedade e cultura**, nº 8(2), 2019. Disponível

em:periodicos.ufac.br/index.php/tropos/article/view/2952. Acesso em 01/11/2022 às 16:29h.

MÉLLO, R. P. et al. Construcionismo, práticas discursivas e possibilidades de pesquisa. **Psicologia e Sociedade**, v.19, n.3, p. 26-32, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822007000300005>. Acesso em 09/08/2021

MORIN, J. G. G. A trajetória escolar de ex-atletas de categorias de base dos clubes de futebol em Santa Catarina. **Repositório Institucional UFSC**, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/193566>. Acesso em 24/05/2022.

MOURA, A. F.; LIMA, M. G. A reinvenção da roda: roda de conversa, um instrumento metodológico possível. **Universidade Federal da Paraíba. Revista Temas em Educação; João Pessoa** Vol. 23, Ed. 1, (Sep 2014): 95-103. Disponível em: <https://www.proquest.com/openview/23ac2587640666ea1799b2197c7b1f00/1?pq-origsite=gscholar&cbl=4514812>. Aceso em 24/09/2022 às 10:31.

MOURA, C. C. et al. Pedagogia do esporte: a importância da utilização da situação problema no processo de ensino aprendizagem dos jogos coletivos, **Educação Física em Revista**, 2013, v. 7, n. 2, p. 58-64. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/efr/article/view/885>. Acesso em 09/08/2021

NOGUEIRA, Q. W. C. Educação Física, jogo e cultura. **Cadernos de Educação | FaE/PPGE/UFPEl | Pelotas** [29]: 119 - 134, julho/dezembro 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/view/1784>. Acesso em 09/08/2021.

OLIVEIRA, E. A. de; et al. Currículo de formação no futebol: interface da teoria bioecológica e a pedagogia do esporte. **Corpoconsciência**, Cuiabá-MT, vol. 21, n. 03 p. 97-108, set./dez., 2017. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/5280>. Acesso em 23/05/2022.

PAES, R. R.; BALBINO, H. F. **Pedagogia do Esporte**: contextos e perspectivas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

PEREIRA, M. P. V. C., et al Reflexões sistêmicas do jogo: Contribuições para a Educação Física. **Journal of Sport Pedagogy and Research**, 4(3), pp.60-64, 2018.

Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/330761685_60-64_Reflexoes_Sistemicas_do_Jogo_Contribuicoes_para_a_Educacao_Fisica.

Acesso em 10/08/2021

PERFEITO, R. S. O jogo como um relevante conteúdo de ensino na formação do sujeito e na prática escolar. **EFDeportes.com, Revista Digital**. Buenos Aires, Año 15, Nº 153, Febrero de 2011. Disponível em: /www.efdeportes.com/efd153/o-jogo-como-um-relevante-conteudo-de-ensino.htm.

Acesso em 09/08/2022.

PINHEIRO, A. Juiz nega ação de Rycharlyson e diz que futebol é para macho.

Revista Consultor Jurídico, 3 de agosto de 2007, 19h25. Disponível em:

https://www.conjur.com.br/2007-ago-03/juiz_nega_acao_jogador_futebol_macho.

Acesso em 01/11/2022 às 17:15h.

POZZI, L.; RIBEIRO, C. H. V. Esporte e Mídia. In: DA COSTA, Lamartine (org.).

Atlas do esporte no Brasil. Rio de Janeiro. Conef, 2006.

QUEIRÓZ, E. de; **O primo Basílio**, Penguin-companhia, 2015.

REIS, N.; ROSA. S. É uma partida de futebol. *In.*: Skank: **O Samba Poconé**. São Paulo, Chaos, 1996. (LP, CD).

REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J.; PAES. R. R. Pedagogia do esporte: panorama e análise conceitual das principais abordagens. **Motriz**, Rio Claro, v.15 n.3 p.600-

610, jul./set. 2009. Disponível em:

<https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/2478/2477>

. Acesso em 07/09/22 às 18:23h.

RIBEIRO, Raphael R. Futebol de mulheres em tempos de proibição: o caso das partidas Vespasiano x Oficina (1968). **Mosaico**, v. 9, n. 14, p. 48–69, 2018.

Disponível em:

<https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/mosaico/article/view/73995/73205>.

Acesso em: 08/09/22, às 16:24h.

SADI, R. S. Ensino/aprendizagem de esportes coletivos a partir de um jogo de queimada. **Efdeportes.com/Revista Digital**, Buenos Aires, 2008. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd119/esportes-coletivos-a-partir-de-um-jogo-de-queimada.htm>. Acesso em 09/08/2021.

SARTRE, J. P. **O ser e o nada**: Ensaio de ontologia fenomenológica, 24ª Ed. Vorazes, 2015.

SCAGLIA, A. J. **O futebol e os jogos/brincadeiras com os pés**: todos iguais, todos diferentes. 2003. 164p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, SP. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000313822>>. Acesso em 24/05/2022.

SCAGLIA, A. J. **O futebol que se aprende e o futebol que se ensina**. Campinas. 1999. 242f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)–Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

SCAGLIA, A. J. Pedagogia do Jogo: O processo organizacional dos Jogos Esportivos Coletivos enquanto modelo metodológico para o ensino. **Revista portuguesa de ciências do desporto**, S1A, p. 27–38. 2017. Disponível em: <https://rpcd.fade.up.pt/entradaPT.html>. Acesso em 24/05/2022

SCAGLIA, A. J.; REVERDITO, R.; GALATTI, L. Ambiente de jogo e ambiente de aprendizagem no processo de ensino dos jogos esportivos coletivos: desafios no ensino e na aprendizagem dos jogos esportivos coletivos. In: NASCIMENTO, J.; RAMOS, V.; TAVARES, F. (Org.). **Jogos desportivos**: formação e investigação. Florianópolis: Editora Tribo da Ilha, 2013.

SENHOR DOS ANÉIS: O RETORNO DO REI, O; Direção: Peter Jackson; Produção: Barrie M. Osborne; Fran Walsh, Peter Jackson, New Line Cinema, 2003.

SILVA ILHA, F. R. da; HYPOLITO, A. M. Esportivização Da Educação Física Escolar: Um Dispositivo E Seus Regimes De Enunciação, **Movimento**, vol. 22, núm. 1, p. 173-186, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1153/115344155013.pdf>. Acesso em 23/05/2022.

SILVA, G. C. **Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista: entre a proibição e a regulamentação (1965-1983)**. Dissertação (Mestrado) – São Paulo: Universidade de São Paulo, 2015. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-10092015-161946/publico/2015_GiovanaCapucimESilva_Vcorr.pdf. Acesso em 08/09/22 às 16:27h.

SOUZA, J. de; JÚNIOR, W. M., As linhagens da sociologia do futebol brasileiro – um programa de análise. **Movimento**, Porto Alegre, v. 23, n. 1., p. 101-118, jan./mar. de 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/download/55428/40961>. Acesso em: 11/08/2021.

SOUZA, R. F.de; GAJANIGO, P. R.. A política de combate à violência nos estádios de futebol: panorama e os impactos em três capitais brasileiras. **Terceiro Milênio: Revista crítica de Sociologia e Política**, vol. 8, nº 1, jan-jun, 2017. Disponível em: <https://revistaterceiromilenio.uenf.br/index.php/rtm/article/view/14/15>. Acesso em 01/11/2022 às 16:55h.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 17 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica, **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005. Disponível em: <<<https://www.scielo.br/j/ep/a/3DkbXnqBQyq5bV4TCL9NSH/?lang=pt&format=pdf>>>
> Acesso em: 26/07/2021 Às 16:22h.

VELOSO, R. R.; SÁ, A. V. M.; Reflexões sobre o jogo: conceitos, definições e possibilidades. [http://www.efdeportes.com/Revista Digital](http://www.efdeportes.com/Revista%20Digital) - Buenos Aires - Año 14 - N° 132 - Mayo de 2009. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd132/reflexoes-sobre-o-jogo.htm>. Acesso em 09/08/2021

VYGOTSKY, L. S. Formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

ANEXO A: LINK DE ACESSO A O *E-BOOK*

[https://drive.google.com/file/d/19cjJbbIhXrBmrs9fvZhhI4nj-L8QAAYA/view?usp=share link](https://drive.google.com/file/d/19cjJbbIhXrBmrs9fvZhhI4nj-L8QAAYA/view?usp=share_link)